



Vamos celebrar!

ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS
ANTOLOGIA LITERÁRIA. VOL. II



Vamos celebrar!

HÁ 25 ANOS, DE HISTÓRIAS E
HERANÇAS, ESCREVEMOS O FUTURO



EDITORIA BECALETE
Livros e Encantos

MOGI GUAÇU/SP
2025

Proibida a reprodução total ou parcial dos textos desta obra sem prévia autorização do seu autor ou do seu responsável legal.

Direitos reservados.

Ficha técnica

Editor: Luciano Becalete

Coeditora: Fabiana Lourenço Becalete

Assistente Editorial: Letícia Batista Macêdo

Assessoria bibliotecária: Maurício Amormino Jr.

Diagramação: André Gobbo

Imagen da capa: Acervo público digital

Obra catalogada conforme regem as normas editoriais.

O conteúdo desta obra foi liberado e autorizado para impressão mediante verificação dos arquivos finais pelo autor e/ou seu responsável legal.

As ideias aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a) autor(es) e não refletem necessariamente a opinião da editora.

Editora Becalete

Livros e encantos

editorabecalete@gmail.com

www.editorabecalete.com.br

[@editorabecalete](https://www.instagram.com/editorabecalete)



ANTOLOGIA LITERÁRIA. VOL. II

Comissão responsável, designada pela Portaria N° 002/AIL/2025,
de 19 de março de 2025:

André Gobbo - Coordenação Geral
Ilda Helena César - Membro
Marileide Lonzetti - Membro
Samara Miranda - Membro
Haroldo Augusto Moreira - Membro

As ideias defendidas e opiniões expressas em cada texto são de responsabilidade de cada autor(a), não expressando, necessariamente, as verdades defendidas pelas Academia Itapemense de Letras (AIL). Cabe, portanto, a cada autor(a), o cuidado e o respeito pela autenticidade do conteúdo apresentado, de acordo com o estabelecido no Código de Ética da AIL.

ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS

Instagram: @academiaitapemenseletras
Site: www.academiaitapemense.org.br

Apresentação

“O tempo é um rio que corre veloz, mas há palavras que resistem à correnteza.”

— Cecília Meireles

Em 2025, a Academia Itapemense de Letras celebra o seu Jubileu de Prata — vinte e cinco anos dedicados à promoção da cultura, ao estímulo da criação literária e à preservação da memória de Itapema e de sua gente. A presente antologia marca este momento histórico, reunindo textos de seus membros que, com sensibilidade e vigor, continuam a dar forma e sentido à missão fundadora da entidade.

São vinte e cinco anos de uma travessia construída por mãos generosas e mentes criativas, sustentadas pela convicção de que a palavra — escrita, declamada, partilhada — é ferramenta de permanência e transformação. Esta coletânea é, pois, testemunho da vitalidade da Academia, de sua capacidade de renovar-se sem perder a fidelidade aos seus valores originais.

“Escrever é construir um sentido para a vida.”

— Clarice Lispector

Nesta edição, prestamos também uma homenagem a duas acadêmicas que marcaram profundamente nossa história e que, neste ano, foram celebradas em sessão da saudade: Ofélia Terezinha Baldan e Luiza Machado dos Santos. Mulheres de saber, de palavra firme e sensibilidade rara, suas presenças continuam a ecoar entre nós, naquilo que ensinaram, criaram e inspiraram. A elas, dedicamos esta antologia como forma de gratidão e eternização.

“Os que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

— Antoine de Saint-Exupéry

Que este volume possa alcançar leitores de diferentes tempos e lugares, e que cada página sirva como convite à reflexão, à beleza e ao reencontro com a literatura como bem coletivo. E que os próximos vinte e cinco anos sejam guiados pela mesma chama que nos trouxe até aqui: o amor pelas letras e pelo legado cultural que nos foi confiado.



Sumário

Apresentação	07
Cadeira nº 1 - Maristela Oliveira Rocha	11
Cadeira nº 3 - Juely Anete Tortato	23
Cadeira nº 4 - Carlos Higbie	37
Cadeira nº 8 - André Gobbo	51
Cadeira nº 10 - Marileide Lonzetti	67
Cadeira nº 12 - Cássia Cristina da Silva	81
Cadeira nº 14 - Zeni Maria de Oliveira	93
Cadeira nº 15 - Maira Gledi Freitas Kelling	105
Cadeira nº 22 - Haroldo Augusto Moreira	117
Cadeira nº 25 - Ivo Gomes de Oliveira	131
Cadeira nº 27 - Ilda Helena Cezar	143
Cadeira nº 30 - Samara Miranda	153
Cadeira nº 33 - Estella Parisotto Lucas	163
Cadeira nº 35 - Magnus Francisco Antunes Guimarães	181
Cadeira nº 38 - Francisco Eduardo Barbosa	197
Homenagens Póstumas	
• Ofélia Terezinha Baldan	211
• Luiza Machado dos Santos	223
Galeria de Presidentes da AIL	243
Cadeiras, Patronos e membros da AIL.....	249



CADEIRA N° 1

Maristela Oliveira Rocha

Homenagem ao Patrono

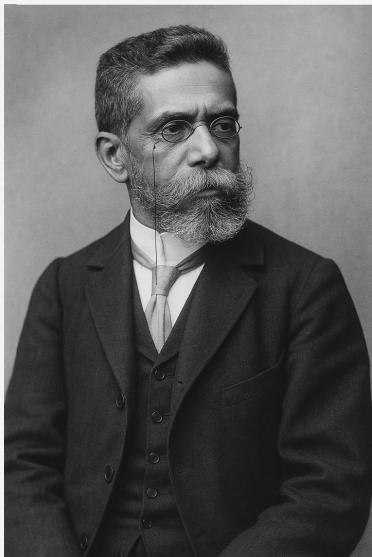


Imagen gerada pela IA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro e faleceu em 29 de setembro de 1908.

Considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira e fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis superou muitas barreiras sociais para se destacar como poeta em uma época marcada por preconceitos raciais e desigualdade.

Filho de uma lavadeira e de um pintor, Machado era negro, pobre e epilético. Ainda assim, foi autodidata, aprendeu francês, latim e estudou por conta própria.

Desde jovem trabalhou como tipógrafo, revisor e funcionário público, até se consolidar como escritor.

Sua carreira literária é dividida em duas fases: a fase romântica, com obras como *Ressurreição* (1872) e *A Mão e a Luva* (1874), e a fase realista, iniciada com *Memórias*

Póstumas de Brás Cubas (1881), marco da mudança em seu estilo mais crítico e inovador revelando a maturidade de sua escrita.

Machado de Assis inovou ao usar narradores irônicos, como Brás Cubas e Dom Casmurro (de Dom Casmurro, 1899), revelando a complexidade psicológica dos personagens e criticando, com sutileza, a sociedade da época.

Também é destaque o romance Quincas Borba, onde seu estilo é marcado pela inteligência, pessimismo elegante e crítica social implícita. Além de romancista, escreveu contos, peças teatrais, crônicas e poesias. Sua contribuição é tão relevante que ele é considerado um dos precursores do modernismo e comparado a autores como Dostoievski e Henry James.

Machado de Assis deixou um legado único, mostrando que o talento e a inteligência podem ultrapassar os limites impostos pelas injustiças sociais. Sua obra permanece atual e essencial para a compreensão da alma humana e da sociedade brasileira e continua sendo estudada por sua profundidade, originalidade e influência na literatura brasileira.

“Capitu era dissimulada. Olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Dom Casmurro - (Capítulo XXXIII – “Olhos de Ressaca”), esse trecho é um dos mais marcantes do livro, onde o narrador, Bentinho (ou Dom Casmurro), descreve os olhos de Capitu com uma mistura de fascínio e suspeita, dando início às dúvidas sobre a fidelidade dela – tema central do romance.

Linha do Tempo de Machado de Assis

1839 – Nasce em 21 de Junho, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro.

1858 – publica seu primeiro poema, Ela, no jornal Marmota Fluminense.

1864 – Lança seu primeiro livro: Crisálidas (poesias).

1872 – Publica o romance Ressurreição, início da fase romântica.

1874 - 1878 – Lança os romances A Mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia.

1881 – Publica Memórias Póstumas de Brás Cubas, iniciando sua fase realista.

1891 – Publica Quincas Borba.

1897 – Torna-se o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

1899 – Publica Dom Casmurro, um de seus romances mais famosos.

1908 – Morre no Rio de Janeiro, em 29 de Setembro.



Cantiga da Mãe e do Filho

Por Maristela Oliveira Rocha

*Filho, meu filho, pra onde vais?
No passo ligeiro, que o vento traz.
Filho, meu filho, onde estás?
No caminho novo, entre a paz e o gás.
Será que o mundo vai cuidar de ti?
Será que o sol vai brilhar por aqui?
Filho, meu filho, pode confiar,
No meu abraço sempre vai morar.
As dúvidas vêm como o vento sul,
Mas meu amor é farol e luz no azul.
Filho, meu filho, cresce e vai...*

Semente

*Nasceu de mim, mas é do mundo,
Um amor calmo, outro profundo.
Nos olhos teus, me vejo inteira,
Pequena luz, alma faceira.*

Colo

*Tuas mãos pequenas seguram o céu,
Tua voz tão doce é puro mel.
E quando me chama baixinho, “mamãe”,
Tudo se acalma, tudo me faz bem.*

Caminho

*Te ensino o caminho com passo e cuidado,
Mas és tu que me guia, com gesto encantado.
Teu riso me salva, tua dor me ensina,
Ser mãe é plantar com fé na rotina.*

Tempo

*O tempo corre, tu vais crescer,
Mas no meu peito vais sempre caber.
Mesmo quando fores além do olhar,
Aqui dentro, nunca vais deixar de estar.*

Sonho

*Foste sonho, foste espera,
Hoje és vida que se opera.
És mil futuros num só olhar,
Meu eterno lar em qualquer lugar.*



Na sombra da videira

Por Maristela Oliveira Rocha

Na sombra que dança da antiga videira,
Sentamos juntinhos, alma parceira.
A cuia entre nós, sem pressa, sem fim,
Teu mate, meu riso, teu mundo em mim.
O sol se derrama no chão de saudade,
E o vento sussurra com leve verdade.
Falamos de tudo, ou mesmo de nada,
Mas tua presença já vale a jornada.
Lembro-me de ti chegando com jeito sereno,
Olhar que acolhia, abraço pequeno.
E hoje, no tempo que o amor amadurece,
É contigo que a vida floresce.
A cada sorvido do verde chimarrão,
Te sinto mais perto do meu coração.
Como as parreiras que crescem ao lado,
Nosso amor é raiz, é tempo plantado.
Ficamos ali, sem pedir mais razão,
Só céu, tua mão e a minha mão.
E no fim da tarde, com paz no olhar,
É fácil entender o que é amar.

Mate e coração campeiro

Por Maristela Oliveira Rocha

Debaixo da parreira, eu e o meu guri,
Com o mate na mão e um tempo por vir.
O sol se espreguiça por cima do rancho,
E a vida ali mesmo já vale um trago manso.
Ele me olha com jeito faceiro,
Sabe das lidas, é homem campeiro.
Não fala bonito, mas cuida de mim,
Com gesto pequeno e mate sem fim.
“Tá amargo o chimarrão?” ele sempre me diz,
Mas sabe que o gosto é da alma feliz.
Na cuia que roda tem mais que tradição,
Tem jura calada e cumplicidade de mão.
A uva madura balança pro vento,
Enquanto nós dois seguimos no tempo.
Não precisa luxo, nem rádio ligado,
Só ele comigo, silêncio bem falado.
E assim, no compasso que o campo ensinou,
O amor vai crescendo, que nem broto brotou.
Na sombra da parreira, com fé no olhar,
É com esse vivente que eu quero ficar.

SUSSURROS DA NATUREZA

Por Maristela Oliveira Rocha

No canto sereno da mata fechada,
Desperta a manhã, dourada e calada.
O vento passeia nas folhas do chão,
E leva consigo perfume e canção.
As águas deslizam por entre as pedras,
Contando segredos de fontes e quedas.
O céu se derrama em azul sem medida,
Pintando de paz o começo da vida.
O canto dos pássaros soa no ar,
Como um poema que sabe voar.
E a terra, fecunda, com tanto carinho,
Abriga sementes, caminhos e ninho.
Oh, doce natureza, fonte de cor,
Espelho do mundo, refúgio de amor!
Em ti a esperança sempre floresceu,
Na dança do tempo que Deus concebeu.



MATE E MEMÓRIA

Por Maristela Oliveira Rocha

Na sombra serena da velha parreira,
Duas irmãs — agora, companheiras.
Mas basta um olhar, um riso no ar,
Que o tempo de infância começa a voltar.
Lembras, mana, dos pés descalços no chão?
Da brincadeira, da invenção?
Corríamos livres no pátio molhado,
O mundo era nosso, tão encantado.
Fazíamos casas com lençol no varal,
Brincávamos juntas até o final.
E hoje, adultas, de cuia na mão,
Brindamos à vida, o amor, a união.
O mate que passa de ti pra mim
Traz gosto de ontem, começo e fim.
Nas uvas que pendem do velho parral,
Há doces lembranças do nosso quintal.
E assim, entre risos, silêncio e chão,
Seguimos crescendo — coração a coração.
Irmãs pela sorte, amigas por escolha,
Na alma um jardim, na vida essa folha.



Nós Dois e o Mar

Por Maristela Oliveira Rocha

Caminho contigo na beira do mar,
O vento nos cerca, começa a cantar.
Teu riso se mistura à espuma e ao sol,
E o tempo se dobra, feito lençol.
Teu passo com o meu, sem pressa, devagar,
Na trilha de conchas deixada no ar.
As ondas conversam, num tom de segredo,
E eu só desejo que dure esse enredo.
Te olho de lado, teu rosto sereno,
O mar nos unindo em amor tão ameno.
Teu gesto me abriga, me guia, me diz
Que a vida, contigo, é simples e feliz.
De mãos entrelaçadas seguimos assim,
Com cheiro de sal e começo sem fim.
O mundo lá fora parece calar,
Somos só nós — e o som do mar.



S O B R E A A C A D É M I C A

Maristela Oliveira Rocha é uma escritora de contos e poesias, membro da Academia Itapemense de Letras desde 2008.

Ela acredita que a arte é uma forma poderosa de tocar nos sentimentos mais profundos e sinceros das pessoas e de se conectar com elas através da literatura.

Com uma formação acadêmica em Pedagogia e Pós-Graduação em Educação Especial, além de uma formação técnica em Alfabetização de EJA do Campo, Maristela atuou como líder comunitária na zona rural de São Borja, no Rio Grande do Sul, e atualmente reside em Itapema, Santa Catarina.

Ela se dedica a compartilhar conhecimentos e desenvolveu projetos de alfabetização com adultos do campo em parceria com entidades de classe.

Para Maristela, a educação é o caminho para a evolução da humanidade, e a literatura é uma ferramenta essencial nesse processo.

S I G A A A U T O R A



maristela.rocha.3956



CADEIRA N° 3



Juely Tortato

Homenagem à Patronesse



Imagen gerada pela IA

No ano de 1821 nascia, em Morrinhos – povoado que à época pertencia ao município de Laguna (SC) – hoje município de Tubarão (SC), aquela que seria chamada de “Heroína de dois Mundos”.

Inúmeras localidades nacionais e internacionais ostentam praças, ruas, escolas com seu nome. Monumentos também foram erguidos, numa justa homenagem, à referida heroína, dentre os quais cito Roma e Ravena, ambas na Itália; e Nice, na França.

Mas, para melhor ilustrar o saber acerca de uma das mais destacadas mulheres catarinenses, lanço mão da história, que na concepção de Aristóteles, não se distingue da poesia, por uma estar em prosa e a outra em verso.

Diferem apenas porque uma deve contar o que aconteceu, enquanto a outra trata sobre o que poderia ter ocorrido.

Eis, portanto, alguns fatos que marcaram o curto, mas intenso,

período de vida dessa grande personalidade. É pouco provável que naquele 30 de agosto o humilde tropeiro, Francisco Bento Ribeiro e sua mulher, Maria Antônia de Jesus, tivessem imaginado que a garotinha, Ana Maria, a qual acabara de nascer seria uma verdadeira heroína brasileira.

A grande crise financeira pela qual passava a família, devido a morte do pai, veio a alterar a rotina de Ana Maria, que mal tinha completado 14 anos de vida, quando Dona Maria Antônia, decidiu casá-la. Tal fato é fácil de ser compreendido numa época em que as pessoas se casavam por conveniência.

Justificada a decisão e com a promessa da mãe de que o amor viria com o tempo, como acontecera com Dona Maria Antônia, e sem outra opção, Ana Maria, obediente que era, acatou a decisão da matriarca e se casou.

O escolhido foi o senhor Manuel Duarte de Aguiar, que exercia a profissão de sapateiro remendão.

Assim, com sua nova situação civil, Ana Maria se dedicou a cuidar de sua nova morada com carinho e esperança de que as previsões de sua mãe (Dona Maria Antônia) fossem se realizar.

Enquanto isso, nesse mesmo ano, eclode no Estado vizinho do Rio Grande do Sul, aquele que seria o mais longo dos movimentos separatistas do período Regencial do Brasil – a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos –, que duraria cerca de 10 anos e daria novos rumos à existência de Ana Maria.

É de conhecimento geral que uma guerra pode, com grande grau de certeza, alterar a vida das pessoas, contudo, ao juntarmos o amor e a guerra temos a possibilidade de romper elos extremamente fortes.

Em uma operação bélica ocorrida na cidade Juliana (vila de Laguna), na província Catarinense, entre os revolucionários estava um italiano, que identificado com os ideais do líder dos "farrapos", Bento Gonçalves, juntou-se a causa farroupilha. Seu nome, Giuseppe Garibaldi.

Esse é o nome do homem que viria a ser o grande amor da vida de Ana Maria; seria ele seu companheiro de paixão, independência e rebeldia. Era o impulso que Ana Maria precisava para desafiar as "convenções" da época.

Por Giuseppe, Ana Maria abandonou sua casa e família. Fato que não causou escândalo extraordinário, pois Ana era moça humilde sem grandes posses. Todavia, por evidente, provocou demasiados comentários, pois sua conduta viria a "contribuir" como mais uma prova do reprovável comportamento dos revolucionários.

Em 1839, Anita, como a chamava Garibaldi, agora com 18 anos de idade, sacrifica sua reputação, escolhe seu destino e dá provas de sua coragem ao embarcar com seu amado na Nau Capitania "Rio Pardo", em 20 de outubro de 1839.

Seu batismo de fogo aconteceu no dia 04 de novembro do mesmo ano, na Batalha de Imbituba, onde "Anita" é encontrada com sabre na mão (espécie de espada curta) incentivando os marinheiros a lutar. Durante a batalha, foi lançada ao convés da Nau uma bala de canhão inimigo, que matou dois marinheiros e derrubou Anita. Garibaldi, depois de socorrê-la, preocupado, ordena que ela desça aos porões para se proteger, ao que ela prontamente respondeu: "Já desço, mas para buscar os covardes que lá se escondem".

Assim foi o início das amostras de destemor, bravura e dedicação que ela apresentou, fazendo jus ao título que ostentaria.

Em sua trajetória de lutas, é possível enumerar sua participação na “Batalha Naval de Laguna”, onde os inimigos eram maioria. Dessa vez, Garibaldi deu ordem para que ela se abrigasse na outra margem do canal e lá aguardasse por ele. Ela obedece, vai, mas volta e vai e volta, fazendo o percurso diversas vezes, em meio à luta, para trazer munições e auxiliar os combatentes feridos para serem socorridos.

Já no combate de “Marombas”, surpreendida pelos soldados do coronel Melo Albuquerque, Anita é aprisionada. A mulher guerreira, grávida de seu primeiro filho, não se renderia, enfrentou os 40 quilômetros que a separavam do Rio Canoas, superou a fome e o frio, roubou o cavalo de uma das sentinelas e, meio a nado, meio montada, agarrada às crinas do animal, conseguiu fugir.

Assim, galopando pela escuridão da noite, com seus cabelos negros “desgrenhados”, usando uma espécie de “poncho”, acabou por espantar todos aqueles que buscavam fugitivos, pois a confundiram como uma “aparição”. Foi desse jeito que ela correu para reencontrar Giuseppe no Rio Grande do Sul.

É nesse Estado da Federação que nasce seu único filho brasileiro – Menotti –, mas Anita teve, ainda, mais três filhas, Rosita, Teresita e Riccioti, todas uruguaias. Foi convivendo com sua coragem de enfrentar e lutar, sua dedicação, seu carinho com os feridos, seu companheirismo, sua valentia, tudo adicionado à delicadeza de sua alma de mulher e seu amor por Giuseppe que os homens de Garibaldi aprenderam a respeitá-la.

São inúmeros os episódios que evidenciaram sua determinação e bravura. Certa vez, Garibaldi estava com seus oficiais quando ouviu passos no lado de fora do Quartel General, a porta se abre e, entra uma mulher. O general Garibaldi correu até ela, abraçou-a e, em seguida, virou para seus companheiros e diz: “Eis a minha Anita, temos um soldado a mais”.

Em outra ocasião, agora em “São Luiz dos Mostardas”, Anita foi avisada que o capitão Pedro Abreu, comandante das forças imperiais (nessa época o Brasil ainda era Império), aproximava-se com intenção de prender Garibaldi; Anita não vacila, protegendo, com o próprio corpo, o filho nascido a apenas 12 dias, montou seu cavalo e partiu a galope para encontrar seu amado e avisá-lo dos planos imperiais.

As adversidades da família Garibaldi não findaram após o término da Revolução Farroupilha, pois era chegada a hora de lutar contra as dificuldades financeiras. Por tais razões, a vida os levou, pobres, para o Uruguai. É nessa nova pátria que, no dia 26 de março de 1842, então com 21 anos, que Anita, viúva de seu primeiro marido, se casa com Giuseppe. O casal e sua família permaneceram no Uruguai por mais algum tempo; sendo mãe amorosa e dedicada, nos tempos difíceis de miséria e fome, entregou-se por algum tempo à tarefa de cuidar dos filhos, enquanto o marido lutava ao lado de Rivera.

Quando chegou o momento de “voltar para casa”, Giuseppe resolve mandar primeiro Anita e os filhos para a Itália. Assim, em março de 1848, Anita e três dos seus filhos desembarcaram no porto de Gênova, onde foi aplaudida carinhosamente pelos compatriotas do marido que logo chegaria ao seu encontro.

De volta à pátria, Garibaldi passa a lutar pela unificação de seu país. Anita fica mais algum tempo junto dos filhos (estava grávida novamente), porém, sem aguentar a distância do marido e reafirmando suas qualidades, Anita “volta” ao campo de batalha para tomar parte de inúmeros combates.

Para quem pensa que apenas os franceses tiveram uma heroína que se vestiu de homem para lutar, desconhece a história belíssima dessa guerreira, pois certo dia, ofendida pela observação de Garibaldi, o qual afirmou que ela deveria permanecer em Roma

devido aos perigos e incômodos de sua fase gestacional, Anita passou na primeira casa que encontrou, pediu que lhe cortassem os cabelos, vestiu-se de homem, calçou botas largas, chapéu de feltro com uma pluma, montou em seu cavalo para ir ao encontro marcado, às 18 horas, na Piazza San Giovanne, com Giuseppe e seus homens.

Importante ressaltar que Anita era uma amazona espetacular e era deslumbrante vê-la cavalgar. Além de andar a cavalo, Anita gostava de música e, segundo consta, possuía uma incrível habilidade política.

Em San Marino, Garibaldi dissolve a “Legião Romana” que estava sob seu comando e, com Anita já doente, empreendem fuga. No dia 02 de agosto de 1849, eles pretendiam chegar a Veneza, mas foram surpreendidos pelos austríacos. Em 03 de agosto nova marcha, o destino, a fazenda do Marques de Guicciol. Garibaldi chegou à fazenda com Anita quase moribunda.

No dia 04 de agosto de 1849, Anita foi diagnosticada com poucas horas de vida, assim morreu a lagunense heroica, levando consigo, no ventre, seu quinto filho.

Desta forma, acaso os motivos ora citados não justificassem a escolha do nome de Ana Maria de Jesus Garibaldi como Patronesse de uma das cadeiras da Academia Itapemirense de Letras, lanço mão de mais um, qual seja, essa mulher guerreira, heroína de dois mundos, foi a primeira catarinense que nos deixou sua história de amor e guerra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES, Martins. **Anita Garibaldi**, a mulher do General. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1989.

ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bento**. Florianópolis: Editora da UDESC, 1999.

MARLON, Paulo. **Anita Garibaldi: uma heroína brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

Minha autobiografia

Por Juely Anete Tortato

Meu nome é Juely Anete Tortato, apelido Joka, nascida no Estado gaúcho vizinho, no mês de novembro, em 1947, na cidade de Passo Fundo (RS).

Muito cedo minha família se mudou para o planalto catarinense onde cresci, estudei, aprendi e ensinei.

Descendente de italianos, meus avós vieram para Santa Catarina e Rio Grande do Sul como comerciantes. Meu pai, Julio Antonio Tortato, foi comerciante em Curitibanos (SC), onde trabalhou com derivados de petróleo por cerca de 50 anos; enquanto minha mãe, Anna Tortato, catarinense, foi sua fiel escudeira por 60 anos.

Tive total apoio dos meus pais para abrir caminho para minhas três irmãs e estudar fora. O gosto pela leitura, música e pesquisa sempre me acompanhou. Decidida a exercer o magistério, cursei o ‘Ginásio Normal’ no colégio Santa Terezinha em Curitibanos (SC); depois, o colégio ‘Normal’ na mesma instituição de ensino. Prestei vestibular para o curso de Ciências Sociais em 1970, na FACIP, em Lages (SC).

Em 1976, tornei-me a “mãe do Pablo”, meu motivo de orgulho, minha obra prima, foi uma das minhas maiores alegrias.

No ano de 1987 lá estava eu matriculada na pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro, na cadeira de História. Como professora, trabalhei em escolas públicas e particulares, exercei minha profissão

por 32 anos, onde sempre busquei repassar aos “ouvintes” que a arte de contar história é sedutora, além de tentar estimular o gosto pelo saber e mostrar que as mudanças sociais, econômicas, culturais podem transformar as pessoas.

Trabalhei com História, Sociologia e Antropologia. Foram tempos em que vivi amargas tristezas, conheci dificuldades, mas, também, colhi grandes alegrias e inúmeras vitórias. Em 1993, por exemplo, sem que esperasse, recebi como reconhecimento pelo trabalho realizado o diploma de “Mulher Destaque em Educação” na festa anual do Clube Internacional de Lages, a APAS, região Americana do Sul.

Crítica por formação, irremediavelmente humanista e observadora atenta, não sou “expert” na arte de esperar. Logo após me mudar para pertinho do mar, depois de uma longa conversa com o então, diretor do jornal Independente (já no ano 2000), fiquei muito lisonjeada quando recebi o convite para fazer parte da Academia Itapemorense de Letras.

A proposta de crescemos juntos me fez aceitar o desafio. Penso que não se pode dispensar uma boa conversa e um cafezinho preto em boa companhia. Escrevo poemas e ensaios, alguns deles já publicados, outros que conservo em minha biblioteca pessoal, sem exposição aos olhos curiosos. Além disso, adoro pesquisas, por essa razão tenho conhecimento de que, segundo a tradição, a música e a poesia teriam nascido juntas na Grécia antiga.

Aristóteles (384 – 322 a.C.), falava a seus alunos sobre “*poiêtike*”, termo compreendido como arte poética. Assim, justifico o que faço e gosto, mostrando o tempo de existência e quem já falava sobre arte e poesia nos primórdios dos tempos.

Não sei ao certo se mereço tudo que recebi, mas sei que caí e me levantei, chorei e sorri, procurei ser justa, valorizar as pessoas e orientá-las quando possível, bem como compreender e respeitar o próximo. Posso afirmar, sem sobre de dúvidas, que acreditei mais que duvidei, sofri por isso, ganhei e perdi também, mas, a esperança sempre foi minha aliada e parceira fiel, de modo que continuo aprendendo.

Minha relação com a Academia

Já têm 25 anos que juntos iniciamos uma caminhada.

Parece que foi a pouquíssimo tempo que recebi o convite para fazer parte desse desafio, qual seja, fundarmos uma academia.

Tenho certeza de que mesmo em circunstâncias outras, quando não pude acompanhar os trabalhos fisicamente, estive aplaudindo o sucesso de cada novo membro, de cada livro lançado, enfim, dos triunfos de todos e cada qual dos membros da academia.

Jamais carreguei bandeiras feministas, confesso, porém, olhava orgulhosa para aquelas bem-sucedidas donas de suas vontades, as quais encaravam seus confrontos e batalhas de frente. Por conta dessa admiração, quando surgiu a ideia dos confrades André Gobbo e Ilda Cezar para buscarmos e registrarmos, em Itapema (SC), personalidades femininas que influenciaram pessoas, modos e atos na história da cidade, não pensei duas vezes, aceitei o convite/desafio. Assim, por 31 meses trabalhamos para construirmos o “Passaporte para a História”.

Fazer parte dessa confraria é caminhar em frente com a certeza de que, de alguma maneira, estamos envolvidos, ocupamos uma posição econômica, social, cultural, religiosa ou política que ajuda a fazer a diferença, queiramos ou não, pois o fato de existirmos, já nos

torna parte da evolução e isso é fazer história, uma vez que esta é construída todos os dias em um processo que prossegue sempre, e que todos, conscientes ou não, omissos ou participativos, somos parte.

Nessa caminhada não houve apenas risos, já choramos perdas relevantes que deixaram um grande vácuo nos nossos corações. Já falamos sobre recordações de infância, coisas simples, como grandes chuvas, ruas desertas, caminhos molhados, canto dos ventos, sol e lua e, por óbvio, poesia.

Juntos já abrimos novas trilhas, olhamos muito além da linha do horizonte. Assumimos riscos diante das incertezas e ousamos adentrar espaços nunca explorados e, por tais razões, abraço a cada um dos meus confrades e mantenho hígida a confiança em vocês. Por certo nos encontraremos mais vezes em meio a única comemoração que jamais é esquecida – a lembrança de uma amizade.

Obrigada pelos olhares, palavras de incentivo, amizade, carinho e companheirismo. Sou grata, também, pelas batalhas vencidas, ainda que tenhamos passado por momentos difíceis. Obrigada por compreenderem as dificuldades que o tempo traz consigo e por me permitirem fazer parte da história da academia e de todos vocês.



S O B R E A A C A D É M I C A

Juely Anete Tortato, conhecida como Joka, nasceu em Passo Fundo (RS), em 1947 e cresceu em Curitibanos (SC). Filha de comerciantes italianos, ela se destacou na educação, cursando Ciências Sociais e pós-graduando-se em História. Lecionou por 32 anos, recebendo o título de "Mulher Destaque em Educação" em 1993. Mãe de Pablo, também é poetisa e ensaísta. Em 2000, ingressou na **Academia Itapemense de Letras**, colaborando em projetos como o livro de sua coautoria "Passaporte para a História". Humanista e observadora, Juely valoriza a construção coletiva da história e a amizade, mantendo-se ativa e engajada na academia.

S I G A A A U T O R A



jokatortato





CADEIRA N° 4



Carlos Higbie

Homenagem ao Patrono



Imagen gerada pela IA

O Chatô do Brasil

Quando escolhi **Francisco de Assis Chateaubriand**, privilégio que tive por ser um dos membros fundadores da Academia Itapemense de Letras, debrucei-me de corpo e alma sobre sua biografia, buscando detalhes, motivos que justificassem minha escolha.

Lembro-me de ter procurado e lido muito sobre esse personagem, fundamental e polêmico, da história moderna brasileira. Entre luzes e sombras, vislumbrei um ser humano complexo, arrojado, decidido e com uma vitalidade incrível, mesmo enfrentando problemas de todo tipo na sua vida, inclusive físicos.

Francisco de Assis Chateaubriand, patrono da cadeira número quatro da AIL, nasceu no dia 5 de abril de 1892 (Umbuzeiro, Paraíba) e morreu no dia 4 de outubro de 1968 (São Paulo).

Ele foi premiado com o sobrenome Chateaubriand porque seu avô paterno era apaixonado por François-René de Chateaubriand, poeta e pensador francês. Em sua homenagem, acrescentou Chateaubriand ao sobrenome dos filhos.

Ele teve uma infância complicada, com problemas para começar a falar. A família acabou descobrindo que ele tinha disfemia, popularmente conhecida como gagueira. Isso não o impediu de estudar (estudando em casa até os 12 anos, acompanhado por professores particulares, passando logo para o ensino público) e formar-se como advogado.

Já no tempo de estudante, colaborava com vários jornais, sendo a semente da sua futura carreira e dos seus empreendimentos. Ele chegou a ser redator-chefe no Diário de Pernambuco.

Em 1913, fez as malas e mudou-se para o Rio de Janeiro, iniciando sua carreira como advogado, colaborando, ao mesmo tempo, com vários jornais. O jornalismo estava no seu sangue. Durante um período, se desempenhou como jornalista internacional, fazendo várias viagens à Europa.

No início da década (1921), comprou “O Jornal” e, três anos depois, o “Diário da Noite” de São Paulo (1924), o “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro e o “Diário de Pernambuco”. Finalizou a década lançando a revista “O Cruzeiro” (1928), que se transformou na principal revista da América Latina da época.

Assis Chateaubriand, o Chatô do Brasil, nos anos 40 já era o poderoso senhor da maior rede de comunicação do país, os lembrados “Diários Associados”, um conglomerado de jornais, emissoras de rádio e inúmeras revistas.

Em 1950, ele inaugurou a TV Tupi de São Paulo, acrescentando mais
Antologia Literária. VOL. II

um meio de comunicação ao seu poderoso império. Essa emissora foi a primeira da América Latina, comprovando a determinação e o empreendedorismo de Assis Chateaubriand.

Três anos antes, em 1947, ele tinha fundado o Museu de Arte de São Paulo (MASP) com coleções de obras de arte adquiridas na Europa, a preços muito baixos, devido à Segunda Guerra Mundial, e utilizando o poder de compra dos empresários brasileiros da época. Há indícios de que muitos deles foram chantageados pelo todo-poderoso da comunicação. Aqueles que se negavam a colaborar poderiam transformar-se, num piscar de olhos, em pessoas infames e não gratas aos olhos do público brasileiro.

Ele se desempenhou, também, na política. Foi eleito senador pela Paraíba em 1951 e depois pelo Maranhão. Em 1957, foi nomeado embaixador do Brasil no Reino Unido, permanecendo lá até 1960.

Teve muito contato, talvez uma verdadeira amizade, com Getúlio Vargas e, por coincidência ou não, ocupou o lugar do político gaúcho quando ele se suicidou e deixou vazia a sua cadeira na Academia de Letras do Brasil.

Seu longo discurso, ao tomar posse na Cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, é uma pequena joia histórica e literária.

Ele finaliza o mesmo com as seguintes frases:

“O fino animal sensitivo, que era Vargas, tem uma medida de não-fixação nos estilos das velhas rotinas nacionais, dos carros de boi do direito público indígena, que só um processo de renovação da nossa cultura poderia abarcá-lo.

Encontramos no quadro da morte voluntária de Vargas o ritmo da epopeia dos Nibelungos. Matando-se, o que ele procura é sobreviver

A ideia da morte deverá ocorrer no ser que se dispôs, graças à plenitude do sofrimento, a encontrar os motivos do renascimento.

Vargas se apresenta ao povo numa atitude de líder, para dizer-lhe a frase que Cristo foi o primeiro a pronunciar para o Ocidente: “Eu sou a Verdade.” Efetivamente, seu apostolado social dava-lhe à existência um sentido de cruzado. Era um homem que, quando volta em 1950, mais que dantes, faz a doação de si mesmo à causa pública. Virá a realizar-se mais do que das outras vezes como representação de um destino, que nenhum outro teria força para cumpri-lo neste País, como poder de renúncia, para a qual ninguém aqui estava preparado, sobretudo num meio de depauperação espiritual como o nosso.

Velho jardineiro, podador dos galhos da árvore da liberdade, Getúlio Vargas tomba varado por esta suprema contradição: mandando aos seus compatriotas a mensagem do homem livre. Em seu calvário, luta pela liberdade da iniciativa do presente e, como um herói helênico, morre para renascer.

*Tal a lanterna verde com que ele marcha para a eternidade.
(27/8/1955)”*

Como a maioria dos homens públicos, Assis Chateaubriand cultivou ao longo da sua vida muitos amigos e outros tantos inimigos. Ele foi um homem polêmico, porém com uma visão e uma determinação que o levaram a alcançar seus objetivos, vencendo inúmeras dificuldades e barreiras. Ele foi atrás do seu sonho e contribuiu muito, nessa longa caminhada, com o Brasil.

De alguma maneira, o meu patrono na Academia Itapemirense de Letras me inspira e me leva a novos desafios.



Nasceu e floresceu em setembro

Por Carlos Higbie

Quando retorno àqueles dias, que hoje já me parecem tão distantes, sinto no ar uma brisa romântica me envolvendo. Um novo século abrindo de par em par suas imensas portas, uma cidade borbulhante, com pessoas nascidas na terra e outras tantas chegando de inumeráveis lugares. Uma mistura perfeita para fermentar e dar corpo e alma à cidade, à cultura, à vida.

Um dia, me convidaram para participar de uma academia que estava em formação. A ideia me provocava um pouco de receio. A minha parte rebelde, estrangeira e desconfiada, sussurrava negativas nos recônditos caminhos da minha mente. Academia me soava a regras, a proibições, a normas impostas por quem sabe lá quem, em séculos de empoeiradas e caducas certezas.

Para minha sorte e alegria, acabei vencendo minhas reticências e comecei a fazer parte de um grupo incrível, de um projeto cultural bem definido e que deu um empurrão nas minhas pretensões literárias. Ninguém mexeu numa lâmpada mágica para a magia acontecer. Mas aconteceu.

Quase sem perceber, o grupo foi se fortalecendo, crescendo e ganhando corpo dentro da sociedade local e fora dela. Ganhando respeito e dedicando-se a levar adiante o projeto que foi o motivo da sua criação.

A nova academia passou por momentos de turbulência. Até parecia que iríamos naufragar antes mesmo de começar a navegar pelos mares, que se abriam imensos ante nossos olhos ávidos.

A visão e a energia de alguns membros permitiram que as adversidades, os ataques e as intrigas fossem superados, fortalecendo o grupo e proporcionando um importante impulso.

Não tenho nenhuma dúvida de que a Academia Itapemense de Letras é um marco importante dentro da vida cultural de Itapema e da região. Ela deu visibilidade, voz e rosto a um grupo de amantes das letras, que estavam escrevendo, criando, divulgando, perdidos num mundo que nem sempre os compreendia e, muito menos, incentivava.

Pessoas maravilhosas, dedicadas, focadas, fizeram dela um exemplo que transcende o âmbito regional.

Vejo isso com muita clareza, até porque a maior parte do tempo, desde o nascimento da AIL, morei longe da cidade, indo para lugares onde o trabalho me levava. Isso me dá uma perspectiva excelente para valorizar o brilhante trabalho que a AIL está realizando. E sinto um orgulho imenso de fazer parte - mesmo com minha pequena participação - desse grupo com pessoas decididas, guerreiras, que vão abrindo caminhos onde antes parecia difícil ou quase impossível avançar.

O mundo se transformou, em poucos anos, em um circo virtual, em um espetáculo que não respeita intimidades e que dura poucos segundos. Escrever, criar, reinventar a realidade se faz necessário. Nossa grupo, cada um dentro do seu estilo, está sempre marcando presença nesse circo enlouquecido, destacando-se. Cada um no seu estilo, deixando sua marca indelével.

A energia e vitalidade da AIL, principalmente pela força e determinação das mulheres escritoras, criadoras, animadoras, divulgadoras e inspiradíssimas, é incontestável. A AIL está fazendo a diferença e marcando sua presença.

Há algo de mágico no nosso grupo. Sem perceber, de muitas maneiras, estamos chegando a diferentes públicos: crianças, jovens e adultos. Além disso, algumas iniciativas atingem um público geralmente esquecido: aqueles que têm algum tipo de limitação física. Isso faz a diferença.

A AIL foi de grande importância na minha vida literária, tirando-me de um isolamento voluntário, dando-me novos parâmetros para alimentar meus sonhos e construir novos caminhos.

Quando revejo as fotos daqueles primeiros anos, não posso deixar de me emocionar. Quantas pessoas admiráveis, quantas figuras queridas que se foram, quanto caminho já percorremos!

O tempo é um rio que vem do futuro e morre no passado. E quando passa, sempre leva um pouco de nós, às vezes muito. Por esse motivo, festejar e brindar pelo fato de termos chegado até aqui é muito importante.

Vinte e cinco anos são uma longa caminhada. A AIL já tem uma história incrível para contar e eu tenho muito orgulho de ser parte desse grupo.

Certa vez, alguém me questionou: “Para que serve a literatura?”, e o tom era irônico. Não me dei o trabalho de responder. A Literatura, com suas incontáveis facetas, está em tudo. Na base de tudo. Muitas vezes esquecemos disso, atropelados por um universo novo, onde tudo tem pressa, onde tudo quer ser digital. Até os sentimentos.

A presença de uma academia, como a nossa, que é atuante, que tem visibilidade, que está sempre bem representada em vários âmbitos da sociedade, é fundamental para dar um pouco de sentido ao universo que nos rodeia.

Outro bar

Por Carlos Higbie

Sabia que não a encontraria ali, naquele copo de cachaça ou na tulipa de cerveja. Mesmo assim, sabendo que era impossível tal encontro, procurava desesperado no etílico líquido. Era um pesadelo. Um pesadelo sentir a sua ausência, sentir a cidade oca sem sua presença, sem o som de sua voz, sem o refresco do seu corpo belo e felino.

A rua de novo, a cidade envolvendo sua frágil humanidade. Sentia que os sapatos escapavam dos pés a cada passo e que, mesmo dentro do burburinho do centro, o silêncio batia forte até destruir os tímidos ruídos dos seus pensamentos. As portas e as janelas negavam luzes, vozes, sorrisos. No meio de tanto barulho, tudo estava mudo ou era mudo. Tudo dormia pesadamente. Todos estavam adormecidos, até os automóveis que deslizavam pelas ruas sujas.

Outro bar, outra agonia. E ela não estava na taça de vermute com cachaça, com gosto de sangue de lábios mordidos, com gosto azedo de raiva...

Agora engarrafam as coisas

Por Carlos Higbie

Agora embalam, engarrafam as coisas (a tristeza/ a alegria) e vendem tudo em confortáveis prestações (o medo/ a raiva), sem entrada inicial (a guerra/ as mentiras), sem juros (o sexo/ o amor), sem interesses (a solidão/ os êxtases), tudo, tudo vem engarrafado, embalado, etiquetado e bem apresentado.

E vendem tudo em chamativas embalagens, com letras grandes e vermelhas ou douradas e azuis, com provocantes fotos de belas mulheres nuas, ou quase, quase nuas, que são como anzóis para fisgar otários, para fisgar-nos, são ímãs que tudo, mas tudo mesmo, vendem em confortáveis mortes mensais.

Fim de tarde

Por Carlos Higbie

Simplesmente beber cachaça com coca-cola, gelo e limão e reinventar o silêncio enquanto o sol declina lentamente, sabendo que não perde por esperar. Fica olhando para o chimarrão, seguindo atentamente o diálogo lavado, deslavado, relavado, da bomba e da erva, percebendo o percurso ascendente da água verde nas entranhas do metal, subindo, subindo...

Fica ali, quase imóvel, mastigando devagar, alheio a tudo, o silêncio forçado que há muito tempo deixou de ser silencioso.

O ônibus

Por Carlos Higbie

Amassei o cigarro com o pé esquerdo (o dedo grande me doía um pouco, seu latejar parecia gritos de socorro) e subi. Sentado no primeiro banco do ônibus quase vazio, deixei de preocupar-me com o horário. Sabia exatamente quantos minutos demorava, em cada dia da semana.

Outras preocupações consumiam meu pensamento: as dívidas, a cárie enorme no molar, os problemas em casa e no trabalho, a indisciplina crescente dos filhos, a antiga nostalgia de um tempo que jamais existiu.

O ônibus estava vazio. Os escassos passageiros, imóveis e calados. Talvez, assim como eu, eram obrigados a trabalhar num domingo radiante, especialmente feito para descansar o esqueleto e desfrutar do sol e do arzinho que deixavam a sensibilidade à flor da pele.

Repassava, com extrema autocrítica, a última discussão com minha mulher. Pensava no destino das pessoas, em nossos destinos, escritos desde o princípio e já aniquilados no futuro. Desfazia-me em muitas perguntas.

Quando passamos pelo parque, senti certa inveja de toda aquela multidão, que buscava no sol a liberdade e a vida, privilégio que lhes era negado no resto da semana.

O ônibus rodava lento, letárgico, como se espreguiçando sob a luminosidade e o calor da tarde. Baixei, por um instante, as pálpebras.

Deixei-me envolver por um morno impulso que emanava de algum lugar não muito bem determinado.

Dormitei um pouco, cabeceei e voltei à realidade, sobressaltado. Aquela avenida me parecia totalmente desconhecida. Busquei uma explicação à minha volta. Os poucos passageiros que restavam olhavam fixamente para um ponto indefinido da avenida.

Olhei para o motorista, que permanecia atento ao seu trabalho. “Deve ser um desvio”, pensei. O veículo dobrou à direita e depois à esquerda; outra vez à direita e eu me dei conta de que o percurso já era superior, em minutos pelo menos, ao que estava acostumado.

Aproximei-me de um passageiro. Perguntei o que acontecia. Olhou-me como se não entendesse. Insisti que o trajeto não era aquele. Respondeu-me que eu estava enganado, confundido, que o caminho era aquele.

“Me enganei de ônibus”, conclui. Não era possível. Por minha rua passavam apenas ônibus daquela linha; não havia como enganar-me. Decidi interpelar o motorista. Apoiei minha mão sobre seu ombro; então, girou a cabeça e vi seu rosto. Compreendi tudo. Já era tarde: o ônibus lançou-se em desabalada correria no olho negro do túnel.



IRREMEDIABELMENTE

Por Carlos Higbie

Uma borboleta preta revoando dentro da tua boca, boca a boca, língua a língua, a outra língua era uma cobra serpenteando entre teus dentes amarelos. E eras uma casa sem portas, sem janelas ou uma porta solitária, sem paredes, cravada, só, sozinha, solitária, em pleno deserto, bem no meio do deserto, rodeada de nada.

Parte um avião com suas enormes asas abertas, rasgando, rompendo o céu azul, dividindo tudo em dois céus iguais. Dói, dói, como dói! Dói tanto, mas tanto! Porém, a gente parte, irremediavelmente, todos os santos e não tão santos dias, irremediavelmente.



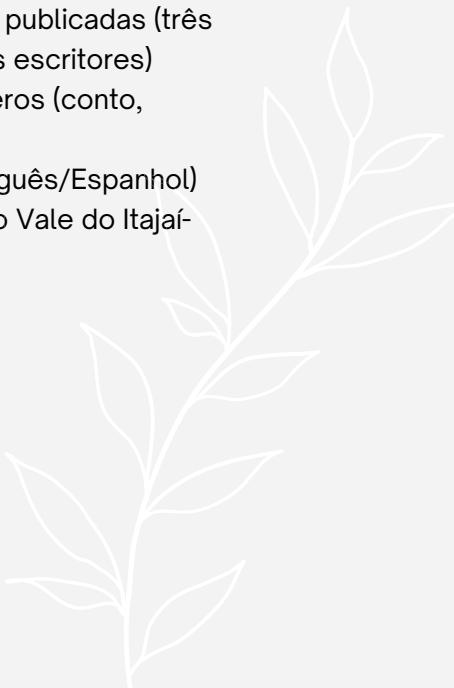
S O B R E O A C A D É M I C O

Carlos Higbie, nasceu na cidade de Rivera (Uruguai), no dia 09 de agosto de 1955, na divisa com Santana do Livramento (Brasil), sendo filho de mãe brasileira e pai uruguai. Na sua juventude recebeu várias menções e prêmios pelo seu trabalho literário. Alguns de seus contos foram premiados em concursos literários, regionais e nacionais, no Uruguai. Membro fundador da Academia Itapemense de Letras, publicou, em 1979, seu primeiro livro. Atualmente tem quinze obras publicadas (três delas em parceria com outros escritores) incursionando em vários gêneros (conto, romance, biografia e poesia). É licenciado em Letras (Português/Espanhol) pela UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí-SC).

S I G A O A U T O R



carloshigbie





CADEIRA N° 8



André Gobbo

Homenagem ao Patrono

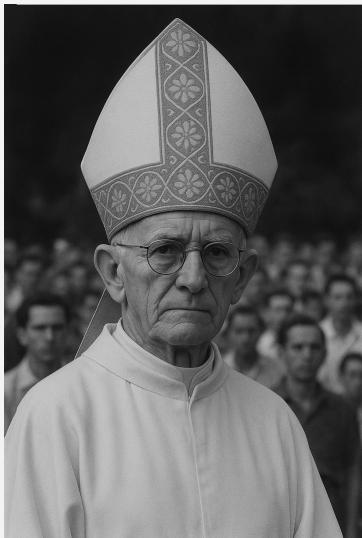


Imagen gerada pela IA

O bispo ‘colono’ que nos ensinou a ‘amar um ao outro’

Tive a graça de conhecer e compartilhar momentos com meu patrono, **Dom José Gomes**, entre 1998 e 1999. Naquela época, o venerável bispo de Chapecó já não gozava de muita saúde. Para elaborar meu livro-reportagem, que concluiu minha faculdade de Jornalismo, decidi dedicar-me à vida e à obra desse notável líder catarinense. Marquei alguns encontros em Chapecó, onde ele generosamente me recebia por horas para compartilhar suas memórias.

Nos acomodávamos no acolhedor sofá vermelho de molas da residência onde ele vivia. Eu, com meus 21 anos, cheio de inexperiência e sonhos, munido de um velho gravador que registrava nossas conversas, estava diante de um senhor de 78 anos, de olhos azuis e óculos imponentes. Nessas ocasiões, revivíamos suas jornadas pelos campos, pelos assentamentos dos trabalhadores

Antologia Literária. VOL. II

rurais sem-terra, pelas terras em disputa entre índios e colonos, e pelas áreas inundadas por barragens, entre tantas outras lutas, construindo uma relação de profundo afeto mútuo.

Esse bispo gaúcho, descendente do sangue espanhol e italiano, encontrou em Santa Catarina o território para viver o evangelho e praticar as palavras de Cristo, por meio da defesa intransigente dos mais pobres e marginalizados.

Dos momentos breves, mas intensos, que compartilhei com meu patrono, posso afirmar que Dom José era a personificação da paz. Ele transmitia a paz – aquela paz conquistada através da luta social organizada, onde os marginalizados e excluídos não temem erguer suas vozes e bandeiras em busca do direito à comida, moradia, saúde e educação. Sua presença silenciosa já era suficiente para irradiar a luz que o iluminava.

A humildade era a característica que mais me encantava e fascinava nele. Sua alma era vasta, perpetuamente difundindo a palavra de Deus, denunciando opressões e clamando por justiça e fraternidade. Nascido em Erechim, Rio Grande do Sul, no dia 25 de março de 1921, Dom José foi o quinto filho de Antônio Gomez e Maria Maggioni. Aos seis anos, enfrentou a dolorosa perda de seu pai, vitimado por um infarto.

Aos catorze anos, decidiu seguir a vocação sacerdotal, inspirado pelo velho vigário, padre Benjamin, que defendia os colonos, os oprimidos e os fracos em seus sermões. Em 1935, embarcou de trem para o Seminário Menor de Santa Maria, onde foi orientado a grafar seu sobrenome com "s" em vez de "z".

De Santa Maria, José seguiu para o Seminário Central de São Leopoldo em 1941, para se dedicar à formação superior em Filosofia e Teologia, respectivamente.

Além dos estudos, ele também se dedicava ao esporte, aos passeios pelos campos e ao teatro.

Convocado pelo Exército brasileiro para servir na Itália, cuidando dos soldados feridos na Segunda Guerra Mundial, estava eufórico com a perspectiva. Contudo, o arcebispo conseguiu a dispensa dos seminaristas antes de sua partida.

Ordenado padre em 21 de dezembro de 1947, em Jacutinga (RS), pelo bispo Dom Antônio Reis, iniciou sua missão em benefício dos pobres aos 26 anos.

Em fevereiro de 1948, foi nomeado para a paróquia de Espumoso (RS), onde, durante dois anos, utilizou o teatro para estabelecer laços com a juventude e formar leigos, moldando uma nova abordagem pastoral.

Transferido em fevereiro de 1950 para a Catedral de Santa Maria, atuou como auxiliar e diretor do orfanato e asilo São Vicente de Paulo, abrigando idosos e desamparados.

Um ano depois, em Passo Fundo (RS), viveu e trabalhou por uma década. Além de suas funções eclesiásticas, dirigiu o Orfanato e Asilo Lucas Araújo e manteve vínculos com a Academia de Letras local. Participou ativamente da fundação das Faculdades de Direito e Filosofia no interior gaúcho, em 1958, e assumiu a direção do curso de Filosofia.

Em 25 de março de 1961, enquanto visitava fazendas na divisa dos estados de Paraná e São Paulo, ouviu pelo rádio a notícia de sua nomeação como bispo da Diocese de Bagé, aos 40 anos, pelo papa João XXIII. Seu lema episcopal, "*UT DILIGATIS INVICEM*", significa "Amar uns aos outros".

Assumiu a diocese de Bagé em 25 de junho de 1961 e imediatamente se envolveu nos problemas sociais locais, lutando pelos direitos dos peões das fazendas, que trabalhavam sem salários. Além de pastor, foi assistente religioso em orfanatos e na Vila Vicentina, e integrou a comissão para seleção de famílias carentes para casas populares.

Durante sua estadia em Bagé, ocorreu o Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965. Dom José, como um dos 200 bispos brasileiros convocados, foi um defensor ativo das mudanças propostas, mesmo sob a tensão da Ditadura Militar no Brasil.

Em 2 de outubro de 1968, foi transferido para a Diocese de Chapecó (SC), assumindo o cargo em 27 de outubro de 1968, determinado a implementar as decisões pós-Concílio.

Dom José delineou um novo modo de ser Igreja, voltado para o povo e os pobres, liderando uma caminhada de renovação espiritual e social.

De 1970 a 1974, promoveu uma reciclagem intensa dos padres e agentes pastorais da diocese de Chapecó, incentivando uma criatividade comunitária com uma metodologia mais participativa e inclusiva das mulheres.

A partir de 1974, surgiram os primeiros materiais para grupos de reflexão, subsídios para o estudo e celebração da Palavra de Deus e da vida do povo em pequenos grupos.

Entre 1975 e 1984, durante a ditadura militar, novos organismos de luta como o CIMI e a CPT surgiram, focados nos mais pobres e marginalizados, o que contribuiu para o surgimento de diversas pastorais sociais.

Assumiu a presidência nacional do CIMI e da CPT, e seu apoio aos trabalhadores rurais sem-terra culminou em movimentos significativos, como a invasão da Fazenda Burro Branco em 1978, um marco de suas vitórias.

De 1985 a 1992, a diocese de Chapecó passou por uma reorganização pastoral, reafirmando seu papel ao lado das organizações populares. Dom José, conhecido como "bispo colono", foi também o mentor que possibilitou a uma mulher agricultora, Luci Choinacki, chegar ao Congresso Nacional.

Após três décadas à frente da Diocese de Chapecó, Dom José tornou-se uma das principais personalidades do estado, conhecedor profundo dos problemas que afligem o povo catarinense. Ninguém melhor do que ele para narrar as histórias de luta e resistência dessa região agrícola que adotou como sua.

Quando questionado sobre a maior lição de sua vida, ele respondia com determinação: "Devo defender com unhas e dentes, e com a própria vida, aqueles que têm direito. Eu faço a defesa de quem deve ser feita!". Considerava inadmissíveis a precariedade da saúde, a fome e a falta de moradia em um país do tamanho do Brasil.

Em nossas conversas, ele sempre me dizia: "Não me transforme em herói como você quer!". E dessas conversas nasceu o livro "Dom José Gomes: escudo dos oprimidos", publicado em 2022 pela editora Paulinas, pouco antes de seu falecimento. Mesmo acamado, ele recebeu em mãos a obra que eternizaria sua história.

Dom José faleceu em Chapecó em 19 de setembro de 2002, aos 81 anos, e seu corpo repousa na cripta da Catedral. Em 2024, o documentário "Dom José Gomes – Toca pra Frente" foi lançado, celebrando sua vida e legado.

Dom José Gomes, o bispo colono, foi um farol de humanidade e fé, cuja existência exemplar deixou um legado indelével de amor ao próximo e luta pela justiça social. Sua trajetória, marcada por um compromisso inabalável com os pobres e oprimidos, transcendeu os limites da diocese que liderou e ressoou nas esferas da educação, saúde e direitos humanos. Mesmo diante da adversidade e da opressão da Ditadura Militar, ele promoveu a união e a resistência, inspirando gerações a erguerem suas vozes em prol de uma sociedade mais equitativa.

Guerreiros como Dom José jamais morrem; eles vivem eternamente não só nas memórias institucionais, como na Academia Itapemirense de Letras, mas, sobretudo, nos corações daqueles que, como ele, aprenderam a amar um ao outro.

Sua imortalidade está nas ações que semeou e nas vidas que transformou, perpetuando-se através dos tempos como um símbolo de esperança e um testemunho vivo de que a compaixão e a solidariedade são as verdadeiras armas para a construção de um mundo melhor.



Um marco jubilar

Por André Gobbo

Esse 1º de setembro de 2025 é um dia de dupla celebração: olho para trás, com orgulho, sobre os 25 anos de história da nossa querida Academia Itapemense de Letras, e projeto meu olhar para o futuro, com a expectativa vibrante dos próximos 25 anos que nos aguardam. Quando fundamos a Academia Itapemense de Letras, lá em Florianópolis, na Academia Catarinense de Letras, há 25 anos, diante do nosso sócio-honorável **Paschoal Apóstolo Pítsica**, estávamos repletos de sonhos e aspirações. Olhávamos para um horizonte que parecia tão distante e que esperávamos ser de progresso cultural e intelectual. No entanto, o tempo revelou um cenário bem diferente.

Nesses primeiros 25 anos, a AIL traçou um caminho marcado por desafios e conquistas. Vivenciamos altos e baixos, momentos de euforia e de reflexão, mas em cada instante, a união entre nós e em algumas vezes até mesmo a distância, foi a bússola que nos guiou. A diversidade de nossas vozes, até tentou ser, mas jamais poderá ser motivo de divisão, mas sim a fonte da nossa força, a riqueza da nossa produção literária e a base sobre a qual construímos nossa reputação.

Hoje, enquanto celebramos os **25 anos** de história da nossa **Academia Itapemense de Letras**, é imperativo que façamos uma reflexão crítica sobre o contexto em que estamos inseridos e como podemos, através da literatura e dos valores éticos que defendemos, influenciar positivamente os próximos 25 anos.

Nesses primeiros 25 anos, a AIL enfrentou as adversidades com certa união e a perseverança de seus membros. Construímos uma trajetória que valoriza o saber, a reflexão e a intelectualidade. Contudo, vivemos em tempos onde as aparências e as tecnologias são supervalorizadas, muitas vezes em detrimento do ser, do conhecimento profundo e da erudição. Este cenário tem permitido que falsos profetas e pseudo-intelectuais ascendam ao palco social, influenciando massas com ideias que, em muitos casos, são retrógradas e perigosas.

O Brasil, com sua rica tradição cultural e intelectual, não pode se dar ao luxo de ser refém de vozes que ecoam o fascismo e a intolerância. Estamos a um passo de dormir sob a sombra de um autoritarismo que se disfarça, que se camufla nas redes e nos discursos populistas. É nosso dever, como integrantes de uma academia que preza pela palavra e pelo pensamento crítico, combater essa tendência.

A ética, nosso norte, deve ser a baliza que orienta nossa produção literária e nossa atuação pública. Ao mantermos nossos pilares éticos, reafirmamos o papel da literatura como questionadora de *status quos* e como catalisadora de mudanças sociais. Acreditam: a palavra escrita é poderosa; ela pode desmascarar a ignorância e iluminar caminhos para um futuro mais esclarecido e justo.

Atualmente, observamos, com certa apreensão, uma sociedade cada vez mais imersa nos vazios do mundo contemporâneo, onde o efêmero e o superficial muitas vezes se sobrepõem ao ser e ao valor duradouro da cultura e do conhecimento. Nossos sonhos de uma nação profundamente conectada com suas raízes culturais e literárias enfrentam a dura realidade de um ambiente onde as distrações digitais e a desvalorização do saber parecem ganhar terreno.

Contudo, é justamente neste contexto que o nosso compromisso com a literatura e a cultura se torna mais vital do que nunca. A AIL, desde sua criação, tem como pilar a defesa intransigente da democracia, um valor que não conhecemos retrocessos em nossa história brasileira e que não permitiremos que seja enfraquecido. A democracia é o solo fértil onde a liberdade de expressão floresce, onde a diversidade de ideias é não só aceita, mas celebrada.

Mais do que nunca, nosso compromisso é com as gerações vindouras, para que elas possam herdar uma sociedade que valoriza a palavra escrita, que reconhece na literatura um patrimônio a ser preservado e ampliado, e que entende a democracia como um bem inestimável, a ser defendido com vigor e determinação.

Ao refletirmos sobre os 25 anos da Academia Itapemense de Letras, não posso deixar de homenagear aqueles que, com sua visão e dedicação, ajudaram a construir a história desta academia, mas que infelizmente já não estão entre nós.

Hoje, presto uma homenagem especial e carregada de saudade a **Maria de Lourdes Cardoso Mallmann**, **Pedro de Quadros Du Bois**, **Ofélia Terezinha Baldan** e à minha sempre amada **Luiza Machado dos Santos**. Cada um deles deixou uma marca indelével em nossa comunidade literária, contribuindo com obras e pensamentos que enriqueceram nosso acervo e nossa alma coletiva.

Maria de Lourdes, com sua prosa envolvente e seu olhar perspicaz, iluminou os caminhos da ficção e da crítica literária. **Pedro Du Bois**, cuja poesia tocava as profundezas do ser, nos ensinou a beleza da resiliência e da busca incessante pela inspiração. **Ofélia Terezinha**, uma historiadora e cronista dedicada, preservou a memória de nossa terra com um zelo que nos motiva a continuar contando as histórias que merecem ser ouvidas. E **Luiza Machado dos Santos**, cuja presença era sinônimo de gentileza e sabedoria, exemplificou como

a literatura pode ser um elo de união e um bálsamo para o espírito.

Estas confreiras e esse confrade, sonharam conosco uma academia que valorizasse o saber e a intelectualidade. Eles enfrentaram conosco os altos e baixos, sempre mantendo acesa a chama dos valores éticos e democráticos que tanto prezamos. Seus legados são um testemunho do que podemos alcançar quando nos unimos em torno de um ideal comum.

É nosso dever, como herdeiros dos sonhos e da luta de **Maria de Lourdes, Pedro, Ofélia e Luiza**, manter a nossa academia como um bastião de resistência cultural e intelectual. Devemos honrar suas memórias assegurando que a AIL continue a ser um espaço de liberdade e de promoção da democracia, sem permitir retrocessos que possam comprometer o futuro brilhante que desejamos para o nosso país. A eles nossas honras e os nossos aplausos!

Nosso compromisso é eterno com a democracia, e nossa missão é clara: cultivar a literatura como um direito humano e um pilar da sociedade, garantindo que cada geração venha a entender o valor inestimável das letras e do pensamento crítico.

Senhoras e senhores,

Ao olharmos para trás, para os 25 anos que nos trouxeram até aqui, é imperativo reconhecermos e celebrarmos o trabalho incansável daqueles que, com sua dedicação, revigoraram as forças da AIL. Uma homenagem especial e sincera vai para a minha antecessora, **Estella Parisotto Lucas**, e para toda a diretoria anterior que, com visão e determinação, conseguiu colocar a Academia Itapemorense de Letras de volta ao cenário regional e estadual.

Sob a liderança de **Estella** e sua diretoria, a AIL encontrou um novo fôlego. Eles reacenderam a chama da nossa vocação literária,

ampliaram nossa rede de colaborações e reforçaram nosso papel como promotores da cultura e do saber. Se hoje celebramos com força e unidade, é porque eles souberam, nos momentos cruciais, reerguer e fortalecer os alicerces desta academia.

A eles, expresso minha mais profunda admiração e agradecimento. O trabalho realizado foi fundamental para que a AIL não apenas resistisse às marés do tempo, mas também para que emergisse como um bastião de cultura e democracia, valores que são ainda mais urgentes em nossa época.

Como sucessor de **Estella**, comprometo-me a seguir o exemplo deixado por ela e sua diretoria, bem como por todos os membros que nos antecederam, garantindo que a AIL continue a ser uma voz ativa e vibrante. Nos próximos 25 anos, devemos assegurar que a academia não apenas subsista, mas que floresça, expandindo seu alcance e influência, e permanecendo vigilante na defesa da democracia e do pensamento crítico.

Que esta data jubilar, seja um símbolo do vigor renovado da AIL e um testemunho do nosso compromisso com a literatura e a cultura local. Que cada página escrita e cada evento promovido por nossa academia sirva de lembrete do legado daqueles que nos inspiraram e do nosso dever para com as futuras gerações.

Senhoras e senhores,

Ao prospectar os próximos 25 anos, é fundamental que nos comprometemos a manter os pilares éticos que sempre sustentaram a AIL. A ética é a guardiã da credibilidade e do respeito mútuo, valores essenciais para o florescimento de um ambiente literário inclusivo e enriquecedor. Devemos continuar a promover a literatura não apenas como uma forma de arte, mas como um meio de transformação social, de elevação cultural e de união comunitária.

Nosso futuro será moldado pela nossa capacidade de inovar sem perder a essência, de acolher novas vozes sem diluir a identidade, de defender a liberdade de expressão e o respeito às diversidades. A AIL deve ser um farol de luz na escuridão, um espaço onde a verdade e a ficção coexistem para desafiar e expandir os horizontes de todos que se dedicam à palavra escrita.

Para os próximos 25 anos, devemos reafirmar nosso imortal compromisso com a democracia, assegurando que nossa voz coletiva se levante contra qualquer tendência que busque silenciar a rica pluralidade de nossa sociedade. A literatura é um espaço de liberdade, um refúgio contra a opressão e a ignorância. Ela nos permite explorar a condição humana em toda a sua complexidade, e é através dela que podemos resistir e rechaçar ideias fascistas e autoritárias que tentam se insinuar em nosso tecido social.

A todos os membros presentes e àqueles que virão, convido a reafirmar nosso compromisso com a excelência e a ética. Que cada um de nós seja não apenas um herdeiro, mas um construtor do legado da AIL, perpetuando um espaço de criação e reflexão onde a literatura é a verdadeira protagonista.

A todos os membros presentes e àqueles que ainda irão integrar nossas fileiras, convido a sermos vigilantes, a promovermos o debate e a educação literária, e a nos posicionarmos firmemente contra qualquer forma de pensamento que ameace as liberdades duramente conquistadas.

Agradeço a cada um dos fundadores e membros que, com dedicação e paixão, mantiveram a chama da AIL acesa. Aos que já se foram, deixo minha promessa de que seus ideais não serão esquecidos. E aos que ‘ainda’ aqui estão, reitero o chamado para que, juntos, enfrentemos os desafios do presente com a sabedoria do passado e a esperança no futuro.

Que possamos, então, usar as ferramentas tecnológicas de nosso tempo para ampliar nossa missão, sem jamais negligenciar o conteúdo que define nossa essência. Que a literatura produzida sob o selo da AIL continue a ser um espelho para a alma de nossa comunidade e um farol para a nação brasileira.

Senhoras e senhores,

Ao encerrar, permitam-me evocar a sabedoria de um dos maiores nomes da literatura brasileira, **Machado de Assis**, que, durante a criação da **Academia Brasileira de Letras**, proferiu palavras que ressoam profundamente com o espírito da nossa própria academia. Palavras que recitei com fervor no ato de fundação da Academia Itapemense de Letras e que hoje, 25 anos depois, servem como um lembrete poderoso do nosso dever:

"Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da vida brasileira."

Estas palavras são um chamado à perpetuidade dos nossos ideais. Elas nos instigam a manter vivos o pensamento e a vontade que nos uniram no momento de nossa fundação. É nosso dever sagrado transmitir esse legado aos que nos sucederão, para que a obra da **Academia Itapemense de Letras** continue a se desdobrar em sólidas e brilhantes páginas da vida cultural da nossa região.

Vamos, pois, carregar a tocha do conhecimento que nos foi confiada com a mesma paixão e determinação que **Machado de Assis** visionou para a academia que ajudou a criar. Que nos próximos 25 anos, e além, a **Academia Itapemense de Letras** seja um exemplo de resistência, de renovação e de compromisso com a literatura e a democracia.

Veneráveis confrades e confreiras,

Hoje, ao concluir este discurso, repito com renovado vigor a afirmação de que não apenas Itapema, mas agora também a nossa Costa Esmeralda, composta por Porto Belo e Bombinhas, ganha, gloriosamente, uma nova constelação de estrelas. Diferentes das estrelas celestes, estas são imortais não pela sua luminosidade efêmera, mas pela sabedoria que compartilham, pelas obras que legam à humanidade e pelo compromisso inabalável de semear novos pensamentos e estilos de cultura em nosso chão.

Honrosamente, depois de 25 anos, cabe-me novamente o título de Presidente desta Academia, uma responsabilidade que abraço com humildade e com a certeza de que juntos somos mais fortes.

Ao me despedir, faço votos de que a força de nossos laços e a felicidade de nossa união nos sustentem nas missões que a partir de agora nos são confiadas. Que cada um de nós, membros da AIL, encontre na memória de nossos fundadores e na sabedoria de nossos antecessores a inspiração para seguir adiante.

Sejamos, pois, felizes e fortes o suficiente para cumprirmos as missões que nos esperam. Que a nossa academia continue a ser um espaço de criação, reflexão e resistência, onde a literatura e a democracia se entrelaçam para formar um futuro promissor para Itapema, para a nossa região e para o Brasil.

Muito obrigado, e que a sabedoria e a força de nossas estrelas imortais guiem nossos passos nos próximos 25 anos e além.



S O B R E O A C A D É M I C O

Doutor em Educação Científica e Tecnológica (UFSC, 2020), **André Gobbo**, possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo (UNIVALI, 1999), especialista em História, Ensino e Pesquisa em Santa Catarina (2001) e em Ensino e Docência no Ensino Superior (2014). Mestre em Ciências da Educação (2010). Entre 2015 e 2021 coordenou o Núcleo de Apoio Técnico e Pedagógico (NATEP) do Centro Universitário Avantis (UniAvan), de quem, em 2018, recebeu o título de Professor Emérito. Em junho de 2021 assumiu o cargo de Reitor interino do UniAvan, onde permaneceu até outubro de 2022. Autor dos livros “Dom José Gomes: escudo dos oprimidos” (2002); “Passaporte para a história: Itapema e sua alma feminina” (2009); “A Quarta Revolução industrial e seus impactos na educação 4.0” (2022); além de artigos e capítulos de livros. Desde 2023 atua junto à Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Santa Catarina (FETIESC), em Itapema. Foi o primeiro presidente da Academia Itapemense de Letras (2000-2002), cargo que voltou a ocupar em 2025.

S I G A O A U T O R



andre_gobbo



CADEIRA N° 10



Marileide Lonzetti

Homenagem ao Patrono



Imagen gerada pela IA

Falar do meu patrono **Visconde de Taunay** é um privilégio. No período que eu cursava faculdade de Letras, tínhamos que ler três livros por mês. E o livro que mais me encantou foi justamente o romance *Inocência*, de Visconde de Taunay. Por se tratar de um amor impossível, envolvendo Cirino - um rapaz estudante que se intitula médico - e Inocência, uma jovem da elite rural.

Na obra, Taunay retrata a vida rústica do sertanejo: a paisagem, os hábitos, os costumes, a naturalidade dos diálogos, os tipos humanos com pouca dose de idealização e fantasia.

Conta a história sentimental e dramática da cabocla Inocência "donzela de fascinante beleza". Prometida em casamento para "Manecão", a jovem adoece e é tratada por um curandeiro da região. Durante o lento processo de cura, nasce entre eles o amor. Manecão descobre e mata o rival. Dois anos depois Inocência morre de saudade.

O romance tornou-se um clássico do fim do romantismo, obteve extraordinária popularidade e foi traduzido para diversas línguas. Quem foi esse autor que escreveu tantas obras literárias e deixou lindas recordações?

Visconde de Taunay (1843-1899) foi um escritor, militar e político do império brasileiro. Monarquista e grande admirador de D. Pedro II, com ele manteve uma longa correspondência quando o ex-imperador foi exilado do país.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay nasceu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, no dia 22 de fevereiro de 1843. De família aristocrata, era filho de Félix Émile Taunay, um dos preceptores do Imperador e seu fiel amigo durante quarenta anos, e de Gabriela Hermínia d'Escragnolle Taunay, filha do conde d'Escragnolle.

Seu avô, o pintor Nicolas Antoine Taunay, veio para o Brasil como integrante da Missão Artística Francesa, em março de 1816.

Visconde de Taunay foi um autor do romantismo brasileiro, um estilo de época marcado pelo exagero sentimental e pela idealização amorosa. A principal obra desse escritor apresenta, assim, as características inerentes ao romance regionalista:

- cor local: elementos geográficos e culturais de alguma região do Brasil;
- caráter nacionalista: valorização de personagens tipicamente brasileiros;
- foco no meio rural: valores e costumes regionais;
- aspecto heróico: a coragem do homem do campo é enaltecida;
- presença de linguagem coloquial: valorização do falar regional;
- relevância do espaço: o meio inóspito gera personagens rudes;
- universo patriarcal: submissão feminina em destaque.

Visconde de Taunay ingressou no Colégio Pedro II, onde em 1858 concluirá o curso de Humanidades.

Em 1861 ingressou no Exército Imperial, no 4º Batalhão de Artilharia. Em 1863 formou-se em Ciências Físicas e Matemática na Escola Militar. Em 1864 foi promovido a 2º tenente.

Em 1865 iniciou o curso de Engenharia Militar, interrompido pela convocação para servir na Guerra do Paraguai.

Com a eclosão da Guerra do Paraguai (1864-1870), em 1865, Taunay foi incorporado à Comissão de Engenheiros, anexa ao Corpo Expedicionário que seguiu para a província de Mato Grosso, que havia sido invadida pelas tropas de Solano López.

Durante três anos, Taunay permaneceu na região do Planalto Central, tendo tomado parte ativa na “Retirada da Laguna”.

Em 1868 retornou ao Rio de Janeiro e em 1869 foi convidado pelo Conde d’Eu, comandante das forças brasileiras em operação no Paraguai, para redigir o “Diário do Exército”, que em 1870 foi reproduzido em livro do mesmo nome.

Terminada a guerra, o Visconde de Taunay foi promovido a Capitão e retornou ao curso de Engenharia Militar.

Em 1871, Visconde de Taunay publica uma de suas principais obras: “A Retirada da Laguna” que, em uma narrativa forte e dramática, evidencia os problemas militares, o sofrimento dos combatentes e o nacionalismo durante os anos na guerra.

Escrita em francês, a obra foi posteriormente traduzida para o português por seu filho Afonso.

Terminado o curso de Engenharia, Taunay passou a lecionar História, Línguas, Mineralogia, Biologia e Botânica no Colégio Militar.

Trazendo para a literatura suas experiências da guerra, projetou-se com o romance “Inocência”, publicado em 1872 e considerado o melhor romance sertanejo do Romantismo.

Em 1872, o Visconde de Taunay ingressou na vida política pelo Partido Conservador. Foi nomeado Deputado Geral pela Província de Goiás.

Em 1874 casou-se com Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras, com quem teve quatro filhos, entre eles Afonso d’Escagnolle Taunay, futuro biólogo e historiador brasileiro.

Entre 1876 e 1877, Taunay foi Presidente da Província de Santa Catarina. Nessa época, inaugurou o Monumento aos Heróis Catarinenses da Guerra do Paraguai, na Praça XV de Novembro, em Desterro, hoje Florianópolis.

Taunay passou dois anos estudando na Europa. Em 1881 foi eleito Deputado Geral por Santa Catarina, encerrando o mandato em 1884.

Entre 1885 e 1886, Taunay foi presidente da província do Paraná. Nessa época, presidiu a Sociedade Central de Imigração que promoveu a chegada dos primeiros imigrantes alemães e italianos para o sul do Brasil.

Entre 1886 e 1889 foi senador por Santa Catarina na vaga do Barão de Laguna. Foi um dos mais dedicados partidários da abolição da escravatura.

Dedicado às suas múltiplas atividades, Visconde de Taunay destacou-se também como jornalista, músico e pintor, além de ter sido administrador da floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Visconde de Taunay foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia Brasileira de Música (ABM), onde ocupou a cadeira n.º 13.

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de São Bento, da Ordem de Avis e da Ordem de Cristo.

No dia 6 de setembro de 1889, recebeu o título de “Visconde, com Grandeza”. Neste mesmo ano, com a queda da Monarquia, afasta-se do Senado, mas permanece fiel ao ex-imperador, por quem mantinha a mais profunda admiração.

Durante o exílio de Dom Pedro, Taunay manteve farta correspondência com ele, que posteriormente foi reunida e publicada por seu filho Affonso Taunay, no livro “Visconde de Taunay: Pedro II”.

Visconde de Taunay faleceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de janeiro de 1899.

Pouco antes de sua morte disse ao filho Afonso: “Não sei se te caberá a grande felicidade que alcancei: a convivência próxima e prolongada com homens de imensa elevação como o Imperador e Rio Branco, tipos verdadeiramente grandiosos”.

Obras do Visconde de Taunay:

- A Retirada da Laguna, diário de guerra (1871)
- Mocidade de Trajano (1871)
- Narrativas Militares (1871)
- Inocência, romance (1872)
- Lágrimas do Coração (1873)
- A Campanha de Mato Grosso
- Manuscrito de Uma Mulher, romance (1873)
- Ouro Sobre Azul, romance (1875)
- Céus e Terras do Brasil (1882)

- Amélia Smith, drama (1886)
- No Declínio, romance (1889)
- O Encilhamento, romance (1894)
- Reminiscências, Memórias (1908, póstumas)

Sua obra de ficção abrange, além do romance, as narrativas de guerra e viagem, descrições, recordações, depoimentos, artigos de crítica e escritos políticos.

Também teve experiência como pintor, restando dele telas dignas de estudo. Era grande apaixonado pela música, tendo deixado várias composições. Estudioso da vida e da obra dos grandes compositores, manteve com escritores e jornalistas polêmicas sobre essa arte.

Taunay foi um infatigável trabalhador, patriota, homem público esclarecido e apaixonado homem de letras. Teve a plena realização do seu talento no terreno literário. Ficou conhecido por sua prosa regionalista.

Sua obra possui caráter nacionalista e retrata a vida do homem do campo.

Em meu discurso de posse na Academia Itapemirense de Letras, em 2000, me referi ao meu patrono Visconde de Taunay com as seguintes palavras:

Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, criou a cadeira número treze, que tem como patrono Francisco Otaviano.

As palavras são poucas, a emoção é imensa, o orgulho que apodera-se de mim, traz uma incontrolável vontade de expressar o que sinto, o que desejo, o que espero.

Como escritor, Visconde de Taunay deixou marcas espalhadas pelos Antologia Literária. VOL. II

arredores, pela nossa terra, pelas nossas lembranças.

Tantos o admiraram e continuam a admirar pois palavras marcantes jamais saem de nossas memórias e sim, permanecem guardadas em nossos corações, prontas para serem proferidas a alguém que tanto necessite; prontas para serem colocadas em um lugar que alguém possa ler; prontas para serem entendidas a qualquer hora, por alguém que nem precise entender.

Por ser romancista, músico, pintor usou as expressões, os sentimentos, as emoções que eternamente ficarão registradas em nossos corações.

Tanto mais poderei falar, relembrando trechos de livros que transformaram o cotidiano das pessoas; cenas que foram feitas para designar contradições; palavras tiveram um significado especial e até mesmo ocultaram a sensibilidade dos leitores. Como exemplo, cito o romance “Inocência”, que traduz uma ideia romântica – a do amor ligado à morte.

Poderei citar, citar e relembrar; mas muito mais que lembranças foi o seu modo de pensar. Alguém que interferiu poeticamente em nossas vidas deixando transparecer os sentimentos, a vontade de querer, o dom do poder, a insatisfação em não obter, a coragem em permanecer e a vitória em não perder.

Emoção e satisfação, o que mais posso dizer?

Minha trajetória na Academia Itapemense de Letras

Por Marileide Lonzetti

Minha trajetória na Academia Itapemense de Letras me incentivou a produzir sempre mais. Como membro-fundadora, ocupando a cadeira número 10, tive a oportunidade de apresentar meu patrono Visconde de Taunay. A partir daí comecei a escrever muitas poesias, que ao longo dos anos foram publicadas em livros e distribuídos nas escolas. Participei de conversas com alunos da rede municipal, estadual e particular de ensino. Os mais variados temas, como: ser um escritor, quem pode escrever, quais os critérios para criar um poema, como editar um livro, foram abordados com os estudantes para que refletissem sobre o hábito de ler e escrever.

Um fato que marcou minha trajetória na AIL foi quando fomos convidados para declamarmos poesias no interior de um shopping, em Balneário Camboriú. Descemos as escadas rolantes com um microfone e a poesia logo foi ouvida por todos que lá estavam. Momento mágico onde as pessoas puderam desfrutar e se encantar com os poemas.

A Academia também nos proporcionou um seminário com participação ativa de vários escritores onde realizamos troca de experiências, troca de livros e palestras literárias. Esse seminário deixou boas lembranças culturais.

A cada troca de conhecimento, a cada publicação de livros, a cada declamação de poesias, me fortalecem culturalmente e me estimulam a produzir cada vez mais.

Falar da Academia é maravilhoso, é desafiante, é encantador, pois conhecemos pessoas que são amantes da cultura, pessoas que trocam conhecimentos, pessoas que nos encantam com suas produções. Isso é muito gratificante, pois ser um membro da Academia é muito mais do que escrever, é ter o encantamento, é poder dar vida ao imaginário, tornando os lindos sonhos em encantos.

Participar dos ceremoniais da AIL é emocionante, é inovador, é ousado, é admirável. Cerimonial que desperta saudade, que proporciona o ingresso de novos membros, que homenageia escritores. Ser imortal é ter a responsabilidade de espalhar cultura onde passa, é se emocionar com uma música, é tocar o coração através de um poema.

O autor, quando escreve, se inspira no real, no cotidiano, nas emoções, mas também se inspira no imaginário, na fantasia, no mundo mágico. Ao apresentar sua inspiração para os leitores, retrata os mais variados sentimentos, que fazem com que as palavras ganhem vida.

Em muitos momentos a Academia foi convidada para uma conversa com estudantes que queriam muito conhecer os escritores e tirar suas dúvidas. E um deles foi com o projeto “Academia na escola”, onde falamos da Semana da Arte Moderna, para todas as turmas do quinto ano das escolas municipais. Foi sem dúvida, uma conquista para nós, membros da Academia. Também, em um desses momentos, fui convidada pela professora da turma do terceiro ano, de uma escola municipal, a falar sobre poesia. Conversamos muito, levei poesias para eles declamarem, fizeram a análise e no final, produziram seu próprio poema. Foi muito gratificante auxiliar essas crianças, a mostrar para elas que a poesia está viva, presente em cada um de nós. É possível sim, escrevermos poemas, participarmos desse mundo das letras tão maravilhoso.

Dentro da minha trajetória na AIL, destaco as contações de história que realizo nas escolas. Trabalho voluntário que me proporciona muita alegria e realização.

Recentemente fui convidada a fazer uma contação de história para os alunos do Magistério, proporcionando a eles um momento prazeroso, cheio de encantos e fantasias, para que ficassem estimulados a contar histórias para seus alunos com bastante regularidade. O resultado foi surpreendente. A sementinha estava plantada no coração de cada um, e juntos, pudessem fazer a diferença na vida de cada estudante.

As contações me fortalecem cada vez mais. Poder criar minhas histórias, com os bonecos que as representam e com as músicas que fazem com que todos se movimentem, participem e tenham bons momentos, é maravilhoso, é muito gratificante, é poder inovar e criar mesclando o real com o imaginário, a dor com a alegria, os desafios com a realização, o mundo real como mundo imaginário. A história se envolve com a música que se envolve com os movimentos, fazendo com que a arte se complete entre criação, canção e isso é cultura, isso é arte, isso é magia. Contar, cantar e se movimentar.

Tive o privilégio de presidir a Academia por dois anos (2004-2006), com muita dedicação, muito amor e muita responsabilidade. Jamais esquecendo que a Academia inova, renova e não para de crescer. Nesses 25 anos na Academia, aprendi muito, ensinei muito, refleti, sorri e até chorei quando alguns colegas escritores partiram. Continuarei me dedicando, aprendendo, ensinando, pois quem tem o dom de escrever, não deve jamais deixar de sonhar.



ACONCHEGO

Por Marileide Lonzetti

Cai a noite
E o aconchego do lar
Transforma a rotina
Em situações agradáveis
Diálogo, compreensão, satisfação
Recheiam o espaço com altivez
Deixando claro o que parecia ofuscante
Tornando límpido o que era poluído
Vivenciando o que parecia adormecido
O aconchego do lar
Simplificou a vida
Motivou a responsabilidade
Cativou o ser humano
No final do dia, após o trabalho
Só nos resta querer algo
O aconchego do lar.



TRABALHADOR

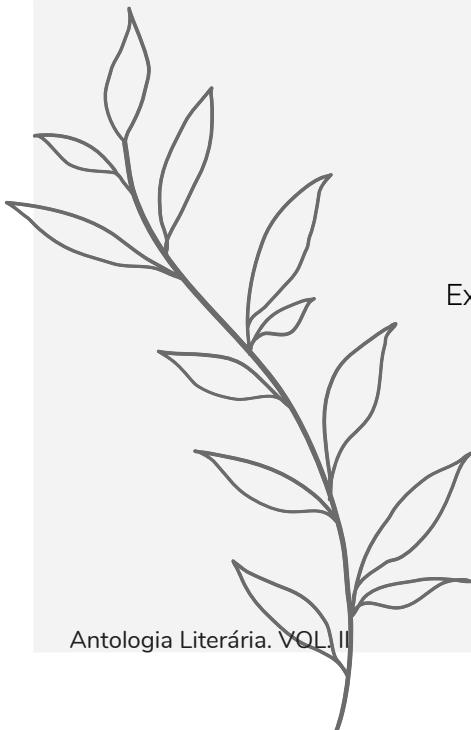
Por Marileide Lonzetti

Persistência, responsabilidade, dedicação
Estão presentes no dia a dia do trabalhador
Coragem, ânimo e satisfação
Unem-se para formar a palavra Amor.

Sabedoria, coragem e envolvimento
Suavizam os momentos de dificuldade
Alegria, anseios e conquistas
Transformam os sonhos em realidade.

Mãos que auxiliam quem necessita
Mãos que acalentam o sofrimento
Um olhar que possibilita
Um sorriso de agradecimento.

Trabalho árduo e eficiente
Que busca alcançar uma finalidade
Honrar seu nome veemente
Exercendo sua função com dignidade.



S O B R E A A C A D É M I C A

Marileide Lonzetti é natural de Erechim (RS), onde nasceu no dia 03 de março de 1963. Publicou seu primeiro livro “Sonhos e Encantos”, em 1999. Em 2002 lançou o livro “Poesias My” em parceria com sua filha Yasmin. Após, publicou “Versinhos de A a Z”; “Poemas para ilustrar”; “Histórias e estórias de um professor”. Teve participação no “Talento poético” com suas poesias, de 2016 a 2020. Foi revisora da Editora Becalete, no período de 2019 a 2020. Atuou como professora e coordenadora pedagógica. Atualmente está aposentada fazendo trabalho voluntário nas escolas, como contadora de história. É membro-fundadora da Academia Itapemirense de Letras, ocupando a cadeira número 10, tendo como patrono Visconde de Taunay. Suas maiores inspirações são seu marido Paulo e sua filha Yasmin, pessoas que ama incondicionalmente.

S I G A A A U T O R A



@marileide.poetisa



CADEIRA N° 12



Cássia Cristina da Silva

Homenagem ao Patrono



Imagen gerada pela IA

Odilon Lunardelli é conhecido como "nossa homem do livro", título dado ao livro publicado dois anos após seu falecimento. Ali, bem no centro de Florianópolis, funcionou por mais de 40 anos uma livraria que mudou o rumo das histórias, da literatura e da educação em Santa Catarina.

Naquele casarão vivia um livreiro, um homem chamado Odilon Lunardelli, que sonhou alto e, com perseverança, teimosia e muitas xícaras de café, colocou na praça mais de três centenas de títulos de autores catarinenses.

Assim era conhecido: "Um sonhador, um sujeito que acredita numa causa, livreiro singular" (MIGUEL, 1999, p. 67). "Tinha rompantes, amizades e inimizades instantâneas ou duradouras" (MIGUEL, 1999, p. 69). Assim é ligeiramente descrito por algumas das testemunhas de sua trajetória.

O livreiro e editor, natural de Brusque (SC), formou-se em técnico de contabilidade em 1957 pela Academia do Comércio de Santa Catarina.

Durante anos, foi funcionário dos Correios, ocupação que exerceu antes de iniciar a venda e edição de livros de diversos autores catarinenses.

A livraria e editora foi inaugurada em 1972, mas existia como pessoa jurídica desde 1965 até 2006 — ou seja, sua existência ultrapassou quatro décadas. O empreendimento, instalado em um casarão abandonado, foi palco de diversas metamorfoses vividas em Florianópolis.

Com o tempo, sentimos a falta do livreiro e de sua livraria, que abrigava uma casa enorme, onde se via que Odilon conquistou muito. No lugar, a propriedade familiar foi demolida, deixando apenas rastros de uma história. No futuro, abrigará um edifício que em nada se assemelha à antiga construção. Nesse desenrolar, evidencia-se um lento apagamento da memória: o triste fim de uma livraria.



Minha trajetória na AIL

Por Cássia Cristina da Silva

Minha trajetória na Academia Itapemense de Letras começou através de um convite e de um reencontro com a professora Tatiana, também confreira da AIL, que foi professora dos meus quatro filhos no Colégio Unificado. Quando recebi o convite, fiquei muito lisonjeada — afinal, era um sonho de infância que eu havia guardado numa caixinha dentro do coração.

Sempre fui apaixonada por leitura. Minha vida foi marcada por vários autores, entre eles: Cora Coralina, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Eu literalmente devorava livros. Meu primeiro livro foi um de poemas, que comecei a escrever aos sete anos. Na escola do magistério, fiz um livro de bonecas que tinham roupinhas de verdade feitas de tecidos — pena não ter guardado. Ali, descobri que eu podia mais...

Meu primeiro livro físico foi como coautora, publicado pela Editora Literare Books: ‘As Incríveis Mulheres que Deram a Volta por Cima’, onde conto parte da minha vida. Já havia escrito diversos artigos jurídicos e de moda, além de colaborar com jornais locais (como o jornal ‘A Hora’, de Itapema e região), e também com o jornal da igreja no RJ, onde publiquei poesias. Quando adolescente, declamava meus próprios poemas nas escolas do Rio de Janeiro.

Escrevi diversos artigos para revistas como ‘Economia e Negócios’, em Santa Catarina. Tudo isso abriu caminho para que, um dia, eu pudesse ingressar na Academia Itapemense de Letras — pois, certamente, sem bagagem literária, isso seria impossível.

Depois que entrei para a AIL, escrevi meu primeiro livro solo infantil, dedicado às minhas netas: ‘A Borboleta Azul’. Atualmente, estou finalizando meu segundo livro infantil e um terceiro livro solo, voltado para o Direito da Moda — área em que hoje atuo como presidente da Primeira Comissão de Direito da Moda de Itapema.

Participei também de outras obras em coautoria: ‘*Cartas de Natal*’, ‘*Enfeites de Natal*’, ‘*Poesia da Favela*’, ‘*Florilégio Brasileiro*’, entre outros.

A Academia fez crescer ainda mais em mim o amor pelas letras, despertando um desejo profundo de escrever mais, de mostrar ao mundo — principalmente ao mundo digital — a importância da boa escrita, de conteúdos relevantes, e da ampliação do nosso horizonte intelectual.

Sou muito grata à Estella Parisotto, minha ex-presidente, e a toda a equipe que me acolheu tão bem após minha aprovação nos trâmites legais para ingressar na AIL. Estella conseguiu resgatar parte da história da Academia, que havia sido perdida. Também sou grata à Marileide, Tatiana e Samara, que me abraçaram na AIL e me ensinaram os novos passos, assim como a outros amigos que conheci ali.

Agradeço a Deus por fazer parte de uma instituição com membros tão qualificados, que se dedicam à expansão da cultura literária em Itapema e região. Espero contribuir à altura de cada confrere e confrade tão capacitados, dedicados e apaixonados pelo que fazem.

Sou grata pelos 25 anos da Academia Itapemense de Letras, por cada projeto realizado, pelos fundadores e patronos — hoje imortais — que acreditaram neste lindo projeto. Eles tiveram a visão de que, na Costa Esmeralda, estavam escondidos grandes autores, poetas, Antologia Literária. VOL. II

poetas, cronistas e tantos outros talentos. Tenho certeza de que sonharam muito e buscaram recursos para que a AIL se tornasse realidade, mesmo enfrentando desafios como a locomoção até a capital, entre outras dificuldades da época.

Agradeço especialmente ao patrono Odilon Lunardelli, cuja cadeira número 12 hoje ocupo. Um homem forte, visionário, que se dedicou e contribuiu com seus escritos e sua livraria na capital. Pena não tê-lo conhecido — mas, com certeza, brilha no céu pelo legado que deixou.

Sou grata porque, um dia, quando visitei pela primeira vez a Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro, presente do meu pai (*in memoriam*) na cidade onde nasci, vi a cadeira de Machado de Assis e sonhei: “Um dia, quero sentar numa cadeira assim.” Eu era tão jovem, apenas 15 anos, e nem imaginava o peso da responsabilidade que esse sonho carregava — deixar algo escrito que pudesse tocar os corações. Esse sonho virou realidade em Santa Catarina, quando participei do edital para ingressar na Academia.

A AIL e seus membros têm despertado em mim novos sonhos. Correrei atrás, me dedicarei, para deixar um grande legado literário à cidade que tanto amo. Aos meus amigos confrades e confreiras, deixo meus parabéns: vocês, que vieram muito antes de mim, fizeram com que a AIL chegassem até aqui e brilhassem nos eventos que realizamos juntos. E continuará brilhando — disso eu não tenho dúvidas.

Que eu possa ser luz nessa caminhada, para que muitos outros escritores se identifiquem e realizem seus projetos. Parabenizo o presidente André Gobbo por sua dedicação, inclusive na realização desta antologia dos 25 anos, e aos demais membros por esta nova etapa.

Pare de se encaixar

Por Cássia Cristina da Silva

As pessoas são dotadas de sentimentos e escolhas — isso sempre fez parte da sociedade. Toda pessoa bem-sucedida, em algum momento, passou por escolhas. Silenciou para ouvir, se retirou do barulho para escutar sua voz interior e refletir.

Em um mundo perturbador e consumista, vivemos nos encaixando em vários estereótipos e lugares. E muitas vezes esquecemos de sermos “eu”, em vez de “nós”. A sociedade nos impõe rótulos e padrões que acabam por descharacterizar quem somos, de onde viemos, o que buscamos e onde queremos chegar. A realidade é que olham para nós como uma caixa com tampa, pronta para se encaixar em qualquer situação.

Antigamente, para se aprender tabuada, dava-se reguada na mesa ou nas pernas dos alunos - mas esse tipo de método não servia para todos. Eu não me encaixei. Não aprendi. Eu precisava visualizar. Então, colei tabuadas em folhas de papel espalhadas pela casa. Por onde eu passava, lia e assim aprendi. Não me encaixei no método aplicado a todos, mas fui bem-sucedida.

Na escola, professores mais antenados com as mudanças atuais tentam “vender” terapia aos pais quando o aluno sequer se encaixa em coisas simples como brincadeiras. Professores não acolhem os alunos “diferentes” como deveriam, tentando aplicar um único método para todos. Muitas crianças passam a ser consideradas “esquisitas”, quando na verdade são futuros gênios — apenas não se encaixam na ideia de “normalidade” da sociedade.

Padrões exagerados, inclusive de beleza, nos escravizam diariamente a ponto de olharmos no espelho e não nos reconhecermos. Estamos sendo transformados à força por procedimentos estéticos. Pessoas gordas são vistas como fora do padrão; magreza é sinônimo de saúde e sucesso. O Botox já não faz mais efeito, os cílios são pequenos demais, os bioestimuladores retardam o envelhecimento.

A sociedade tenta nos empurrar a ideia de que a velhice não deve chegar — mas cabelos brancos são maturidade, e rugas, vivência. Ainda assim, gastam-se bilhões para congelar o tempo e manter uma juventude eterna, tudo para se encaixar num padrão artificial.

No ambiente de trabalho, somos pressionados a adotar comportamentos e valores impostos. O certo virou errado, e o errado, aceitável. Aqueles que antes eram considerados “normais” agora são vistos como antiquados. Já não conseguimos nos expressar com liberdade: expressões estão sendo censuradas, opiniões silenciadas por pessoas com poder nas redes sociais.

Outras pessoas, em busca de sentido ou cura emocional, mergulham em modismos como os “bebês reborn”. Mulheres adultas, às vezes sem filhos ou com filhos criados por terceiros, cuidam de bonecos como se fossem reais, oferecendo-lhes afeto, levando-os a consultas médicas. Isso levanta preocupações sobre a sanidade emocional dessas pessoas. A psicologia aponta que traumas mal resolvidos, perdas gestacionais ou familiares, podem gerar quadros de depressão e transtornos mentais.

Hoje já existe um projeto de lei (PL 5357/25 - RJ) prevendo um programa estadual de saúde mental para lidar com esses problemas. Alguns processos judiciais, inclusive, pedem guarda legal de bonecos reborn por motivos emocionais. Existem hospitais, escolas e até registros para bonecos, enquanto muitas crianças

reais aguardam por adoção. Que valores são esses?

Até quando aceitaremos nos encaixar nessas distorções da sociedade? E até quando vamos abrir novas caixas para nos esconder, por não nos encaixarmos na fala ou pensamento do outro?

A livre expressão tem sido banida, substituída pela imposição do sistema. Os “normais” tornaram-se anormais. Olhamo-nos e nos perguntamos: estamos ultrapassados? Velhos? Com pensamentos obsoletos?

Pais já não conseguem exercer seu papel com autoridade. Educar com palavras firmes ou mesmo uma palmada se tornou um crime. Mas gerações como a geração Y foram criadas com disciplina e sobrevivemos. Trabalhamos duro, empreendemos. Já a geração Z, digitalizada, muitas vezes trabalha pouco, investe menos e gasta mais. Embora busquem liberdade, ainda enfrentam instabilidade emocional. São milionários aos 20 anos, mas emocionalmente frágeis.

A sociedade impõe que a vida só existe no digital. Mas... e a parte emocional, espiritual, onde fica? Vivemos em sistemas frios que nos impedem de exercer nossa missão como pais e educadores. O mundo caminha para a desorganização, a falta de amor, respeito e limites. Pessoas se tornam máquinas de trabalho, enquanto outras se isolam. A geração Z fala menos, compartilha menos, vive nas telas.

E então surgem os “therians”, pessoas que se identificam como animais - talvez por problemas psicológicos, espirituais ou neurológicos. Ainda não se sabe se é transtorno, doença ou um novo tipo de sofrimento por não aceitação de si mesmo. Onde vamos parar?

A psicologia tenta explicar: algumas pessoas estão em busca de si mesmas, outras alegam distúrbios ou perturbações. E nós, onde nos encaixamos em uma sociedade com 3,5 milhões de therians? O perigo está em todo lugar.

Não precisamos nos encaixar em todas as novidades excêntricas. Precisamos aprender a conviver com a diversidade — inclusive com quem pensa diferente, mas não nos limita.

Vivemos em um mundo cheio de rótulos (fluru, therian etc.). Devemos parar de nos encaixar. Somos responsáveis por nossas escolhas e pelos padrões da sociedade que, em muitos casos, deram certo. Talvez você diga: “Mas nascemos numa sociedade mista”. Sim, nos identificamos com costumes familiares, mas precisamos ter cuidado para não nos perdermos com novas teorias e utopias.

Há muitos caminhos, mas um só leva à verdadeira felicidade. O que é certo para mim pode ser errado para você - tudo bem. Mas devemos avaliar antes de mudar apenas por ser mais fácil ou diferente.

A sociedade impõe uma forma. Verifique se ela funciona. Estude. Busque ser você mesmo, dentro de limites vividos e que levam ao sucesso.

O que a sociedade nos oferece precisa ser bem analisado. Mudanças podem ser boas, desde que nos façam crescer. Mas caminhos desconhecidos, aceitos apenas para se encaixar, podem ser um buraco negro. Podem comprometer sua vida.

Se você quer progredir, crescer em todos os sentidos, **não tente se encaixar em tudo o que te oferecem. Nem tudo que brilha é ouro.**

Avante!

Itapema merece muito mais da nossa Academia.

Feliz 25 anos, AIL!



S O B R E A A C A D É M I C A

Cássia Cristina da Silva, uma brasileira de 57 anos, nasceu no Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, no hospital da Aeronáutica. Ela é casada e mãe de quatro filhos: Pedro, Mariana, Beatriz e Giovanna Julia, além de ser avó de duas netas. Cássia iniciou seus estudos em 1975 no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, no Rio de Janeiro, e formou-se no magistério em 1988. Em 1992, graduou-se como Bacharel em Direito pela Universidade Gama Filho.

Com uma trajetória de 32 anos como advogada, Cássia especializou-se em processo do trabalho através de uma pós-graduação. Com uma trajetória de 32 anos como advogada é fundadora do Silva e Silva Advogados. Além de sua carreira jurídica, ela é ativa em sua comunidade religiosa, atuando como catequista e ministra extraordinária da comunhão. Cássia também teve uma experiência notável como juíza eclesiástica durante 5 anos em Sinop, Mato Grosso.

S I G A A A U T O R A



cassiacsiiilva



CADEIRA N° 14



Zeni Maria de Oliveira

Homenagem ao Patrono

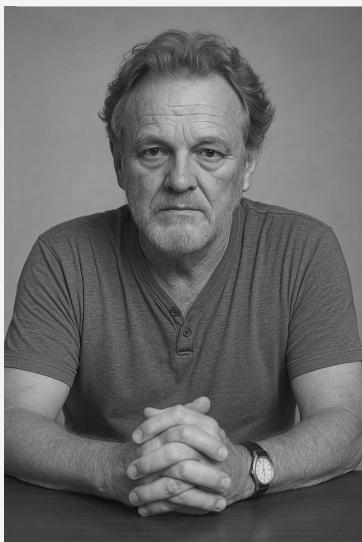


Imagen gerada pela IA

Alcides Buss, nasceu em Salete (SC), 14 de agosto de 1948. Começou a publicar seus poemas no final dos anos 60, dentro do movimento da poesia independente, também chamada marginal. Seu primeiro livro, de 1970, trouxe como título 'Círculo quadrado', numa referência irônica à realidade da época. Um ano depois venceu o I Festival Catarinense de Poesia Universitária, promovido pelo Diretório Central de Estudantes da UFSC, com o livro experimental 'O bolso ou a vida?'. Com o objetivo de alargar a difusão da poesia, criou o Varal Literário e o Movimento de Ação do Livro: o Livro em Movimentação, através do qual uma obra era repassada de uma pessoa para outra.

Ainda estudante de Letras, em Joinville (SC), editou o jornal de cultura 'O Acadêmico', além de um suplemento literário nos Diários Associados de Santa Catarina. Convidado para diretor de cultura no Município, promoveu a implantação do Museu de Arte

Joinville, a criação da Escola Municipal de Dança e, com repercussão nacional, um projeto de popularização das artes, levando a música, a dança e a literatura para praças, escolas, igrejas e outros lugares públicos. Com poetas e escritores, editou a revista 'Cordão'.

Em 1980, transferindo-se para Florianópolis, iniciou na UFSC uma experiência de criação literária com estudantes universitários. Durante anos, suas oficinas promoveram o surgimento de novos escritores, abrindo espaço também para o desenvolvimento de outras artes, como o cinema. Os varais literários se intensificaram e foram alcançando, aos poucos, outras cidades e estados brasileiros.

A partir de 1991, durante 17 anos, dirigiu a Editora da UFSC, mantendo e criando importantes coleções. Entre elas, destacou-se a 'Ipsis Litteris', destinada a novos escritores, publicando anualmente dezenas de títulos.

Eleito em 1993 como presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, empenhou-se no fortalecimento da instituição, conseguindo apoio do Ministério da Educação para criação de editoras em todas as universidades e garantindo a participação das edições universitárias nos eventos nacionais e internacionais mais importantes.

Entre 1997 e 1999 presidiu a União Brasileira de Escritores de Santa Catarina. Foi finalista do Prêmio Jabuti 2000 com o livro 'Cinza de Fênix e três elegias'. Em 2001, uma exposição de artistas catarinenses, entre eles Rodrigo de Haro, Sílvio Pléticos, Eli Heil e Vera Sabino, com obras criadas sobre seus poemas, percorreu as principais cidades do Estado e do Sul do Brasil.

Em tempos mais recentes, Alcides Buss foi diretor de Comunicação da ABEU, criando e mantendo durante vários anos o boletim eletrônico semanal ABEU em REDE, bem como a revista Verbo,

órgão de divulgação do livro universitário brasileiro. Foi ainda diretor de Difusão Editorial da mesma entidade, sendo responsável pela implantação do Catálogo Unificado das Editoras Universitárias. Atualmente, coordena o Círculo de Leitura de Florianópolis.

Ao longo dos anos tem recebido inúmeros prêmios, entre eles o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), pelo livro infantil 'A poesia do ABC', o Prêmio Manuel Bandeira, da União Brasileira de Escritores (RJ), pelo conjunto de sua obra, e o de Mérito Cultural Cruz e Sousa, do Governo do Estado de Santa Catarina.

Seus livros mais recentes são 'Janela para o mar', ganhador do Prêmio Fernando Pessoa, também da União Brasileira de Escritores; e 'Viver (não) é tudo' que, segundo a poeta e tradutora Olga Savary, é o melhor entre todos que já publicou.

Para o editor Carlos Appel, a trajetória poética de Alcides Buss, desde 'Círculo quadrado', revela um poeta a olhar o mundo de viés, nos seus avessos e paradoxos. O crítico Hildeberto Barbosa Filho, por sua vez, ressalta a intensidade do lirismo, o domínio vocabular, a sobriedade das imagens e a serena melodia do ritmo.

Buss publicou seu primeiro livro com 20 anos de idade e, até hoje, já escreveu mais de 20 livros, muitos traduzidos para o alemão, espanhol e inglês. O poeta, que se dedicou também a gêneros narrativos, diz que sempre se sentiu atraído pela poesia e, por isso, abraçou essa vertente das letras com muito amor.

Atualmente mora em Florianópolis, está com 76 anos. E lançou em 2022 seu livro mais recente 'A culpa está morta e outros poemas'.

Livros publicados

Poesia

- Círculo quadrado, 1970
- O bolso ou a vida?, 1971
- Ahsim, 1976
- O homem e a mulher, 1980
- O homem sem o homem, 1982
- Pessoa que finge a dor, 1985
- Segunda pessoa, 1987
- Transação, 1988
- Natural, afetivo, frágil, 1992
- Nenhum milagre, 1993
- Sinais/Sentidos, 1995
- Cinza de Fênix e três elegias, 1999
- Cadernos da noite, 2003
- Olhar a vida, 2007
- Janela para o mar, 2012
- Viver (não) é tudo, 2015

Poesia infanto-juvenil

- A poesia do ABC, 1989
- Pomar de palavras, 2000
- Saber não saber, 2009

Ensaio

- Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética, 1982
- Antologias
- Antologia do Varal Literário, 1983
- O professor é um poeta, 1989
- Contemplação do amor – 20 anos de poesia escolhida, 1991

Prosa

- Em nome da poesia, 2018

Antologia Literária. VOL. II

Principais prêmios

- 1º lugar no I Festival Catarinense de Poesia Universitária – DCE-UFSC, 1971
- Prêmio Magister – Sindicato dos Professores de Santa Catarina, 1985
- Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, 1989
- Medalha Caio Prado Júnior – UBE-RJ, 1994
- Medalha Manuel Bandeira – UBE-RJ, 1996
- Mérito Livreiro Odilon Lunardelli, 1998
- Prêmio Jabuti (finalista) – Câmara Brasileira do Livro, 2000
- Mérito Cultural Cruz e Sousa, 2001
- Prêmio Ruth Laus – UBE-RJ, 2008
- Prêmio Fernando Pessoa – UBE-RJ, 2012
- Personalidade Literária do Ano – Academia Catarinense de Letras e Artes, 2012
- Prêmio Vilson Mendes de Literatura Desterrense, 2015



Minha trajetória na Academia Itapemense de Letras

Por Zeni Maria de Oliveira

Sou natural de Gaspar (SC), onde vivi até meus 22 anos. Depois, a cada cinco anos, mudava de cidade, morando em diversos estados, ora no Norte, ora no Sudeste e ora no Sul do Brasil. Hoje resido no litoral norte catarinense, no bairro Meia Praia, em Itapema.

Fui professora e coordenadora pedagógica. Trabalhei em escolas particulares, públicas e ONGs; em Curitiba, Campinas, Indaiatuba, Florianópolis e Itapema. Tenho formação em Pedagogia, com pós-graduação em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Literatura brasileira. Quando me aposentei fiz outra faculdade, de moda, porém nunca atuei nessa área.

A escrita esteve comigo desde cedo, porém tornou-se real na pandemia, no meio da solidão. Quando minha filha me descobriu poeta, incentivou-me a fazer publicações. Na escrita consigo expressar todos os meus sentimentos, encontrando paz de espírito e o alívio da alma. Do mar vem a maioria das inspirações. Ser poeta me trouxe muitas alegrias, pois a poesia me resgatou de um passado difícil e sofrido. Hoje ela está presente em cada ação da minha vida. Não tenho a pretensão de ser grande, só quero de alguma forma tocar o coração de algumas pessoas, isso já me deixa muito feliz e realizada. Agradeço a Deus pela oportunidade.

Sou feminista, defendo o fim da violência contra as mulheres e a liberdade de escolha sobre seus corpos. Acredito que nossa luta ainda está longe para alcançar a igualdade de gênero. Vivemos em

um país de sociedade patriarcal e machista, por isso a existência de tanta opressão contra nós, mulheres. Fui vítima de violência doméstica por muitos anos, tanto emocional como física, senti na pele a dor de não ser respeitada e nem protegida.

Também escrevo histórias infantis, gosto de abordar este assunto sobre a igualdade de gênero. Atualmente, tenho três livros publicados e mais dois prontos para publicar. Neste lugar me sinto muito à vontade. É o meio onde convivi durante muitos anos. Amo estar no meio de crianças e escrever para elas é um sonho muito lindo, de um público muito exigente, observador, curioso e imaginativo.

Atualmente, sou aposentada e dedico minha vida à leitura e à escrita, além das viagens, visitando as deslumbrantes praias do Nordeste brasileiro.

Em agosto de 2022 participei da seleção para entrar na Academia Itapemirense de Letras. Em novembro fui empossada. É uma alegria muito grande fazer parte dessa academia. Até então, só fazia parte da academia virtual. Mais um sonho que se realizou. Dessa forma, sinto-me muito honrada em fazer parte desta instituição junto com outros escritores e poetas.

Sou muito grata em integrar esta Academia, principalmente na participação de momentos culturais junto com a comunidade. É uma maneira de valorizar nosso trabalho como escritor e reconhecer a importância da literatura brasileira. Nas trocas de informações literárias entre escritores e o público, esta interação proporciona mais expectativa e discernimento sobre nosso papel na sociedade e no município, valorizando assim a literatura, as ciências e as artes. Oxalá, muitos brasileiros leiam outros brasileiros.

Em 2024, foi uma honra participar como uma das avaliadoras do

projeto “Concurso Literário O Pensador Vlll” . Fiquei muito satisfeita com o resultado, principalmente com a interação junto à comunidade. Isso evidencia a importância do nosso trabalho na academia. Assim como também muito me orgulha em ter participado da 'Antologia Indelével ao Coração', realizada nesse mesmo ano de 2024, com o envolvimento de todos os acadêmicos da ALL. São eventos que contribuem muito para o incentivo à cultura local, espaços de reflexão, debate e troca de ideias com intuito à criação e divulgação de obras literárias.



FORÇA DA TERRA

Por Zeni Maria de Oliveira

Eu sou fonte viva
nascida e crescida neste solo
com raízes esparramadas
em vários lugares
em mim foram feitas muitas podas
por eu ser mulher
nem todos os caminhos eu pude trilhar
apesar de ter muita vontade de voar
meu medo foi maior
desde menina me ensinaram
a desistir de sonhos
sonhos estes ousados
demais para mulher
meu grito é prisioneiro da terra
meu solo é úmido
minha boca calada
em mim verte líquido quente
de quem não foi ouvida
um pulsar acelerado
contido na alma
Nesta terra estou fincada
meu broto aqui rompeu
na força do solo floresceu
nas suas folhas levitei
atravessei outras terras
visitei outros sonhos
e eu me ressignifiquei.



BELA SANTA CATARINA

Por Zeni Maria de Oliveira

Sou fruto de batalha e esperança
legado de força e coragem
cultivo os sonhos de liberdade
enlaço de amor à minha pátria amada.

Ver o rio Itajaí-Açu deságua no mar
onde navegaram os esbravejantes
heróis barriga verde
para tecer um novo estado
e homenagear a mulher "Catarina".

Ah, como és bela Santa Catarina
do azul do mar com água cristalina
ao verde do alto das montanhas
são caminhos de flores e aromas.

Tem verão com brisa suave
ao inverno com neve e geada
meu coração por ti enobrece
e borda no céu a felicidade.



S O B R E A A C A D É M I C A

Zeni Maria é uma psicopedagoga nascida em Gaspar (SC), onde viveu até os 22 anos. Ao longo de sua vida, adotou um estilo de vida dinâmico, mudando-se a cada cinco anos para diferentes cidades e estados, explorando regiões como o Norte, Sudeste e Sul do Brasil. Com uma carreira no magistério, Zeni atuou como professora de alfabetização e coordenadora escolar, e é uma distinta membro da Academia Itapemense de Letras (AIL).

Atualmente, Zeni reside em Itapema, onde se dedica à sua paixão pela leitura e escrita, além de apreciar suas viagens periódicas. A autora possui uma obra diversificada, com publicações em poesia e literatura infantil. Seus livros de poesia incluem "Deixa eu colocar para fora", "Pulsão de Morte e Vida" e "Respiros de poesia". Já na literatura infantil, publicou a série "Maraleta", composta por três volumes: "Maraleta 1", "Maraleta 2" e "Maraleta 3".

S I G A A A U T O R A



zeni.poeta



CADEIRA N° 15



Maira Kelling

Homenagem à Patronesse



Imagem gerada pela IA

Delminda da Silveira: o que é indelével ao coração

Quando nos deparamos com a palavra "indelével", imediatamente somos levados a refletir sobre aquilo que é profundo, marcante e que deixa uma marca permanente em nossas vidas. O indelével ao coração transcende o efêmero e se enraíza no âmago de quem somos. São as experiências que moldam nossa visão de mundo, os encontros que transformam nossa trajetória e os sentimentos que se tornam parte inseparável de nossa essência.

Ao discorrer sobre o que é indelével ao coração, somos conduzidos a um universo de reflexões profundas. A palavra foi utilizada de maneira tão intensa e expressiva pela autora catarinense **Delminda da Silveira**, mulher à frente do seu tempo, cuja trajetória é um marco para a literatura, para a educação e, principalmente, para a representatividade feminina nas letras catarinenses.

Escolher Delminda da Silveira como minha patronesse não foi obra do acaso. Sinto uma ligação profunda com sua essência: somos ambas mulheres, professoras, aquarianas — com aniversários muito próximos — e apaixonadas pela palavra escrita. Assim como ela, dediquei minha vida ao ensino e à literatura, movida pelo desejo de inspirar, formar e tocar vidas por meio da linguagem.

Delminda foi uma educadora visionária e escritora sensível, que soube capturar em sua obra a paisagem humana e natural de sua terra. Em suas palavras, a natureza catarinense é mais que cenário: é personagem, é memória, é raiz. Sua escrita possui um lirismo que nos toca por dentro, evocando não apenas o real, mas também o simbólico, o afetivo e o eterno.

Seu pioneirismo é digno de nota. Foi a primeira mulher a integrar a Academia Catarinense de Letras, abrindo espaço para outras mulheres em um tempo em que a presença feminina nos meios literários ainda era exceção. Seu ingresso foi mais do que uma conquista individual — foi um ato simbólico de resistência, coragem e afirmação do lugar da mulher na cultura e no pensamento brasileiro.

Delminda soube unir, como poucas, as missões de professora e escritora. Em sala de aula, semeava ideias. Nas páginas, colhia poesia. Não é difícil perceber que, para ela, ensinar e escrever eram faces da mesma entrega: tocar o outro com beleza, sensibilidade e lucidez.

Recordo com carinho a Sessão Festiva de premiação do Concurso Literário O Pensador VIII, na qual tive a honra de homenageá-la. Mais do que uma celebração institucional, aquele momento foi um rito de passagem: recebi simbolicamente a missão de zelar por sua memória e legado. Ocupar a cadeira 15 da AIL, que leva seu nome, é uma responsabilidade que assumo com orgulho, reverência e afeto.

Delminda é parte do patrimônio literário e afetivo de Santa Catarina. Sua obra merece ser lida, relida e celebrada. Em tempos de transitoriedade, suas palavras nos oferecem abrigo, firmeza e beleza. Elas permanecem — indeléveis ao coração.



SENDO ASSIM, POESIA!

Por Maira Kelling

No sul de sonhos e lides, em terras catarinenses,
Despontou Delminda, poeta das essências,
Entre páginas e afetos, tecia sua voz,
Marcando indelével a alma de sua terra.

Professora de luz, guiava mentes sedentas,
E nas letras, encontrava as asas da liberdade,
Primeira mulher na Academia, um marco erguido,
Sua pena, eloquente testemunha da verdade.

Em cada verso, florescia a paisagem nativa,
O sabor da terra, o rumor dos ventos e mar,
Delminda, mestre das histórias e dos corações,
Imortalizou memórias no doce cantar.

Seu legado, um cântico eterno à cultura,
Às raízes que brotam do solo e da alma,
Como o riacho que serpenteia nos vales,
Sua poesia ecoa, resistente, calma.

Assim, Delminda da Silveira, imortalizada,
Entre livros e ensinos, na brisa a bailar,
Seu nome entrelaçado à história catarinense,
Indelével, como o amor que jamais cessará.



Minha trajetória na AIL: entre palavras, raízes e memória

Por Maira Kelling

A noite em que fui recebida como membro da Academia Itapemorense de Letras permanece viva em minha memória como um instante de rara emoção e significado. Era 5 de agosto de 2006. Aquele momento não simbolizava apenas uma conquista pessoal, mas um compromisso profundo com a palavra, com a educação e com a cultura. Ocupar a Cadeira 15, que tem como patronesse a notável Professora Delminda Silveira de Sousa, representou para mim a junção de afetos, valores e sonhos que cultivo desde a infância.

Escolher Delminda como minha patronesse foi, antes de tudo, um gesto de afinidade. Assim como ela, sou mulher, professora, apaixonada pela literatura e pela nobre arte de ensinar. Nossa ligação simbólica se amplia por traços de personalidade e até pelo signo: ambas aquarianas, nascidas sob o mesmo céu do idealismo e da sensibilidade.

Na cerimônia de posse, procurei honrar a grandeza da educadora e escritora que a Cadeira 15 reverencia. Delminda, com sua vida marcada pela dedicação ao magistério e à literatura, inspirou não apenas minha escolha, mas meu modo de conceber a própria missão de ser professora. Sua história, entrelaçada à educação de meninas, à defesa da escrita feminina e ao pioneirismo literário, é indelével ao coração de quem reconhece na educação uma forma de eternidade.

Durante minha fala de posse, compartilhei com os presentes uma reflexão profunda sobre a natureza da docência. Relembrei a alegoria Antologia Literária. VOL. II

da torre, inspirada em Augusto Cury, na qual todas as profissões, um dia, se voltam contra os professores — até que, ao se retirarem, tudo desaba. Essa metáfora, tão forte quanto real, traduz o valor invisível, porém estruturante, de nossa profissão.

Em cada linha daquele discurso, homenageei os mestres que marcaram minha vida e reitero: *educadores não morrem — adormecem como jequitibás, guardiões de sombra, sossego e lembranças*. A docência, para mim, é feita de olhares que confiam, de almas que se entregam e de esperanças que germinam em silêncio. É ali, na sala de aula, onde o comum se torna extraordinário, e onde os sonhos, mesmo os mais frágeis, encontram abrigo.

Integrar a Academia Itapemense de Letras é estender essa visão para além da sala de aula. É cultivar, também com palavras, a mesma paixão pela formação humana. Ao longo dos anos, participei de eventos, concursos e encontros que confirmam a importância desta instituição como espaço de resistência literária, partilha cultural e fomento à escrita local.

Hoje, ao celebrar os 25 anos da ALL, reverencio sua história e me reconheço parte dela. O tempo passou, mas o sentimento de gratidão e compromisso permanece intacto. A cadeira que ocupo, mais que um lugar de fala, é um lugar de escuta, memória e responsabilidade. Que minha escrita, tal como a de Delminda, possa tocar corações e deixar marcas indeléveis. Que a palavra siga sendo ponte, raiz e semente.



INDELÉVEL AO CORAÇÃO

Por Maira Kelling

Nasci entre letras e sonhos pequenos,
onde o lápis traçava o começo do mundo.
Aprendi que o gesto de ensinar é eterno,
e que o saber é semente no chão mais fecundo.

Fui crescendo com páginas sob os olhos,
bordando sentido em cada explicação.
A sala de aula tornou-se morada,
lugar onde ecoa o pulsar da paixão.

O quadro negro era espelho da alma,
o giz, meu bastão de encantamento.
Ser professora não é só escolha,
é escutar no silêncio o pensamento.

Na lida diária entre vozes e silêncios,
conheci o peso e o brilho da missão.
Moldei letras em mãos pequeninas,
despertei mundos com uma canção.

Entre cursos, livros e encontros,
busquei formar quem forma, com afeto.
Levei palavras como quem leva abrigo,
plantando horizontes no peito aberto.

A cadeira quinze me recebeu com memória,
em nome de Delminda, herança e glória.
Sua história pulsa na minha jornada,
duas professoras, uma mesma trajetória.

Hoje, olho para trás e reconheço:
cada gesto deixou marcas na razão.
Mas é no olhar de quem aprendeu comigo
que vive o que é indelével ao coração.



EDUCADORES SÃO JEQUITIBÁS

Por Maira Kelling

Educadores não morrem —
adormecem como jequitibás:
guardiões de sombra, sossego e lembranças.
A docência, para mim, é feita de olhares que confiam,
de almas que se entregam,
e de esperanças que germinam em silêncio.
É ali, na sala de aula,
onde o comum se torna extraordinário.
Onde os sonhos — mesmo os mais frágeis —
encontram abrigo.
Minha trajetória como professora e formadora
é tecida de letras e afetos.
Em cada professora alfabetizadora que encontrei,
reconheço a força que transforma o impossível em
palavra.
Ser alfabetizadora é abrir portas.
É acender luzes.
É ser raiz e voo ao mesmo tempo.
Que sejamos jequitibás —
fortes, enraizadas e eternas
na memória de quem aprendeu conosco.

S O B R E A A C A D É M I C A

Maira Kelling é professora e advogada, escritora e Mestre em Educação. Atua na formação continuada de professores alfabetizadores, com destaque para sua participação no PNAIC como Formadora Estadual.

É membro da **Academia Itapemense de Letras** desde 2006, onde ocupa a Cadeira 15, que tem como patronesse Delminda da Silveira.

Criadora do perfil @acaoalfaletrar (Instagram e YouTube), compartilha reflexões e práticas sobre alfabetização, leitura e escrita.

Desenvolve projetos literários e pedagógicos voltados à valorização da cultura, da infância e da formação docente.

Tem experiência na coordenação de programas municipais de alfabetização e já participou como jurada e homenageada em concursos literários.

S I G A A A U T O R A



mairagledi





CADEIRA N° 22



Haroldo Augusto Moreira

Homenagem ao Patrono

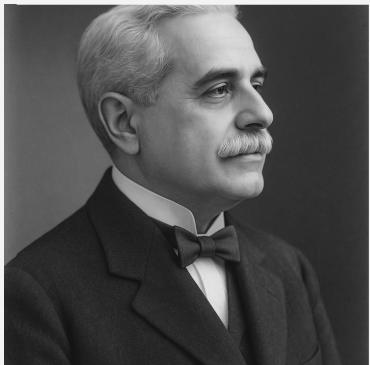


Imagen gerada pela IA

Não há como fazer nenhuma referência ao ilustre catarinense, **Hercílio Pedro da Luz**, sem antes apresentar as suas características de cidadão, político, benfeitor e sobretudo como ser humano.

Trata-se de um eminente Engenheiro natural de Desterro, atual Florianópolis (SC), nascido em 29 de maio de 1860, filho de Joaquina Anania Neves da Luz, descendente de bandeirantes, e de Jacinto José da Luz, comerciante e de origem açoriana.

Foi vereador em sua terra natal, Senador, Deputado Federal e por três vezes Governador de Santa Catarina, entre o final do século XIX e início do século XX.

No âmbito cultural e profissional prestou relevantes serviços ao povo catarinense, pois em toda sua vida procurou capacitar-se de forma eficaz, para que de sua performance laboriosa surgissem grandes valias, não só para o desenvolvimento pessoal, mas

também, em benefício da sociedade na qual estava inserido. Portanto, tive que me recorrer a fontes fidedignas para me embasar de tão relevantes qualificações.

Elevou o nome de Santa Catarina em várias estâncias municipais, estaduais e nacionais durante o seu extenso e profícuo mandato político. Como Deputado Federal, Senador e Governador oportunizou muitas realizações em todo território catarinense, portanto é lembrado e homenageado pelo seu povo como veremos a seguir:

“Fez os primeiros estudos na terra natal e os preparatórios no Rio de Janeiro, na época Capital do Império, onde ingressou na Escola Politécnica. Existem divergências sobre sua formação superior e o local realizado (Pauli cita o curso de Engenharia de Artes e Manufaturas pela Universidade de Liège, na Bélgica; Piazza cita o curso de Agronomia pela Universidade de Gembloux, também na Bélgica; e Andrade cita que se formou na Universidade de Gembloux, mas no curso de Ciências Agronômicas).”

Retornou ao Brasil, assumiu o cargo de Juiz Comissário de Terras em Lages (SC), entre 1.885 e 1.886. Dois anos mais tarde, foi nomeado Engenheiro de Obras Públicas da Província de Santa Catarina, exerceu a função até 1891, quando assumiu a chefia da Comissão de Terras de Blumenau (SC), nomeado pelo Governador, Lauro Müller.

Em 1891, com a crise ocasionada pela renúncia do Presidente Deodoro da Fonseca e a posse do Vice-Presidente Floriano Peixoto, bem como a renúncia de Lauro Müller, Hercílio tornou-se líder da reação republicana em Blumenau.

Foi o primeiro Governador republicano eleito por voto direto, pelo Partido Republicano Catarinense (PRC). Tomou posse em 28 de setembro de 1894 e, nos primeiros dias de governo, sancionou a

mudança do nome Desterro para Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto. São destaques de seu governo o incentivo ao povoamento do Estado e investimentos na rede viária e nos portos.

Como Deputado Federal, Senador e Governador possibilitou que o Estado de Santa Catarina atingisse níveis relevantes nos âmbitos, municipais, estaduais e nacionais. O seu legado é merecedor de reverências pelo trabalho esmerado, exemplo de vida a ser seguido e principalmente pelo aprendizado à disposição da cidadania e de seus seguidores que o faz lembrado e homenageado como segue.

Após um período no Senado Federal, onde serviu em diversas legislaturas, Hercílio voltou ao governo catarinense em 1918 e novamente em 1922. Durante seu último mandato, iniciou a construção da ponte pênsil que ligaria a Ilha de Santa Catarina ao continente, uma obra que se tornaria um marco na história de Florianópolis. Trágicamente, Hercílio faleceu em 20 de outubro de 1924, antes de ver a ponte concluída.

Meses antes de sua morte, uma réplica em tamanho menor foi construída e exposta na Praça XV, em Florianópolis, para que ele pudesse ver como ficaria a obra que marcou a sua trajetória.

Inicialmente, a ponte iria se chamar Independência, mas após a morte do governador, ganhou o nome que tem até os dias atuais e que se transformou num dos maiores símbolos da capital.

Casado duas vezes, primeiro com Etelvina Cesarina Ferreira da Luz, com quem teve 14 filhos, e depois com Corália dos Reis Ferreira, irmã de sua primeira esposa, com quem teve mais cinco filhos, Hercílio deixou uma vasta descendência, entre eles políticos que continuaram sua influência no estado. A trajetória do político é homenageada de várias formas até os dias atuais, além da ponte mais famosa de Florianópolis.

Ele também dá nome ao aeroporto internacional da Capital, a ruas e avenidas em diversas cidades de Santa Catarina, além do Hercílio Luz Futebol Clube, de Tubarão; e do estádio Dr. Hercílio Luz, do Clube Náutico Marcílio Dias, em Itajaí; Memorial Hercílio Luz, dentro do Museu Casa de Campo de Hercílio Luz, em Rancho Queimado (SC). Foi homenageado com a obra ‘Hercílio Luz, governador inconfundível (1976)’, livro de Evaldo Pauli e pela Academia Itapemorense de Letras como patrono desta conceituada instituição.

A relevância de Hercílio Luz transcende sua época. Ele é lembrado não apenas como um político, mas como um visionário que compreendeu a importância da infraestrutura e da modernização para o desenvolvimento de Santa Catarina. Sua vida e obra são um legado duradouro, que continua a impactar a vida dos catarinenses até hoje.

Referências bibliográficas

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. Biografia Hercílio Luz.

2022. Disponível em:

<https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1194-Hercilio_Luz>. Acesso em: 04 de maio de 2025

PIAZZA, Walter (org.). Dicionário Político Catarinense. Florianópolis, Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

STOETERAU, Ligia de Oliveira. A trajetória do poder legislativo catarinense (1835 a 2000). Florianópolis, IOESC, 2000.

Trajetória pela Academia Itapemense de Letras - AIL

Por Haroldo Augusto Moreira

Apadrinhado pelo acadêmico, Ivo Gomes de Oliveira, cadeira nº 25, membro vitalício (2007), posição 1, tomei posse na Academia Itapemense de Letras em 18 de novembro de 2022. A partir dessa data participei de reuniões da AIL, fui membro responsável pela edição da Antologia Literária da AIL de 2023, bem como poeta participante da referida obra.

Por iniciativa própria, prestei homenagem ao acadêmico anterior, Pedro de Quadros Du Bois, da cadeira nº 22, posição 1, (*in memoriam*) bem como à acadêmica, Luiza Machado dos Santos, cadeira 9, membro vitalício fundadora, posição 1, como repassarei as poesias a seguir:

A PASSAGEM DO MESTRE

Por Haroldo Augusto Moreira

Quando ele esteve aqui demonstrou porque veio.
Seguiu por caminhos que o seu coração desse acesso.
Blindou a sua mente para que o humanismo tivesse asseio,
fosse límpido de todos os sentimentos por ele expresso.

Todos que presenciavam as suas intenções pessoais,
sentiam que eram direcionadas ao benefício coletivo.
Não eram posições alheias, tinham metas consensuais.
A sua ação edificava causa nobre com efeito positivo.

Era normalvê-lo num desempenho para o bem frutificar.
Embora fosse uma fonte cabível de auxílios de seus pares,
o seu esmero fazia admiradores emvê-lo o bem edificar.
Os feitos eram tão pródigos que os traziam exemplos ímpares.

Na verdade, é que existem pessoas com dons fora do comum.
O exercício de seus talentos vai além das meras expectativas.
O famoso chavão que expressa, “um por todos e todos por um”,
nem sempre acaricia a totalidade das motivadoras iniciativas.

Essa foi uma história que me repassaram com cumplicidade.
Não conheci o autor de tão expressivos e gratificantes méritos,
mas vi nos olhos dos seus contemporâneos a generosidade
da pessoa saudosa, que os motivaram com seus beneméritos.

Encontro-me diante de uma honrosa de difícil missão.
O meu antecessor eminentedeixou-me incentivos abnegados,
mas a responsabilidade espontânea desta auspíciosa admissão,
permite que Pedro Quadros Du Bois, prossiga com seus legados.

O SEU JEITO DE SER

Por Haroldo Augusto Moreira

Quanta delicadeza em seu caminhar
com passos sutis tateando a fragilidade
do caminho diante da sua grandeza de ser.
Somos acariciados por tão sábia longevidade.
Essa existência de exemplos fartos e ímpares
nos deixam esperançosos de também obter
o privilégio de chegarmos ao topo de onde está.

Seus feitos nos motivam pela magnitude extrema,
embora a simplicidade de seus atos seja amena.
Diante de tão pequena e angelical a sua estatura,
a aura sobrepõe os limites dos contextos literários.
A voz nítida e harmônica que soa com desenvoltura,
toca a sensibilidade e o bom gosto do ouvinte.
São versos autênticos que apraz os sentimentos,
ao ouvir como som de lira em acalantos de requinte.

Quem a conhece se conforta da sua gentil generosidade.
Orgulha-se por estar próximo da sapiência em pessoa,
tal é o deleite de se enriquecer da paz que tanto entrega.
Aos que desconhecem tem em mãos um livro aberto
com rico teor humanitário que no saber de todos ressoa.
Fácil de entender e com o talento da magistral poetisa.
Ao saborear cada página dessa obra o conhecimento vem.
Sei dizer o seu nome, os poéticos a conhecem por Luiza.



OBRAS INÉDITAS

Sendo morador de Itapema (SC) desde 2014, aposentado como professor universitário do sistema público do Paraná e ter escolhido esta cidade catarinense para obter melhor qualidade de vida, opções de lazer e estreitar novas amizades, aceitei o desafio de escrever o livro, “Itapema em poesias ilustradas”, cujo exemplos repasso a seguir:

UM DIA DE PRAIA

Por Haroldo Augusto Moreira

Momentos à beira mar, uma pausa.
Atividade esquecidas momentaneamente,
no aconchegante lazer com a justa causa
improvisada para refrescar a mente.

O sol combina com o peito desnudo
e envolvente pelo entusiasmo de divertir.
Na concentração o pensamento é mudo,
focado para com as banhistas interagir.

As relações contagiam o ambiente liberto.
Sem vaidade se vê a presença da paz
cativante, mas sem amaras a céu aberto.
Como a onda mansa os rastros desfaz.

Para chegar a praia a pressa é lisonjeira.
É fácil arrastar as traídas sob o guarda-sol.
Cerveja gelada e o corpo solto na esteira,
tudo para compensar a vinda do arrebol.

O mergulho lava a alma e salga a costa.
Carrega a bateria com esse tempero voraz
para a sensação de alívio que a vida apostava.
Ao entardecer fica a saudade do que me apraz.

OS GUARDA-SÓIS

Por Haroldo Augusto Moreira

Podemos associar o bem de uso ao fascínio.
É como o chapéu tem a semelhança do dono.
São pertences que longe um detalhe é domínio.
Demonstra o querer de alguém sem o abandono.

Na praia então, se multiplicam as manifestações.
De alguma forma, todos formalizam os ambientes.
O colorido é pleno como se divergem as estações.
São particularidades que nos fazem independentes.

Amores, sabores e cores têm as individualidades.
É marcante os personagens do local temporário.
As iniciativas de aparecer estimulam diversidades.
Nesse caso, a atitude ostenta o modelo do usuário.

Os estilos dos guarda-sóis marcam os territórios.
A decoração alternativa desafia múltiplos olhares.
Permitem a aproximação por contatos aleatórios.
Cada um se identifica na busca pelos seus pares.

Cada temporada a praia torna-se um rico mosaico.
Do espaço assemelha um céu de lindos guarda-sóis.
Para os apreciadores trata-se de um parque temático,
onde os sombreiros gesticulam em reluzentes faróis.

LUGAR COMUM

Por Haroldo Augusto Moreira

Onde há abundância de qualquer espécie,
desnecessário torna-se o anúncio especulativo.
É redundante propalar o êxito da benesse,
se o ambiente referenciado já é demonstrativo.

De outro lado, faz parte da cultura popular.
Os nativos e visitantes se orgulham do destaque.
A repetição é um costume corriqueiro de falar
como o aprendizado transcrita em almanaque.

Pelas placas, o acesso aos lugares turísticos
São amplamente sinalizados aos visitantes.
A repetição de anúncios tem aspectos artísticos.
Estimulam passeios e encontros apaixonantes.

Basta um símbolo em um ponto estratégico
para caracterizar o entretenimento em questão.
O banhista planejado, mas sem ser enérgico
satisfaz o seu lazer com ímpeto de arrastão.

A figura de um peixe estilizado é chamativa.
Destina a várias opções para o povo se divertir.
Tendo ao fundo a orla marítima como perspectiva,
as semelhanças para o passatempo irão surgir.

O RASTRO DO SOL

Por Haroldo Augusto Moreira

Em sua escalada ao entardecer o sol esmorece.
Ao transpor as montanhas seus raios fixam pegadas,
identificando caminhos na natureza por onde tece,
o itinerário de amanhã para efetuar outras jornadas.

Fica muito claro sobre as águas do mar o seu reflexo.
A medida em que o poente se faz, vemos o fluxo da luz.
Desfazendo a trilha o sistema solar para muitos é complexo,
com a luminosidade em outro universo onde o astro reluz.

O nosso cotidiano se assemelha a esta passagem natural.
A caminhada nos âmbitos da vida repete no dia seguinte,
deixando a impressão de que também escalamos o mural,
por íngremes roteiros dos quais cada um é fiel contribuinte.

O sol que nasce na consciência é determinado por sonhos.
É dependente de uma força interior capaz de marcar feitos,
cravados ao nosso dispor para saber que os dias risonhos,
só serão possíveis intercalando aos fatos bons e imperfeitos.

Vemos roteiros em destinos tão adversos e irregulares.
Às vezes somos temerosos em segui-los pelo descrédito.
Não são confiáveis e estimulantes como os raios solares,
esses são eternos e oriundos do Ser Celestial com mérito.

Nas sombras a direção a ser seguida é onde existe a luz.
Enxergue em seu âmago onde está o poente e o nascente.
As vitórias não vêm prontas. O nosso rastejar a tudo induz.
Mostram sinais que nos orientam ao dom incandescente.

S O B R E O A C A D É M I C O

Haroldo Augusto Moreira graduou-se como Bacharel em Administração pela Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão (PR), entre os anos de 1979 e 1982. Buscando aprofundar seus conhecimentos, especializou-se em Teoria Econômica e Administração na Universidade Federal do Paraná (1990 a 1992). Conquistou o título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pelo Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná, em Palmas (PR), entre 1997 e 1999. Suas pesquisas abordaram temas cruciais como Qualidade Total, Diagnóstico Organizacional, Recursos Humanos, Metodologia e Pesquisa, inseridos no contexto das Ciências Sociais Aplicadas, com foco em Administração de Empresas e especialidade em Administração de Recursos Humanos. Além de sua carreira acadêmica, Haroldo é um autor prolífico, cujas obras literárias revelam uma sensibilidade poética e uma observação acurada da vida cotidiana. Suas publicações incluem: "Primas e rimas" (2015); "Auroras: Percepções acolhedoras do cotidiano" (2016); "Reflexões poéticas do ser" (2019); "Cópia fiel versificada" (2019); "Sonetos e duetos" (2020); "Motivos Emotivos" (2020); e "O algo a mais da poesia" (2022).

S I G A O A U T O R



haroldoaugustomoreira





CADEIRA N° 25



Ivo Gomes de Oliveira

Homenagem ao Patrono



Imagen gerada pela IA

Comemoramos neste ano de 2025, mais precisamente no dia 1º de setembro, o vigéssimo quinto ano de fundação da nossa Academia Itapemense de Letras (AIL),

Tomamos a liberdade de iniciarmos este trabalho, usando a definição da escritora Tânia Du Bois para a “passagem do tempo”.

Segundo Tânia: “A passagem do tempo é cortina, momento de suspense, e que ao abri-la deparamo-nos com as lembranças, seus significados e seu efeito restaurador, capazes de elevarem nosso sentimento para seguirmos em frente vivendo nossa singularidade e buscando o tempo que nos permita sermos felizes. Quando não esquecemos é como termos encantamento pelas páginas da vida. Não podemos perder a chance de reviver as lembranças e de merecermos conservar os fatos”. E conclui seu pensamento com um verso de Pedro Du Bois: “...o homem é a sua verdade/ em todas as fases/ os seus sonhos/ e na ilusão da realidade”.

Antologia Literária. VOL. II

Lendo o texto acima, me vem a lembrança aquele 1º de setembro de 2007, quando tomávamos posse na Academia Itapemense de Letras. Eu Ivo, a Estella e a Tatiane, não imaginávamos que nos dias atuais, estaríamos acompanhados dos demais confrades, festejando os 25 anos de existência da nossa Sublime Instituição Literária e, nós três, completando 18 anos de convivência harmoniosa entre os demais acadêmicos.

Quanto a minha trajetória na AIL acredito que embora não tenha sido marcante, procurei sempre dar o melhor de mim para o bom resultado das atividades programadas pela Academia. Procurei ser presente nas reuniões ordinárias, bem como nas administrativas, quando convidado.

Nesse período de 18 anos da nossa trajetória acadêmica, junto aos demais confrades e confreiras foi muito salutar. Participamos com entusiasmo dos concursos; das antologias literárias; nos Poemas nos Pontos de Ônibus, bem como das diversas solenidades realizadas.

Sou muito grato pela convivência harmoniosa com os confrades e confreiras e gostaria de mencionar, em especial, os nomes do Dr. André Gobbo, Pedro Du Bois e da Marilê Lucia Dinon, que me prestigiaram na vida acadêmica muito tempo antes do meu ingresso nesta Academia de Letras.

Também registro que, por vontade Divina, partiram para a Eternidade o confrade Pedro de Quadro Du Bois e as confreiras Luiza Machado dos Santos, Maria de Lourdes Cardoso Malmann e Ofélia Terezinha Baldan, membros que muito contribuíram para o crescimento desta Instituição no cumprimento do seu objetivo literário e finalidade social.

Quanto a apresentação do meu patrono, tomo a liberdade de registrar a seguir parte do meu discurso de posse, apresentado no

dia 1º de setembro de 2007, a saber:

Excelentíssima Senhora

Professora Ilda Helena Cesar, mui digna Presidente da Academia Itapemense de Letras;

Demais autoridades presentes,

Caros confrades,

Senhores e Senhoras,

O tempo presente é o grande dia, sempre será. E neste dia, início de setembro e prelúdio de primavera, o cálice da minha vida transborda de alegria e emoção por estar adentrando ao círculo literário de Itapema.

Ao contemplar este seletº ambiente tenho a nítida impressão de que me encontro no princípio de uma nova e venturosa jornada e que embarco em mais uma carruagem de Sol que acaba de surgir na manhã da minha vida literária e na proximidade do crepúsculo desta vida física.

Estou feliz e por este motivo antes de falar sobre o patrono da cadeira que assumo, direi alguma coisa sobre minha pessoa.

Eu sou bugre (naqueles tempos assim eram tratados os nativos deste país e os menos favorecidos pela sorte). Nasci num rancho coberto de tabuínhas levantado às margens do Rio da Várzea, na localidade de Cruzinha, município de Carazinho (RS), no ano de 1949. Cresci ouvindo acordes de violas e violões, gaitas e declamações em serões realizados ora no rancho do meu pai ou dos avós, ora também na vizinhança.

Meu pai, um modesto agricultor, carpinteiro e mecânico, foi nas horas vagas, trovador e violeiro. Meu avô pelo materno tocava gaita de oito baixos e o outro, pelo lado paterno, mais idoso, era fã

incondicional do poeta Casemiro de Abreu e não se cansava de declamar o poema “Meus Oito Anos”, que de tanto ouvi-lo cheguei a decorá-lo antes mesmo de chegar à escola.

Este cenário vivido na infância deu-me o gosto pela poesia. Com seis anos de idade mudamo-nos para a sede do município para matricular-me, juntamente com minha irmã, no grupo escolar. Ali tive a oportunidade de descobrir na biblioteca pública o mundo dos poemas e assim comecei a declamar nas festividades. Adorava os poemas sem rima, mas com muito de brasileirismo, métrica e cadência, de Cassiano Ricardo e também a poesia gauchesca de Vargas Neto e a de Jaime Caetano Braum. Faço esta introdução para demonstrar a razão do meu escrever nos dias atuais.

Mas o principal nesta locução não é falar sobre quem sou, de onde vim ou para onde vou. A razão principal é apresentar neste momento o Patrono da Cadeira 25, o Poeta e jornalista Fernando José Karl.

Antes disso, porém, uma observação: Quando confirmado o meu ingresso nesta Academia foram-me apresentados diversos nomes para escolha de um deles para patrono. Decidi pelo nomes de Fernando José Karl, sem mesmo conhecer sua obra ou sua pessoa porque senti ao examinar um poema de sua autoria e verificar a data do seu nascimento, que ele seria mais um jovem a servir de exemplo aos que se iniciam ou se dedicam a literatura.

Tomei conhecimento do seu trabalho no dia em que me informava sobre as providências para esta solenidade, lendo pela primeira vez esse poema denominado “SOLITUDE”:

*“Sonhar paraíso que enxagua retinas
em moinhos-de-vento.
No Paraíso, esquecido de tudo,
jogamos búzios, modelamos o barro,*

*dormindo em camas de ilusão,
acordados pelo assovio de um círculo branco.*

*No paraíso, um dia, palavras de Shiva Nataraj,
outro subimos a encosta pedrente, saltamos
à beira do abismo à solitude do jarro.*

*Ontem, somos mulheres, fritamos peixe,
ou amanhã, homens, varremos a casa.*

*Sábado, porque só há sábado no paraíso,
crianças sopram sol e o perfume do sol
nos impregna de duas eternidades.*

*Quando morremos, sim, porque há morte no paraíso,
em cemitérios não nos acostumamos,
fugimos pelas crinas de garças,
escutando na barca de Nautikon
a respiração de Buddah,
a çancka de Buddah.”*

Os olores poéticos exalados destes versos contagiaram meu espírito. Senti o sonho e a vida muito complexo na imaginação fértil do seu autor. Dias depois, com a mente apoiada em seu “Travesseiro de Pedra” lendo “Claviculário” aumentou-me a sede de beber no cântaro de sua poesia. Vejamos:

*Respirar é já estar morto sem aviso
do nome do desavisado assassino.
Na compulsão pelas núpcias falhas
lágrimas caem nas rosas da inocência.*

*Falo com o claviculário neste tom manso
de mortos-vivo que, exilados de vento e luz,
veem a lápide sobre suas faces,
que antes espreitaram orvalhos e ninfas.*

*Pergunto ao clavículário, com o ardor dos puros,
por que, sem permissão, finda a vida?*

*Ele me conta que um homem azul e sem voz
o visitou em sonho – e era mais leve que o silêncio.
O homem disse: morremos
Para que o concílio sagrado das formas reascenda.*

Então, continuando sobre Fernando José Karl... Procurei descobrir informações para contato direto com o poeta-patrono, o que não me foi possível até o presente momento. Diante disso recorri a amigos que muito me ajudaram a desvendar um pouco da obra deste genial poeta.

Li e examinei quatro livros que me foram cedidos por empréstimo pelo amigo e hoje confrade Pedro Du Bois (Dibuá), cujas edições encontram-se esgotadas. São eles: 'Diário Extrangeiro' (editado em 1996); 'Desenhos Mínimos de Rios' (1997); 'Travesseiro de Pedra' (2000) e 'Brisa em Bizâncio' (2002). Como já mencionei, todas estas edições já se encontram esgotadas.

Recorri também ao amigo escritor, poeta e cronista, Rubens da Cunha, de Joinville, que me informou não possuir o endereço atual de Fernando José Karl, mas tinha conhecimento de que o mesmo estava transitando entre São Francisco do Sul e Curitiba, dedicando-se ao projeto Oficina da Palavra, em que trabalha há mais de vinte anos.

Sobre Fernando José Karl, Rubens da Cunha escreveu: "Ao Fernando eu devo uma gratidão: foi ele que me retirou do rame-rame adolescente e romântico e me apresentou ao ramo devasso das palavras. Depois que fiz uma oficina com ele, o meu universo poético expandiu-se consideravelmente. Trata-se de um dos poetas mais produtivos do Estado. É um desses escritores com digitais

evidentes. Um poema de Fernando só pode ser dele. Sua poética não deixa dúvidas: está sempre envolta em susto e delicadeza”.

Este depoimento por si só nos dá a dimensão do homem e literato que escolhemos para patrono. Fernando José Karl nasceu em Joinville (SC) no ano de 1961. Jovem de 46 anos, tem mais de doze livros de poemas editados e vários livros premiados, tendo recebido o prêmio Cruz e Souza de Literatura, 1996, com o livro *Diário Estrangeiro*, repetindo novamente o Prêmio Cruz e Souza em 1997/1998 com *Travesseiro de Pedra*.

Em 1996, foi vencedor do Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody, promovido pela Secretaria de Estado e Cultura do Paraná, com livro *Desenhos Mínimos de Rios*, editado em 1997.

Durante seis anos foi redator e editor-assistente do tabloide paranaense *Nicolau*. Também trabalhou como editor-assistente no suplemento cultural *Anexo*, do jornal catarinense *A Notícia*. Este é o perfil do nosso patrono que até aqui consegui apurar.

Observo aos presentes que esta forma que adotei para escolher um patrono da cadeira acadêmica, sem conhecimento anterior da sua obra, possa ser ingenuidade minha, mas tenho a devida convicção de que isto também poderá ser uma fonte onde se possam absorver percepções literárias até então ocultas para muitos e principalmente para o recente integrante desta agremiação cultural.

Respaldando meu pensamento gostaria de citar Platão, que assim se expressa em um capítulo do livro A república: “Sem dúvida outorgaremos a todos aqueles que, sendo amigo dos poetas sem praticarem a poesia, constituem-se patronos dos mesmos, o direito de pronunciar em prosa um discurso em favor da poesia... o discurso, nós ouviremos com benevolência, pois será incontestavelmente um bem para nos mostrar que a poesia é não somente agradável, mas ainda útil”.

Finalizando. A todos que me ajudaram a embarcar nesta carruagem de Sol, a Academia Itapemirense de Letras, e que na verdade também são meus patronos, agradeço de coração, e a seguir, a cada um desses abnegados amigos, designo uma parcela dos bens que posso, a saber:

Registro na lousa do tempo
O meu pensamento.
Desejo que o meu beijo
Fique selado na boca da amada
Fiel companheira da minha jornada
Junto ao verso que a ela pertence...

Aos meus filhos deixo a estrofe
Mais complexa que fiz...

A minha neta,
Aos novos netos,
O poema completo
Da vida feliz
Que junto a eles
Procuro viver.

Aos meus companheiros,
Amigos, parceiros,

Irmãos e confrades,
Compadres, colegas,
Familiares afins,
Também aos piegas,
Um pedaço de mim!

Obrigado, muito obrigado!



S O B R E O A C A D É M I C O

Ivo Gomes de Oliveira, nasceu em Carazinho (RS), no dia 01 de outubro de 1949. Poeta, escritor, revisor de texto e bancário aposentado. Utiliza o pseudônimo IGdeOL. É graduado em Letras, Língua Portuguesa e Respectiva Literatura e Pós-Graduado em Maçonologia: História e Filosofia.

Escreveu três livros de poemas e participou de doze antologias e coleções de poemas e prosa em edições brasileiras.

Foi premiado em diversos concursos poéticos e de declamação. É membro vitalício da Academia Itapemirense de Letras (Cadeira nº 25); Sócio correspondente da Academia Carazinhense de Letras, e Membro Correspondente da Academia Internacional de Maçons Imortais (AIMI).

Em 2006 foi agraciado com a Comenda Letras Catarinenses – Edição Histórica da Literatura com raízes em Santa Catarina.

S I G A O A U T O R



ivogomesde





CADEIRA N° 27



Ilda Helena Cesar

Homenagem ao Patrono

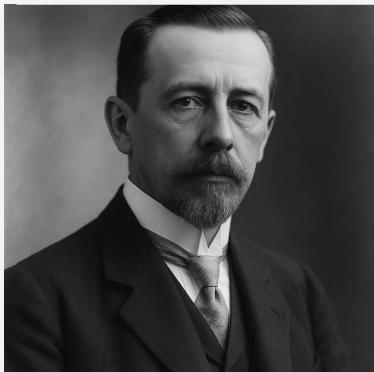


Imagen gerada pela IA

Lauro Severiano Müller nasceu em Itajaí (SC) no dia 8 de novembro de 1863, filho dos imigrantes alemães Peter Müller e de Ana Michels Müller. Seu pai chegou a Santa Catarina em 1829 junto com as primeiras famílias alemãs que se estabeleceram na província. Era conhecido por sua trajetória notável na política e diplomacia brasileira, sendo considerado um dos melhores políticos que Santa Catarina já produziu. Ele era um homem de ideais republicanos e abolicionistas, e sua vida foi marcada por um forte comprometimento com o progresso e desenvolvimento do país.

Sua educação foi ministrada pelo professor público Justino José da Silva. Depois frequentou a escola alemã de Itajaí e mais tarde foi aluno do professor alemão Bruno Scharn, em Blumenau, onde morou com seus tios Gertrud Müller e Bernhard Händchen. Teve influência positivista e republicana. Foi aluno de Benjamin Constant.

Era Doutor em Leis pela Universidade de Harvard e publicou vários discursos e artigos, incluindo "Os ideais republicanos" e "Liga da Defesa Nacional".

Desde jovem, demonstrou interesse pelas questões militares e administrativas, ingressando na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde se formou como oficial de infantaria. Sua formação acadêmica foi engenharia.

Ao longo de sua juventude, Müller participou de diversas missões militares, além de adquirir conhecimentos em administração e estratégia, que seriam fundamentais em sua carreira política. Uma trajetória marcada pela dedicação ao serviço público, Müller buscou sempre promover o desenvolvimento da sua região natal e contribuir para o fortalecimento do Brasil.

Casou-se em 11 de maio de 1893 com Luiza Henriqueta Ferreira de Andrade, carioca, filha de Antônio Pedro de Andrade (português da Ilha da Madeira). Tiveram três filhos: Laura, nascida em 12 de fevereiro de 1894; Lauro, nascido em 3 de abril de 1896 e Antônio Pedro nascido em 30 de maio de 1898.

Em 1917, sua popularidade como homem público, orador emérito e o reconhecimento como homem de cultura, lhe proporcionaram a eleição para a vaga como membro da Academia Brasileira de Letras, com a morte do acadêmico Barão do Rio Branco. Foi eleito para a cadeira nº 36 da Academia Brasileira de Letras. Sua eleição refletiu o reconhecimento de sua importância não apenas na política e na economia, mas também no meio cultural e intelectual do Brasil. Foi recebido pelo Acadêmico Afonso Celso em 16 de agosto de 1917.

Publicou diversos discursos e trabalhos, como "Os ideais republicanos" e "Liga da Defesa Nacional". Em 1919, saudou Helio Lobo pelo seu ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Sua participação na ABL foi limitada devido às suas responsabilidades políticas e empresariais, além de sua atuação militar. Enquanto membros da ABL na época, eram escritores, poetas ou intelectuais dedicados às letras, Müller tinha uma trajetória mais voltada à política, administração e negócios.

Com a Proclamação da República em 1889, por indicação do republicano catarinense Antônio Esteves Júnior, Lauro Müller foi nomeado pelo Marechal Deodoro da Fonseca para ser o primeiro governador republicano de Santa Catarina. Renunciou ao mandato de governador para, em 24 de agosto de 1890, retornar ao Rio de Janeiro a fim de assumir o cargo de deputado da Assembleia Nacional Constituinte. Foi ele quem, na sessão de 22 de dezembro de 1890 da Câmara Federal, apresentou uma indicação, subscrita por 80 deputados, para a inclusão da mudança da Capital Federal para o Planalto Central onde o governo mandaria demarcar 400 léguas quadradas para o Distrito Federal.

A 28 de setembro de 1902, toma posse como governador do Estado de Santa Catarina, em substituição a Hercílio Pedro da Luz. Permanece por pouco tempo no cargo – apenas 44 dias -, pois preferiu o cargo de ministro da Viação e Obras Públicas de Rodrigues Alves.

Em 1918, se elegeu governador de Santa Catarina, dentro da composição política para manter as forças republicanas no estado. Sendo eleito pelo voto direto, no entanto, abdicou do cargo, possibilitando a ascensão de Hercílio Luz como governador, já que o mesmo era seu adversário no próprio partido e a segunda maior força política catarinense. Fez-se constar em ata que Lauro Müller não assumiu porque deixou de prestar juramento ao cargo por não haver comparecido. Voltou ao senado até 1923.

Lauro Severiano Müller, governador de Santa Catarina, foi uma figura

marcente na história do estado e do Brasil. Ele foi nomeado primeiro governador republicano de Santa Catarina pelo Marechal Deodoro da Fonseca após a Proclamação da República. Também foi senador, deputado federal, ministro e embaixador, além de ter sido Doutor Honoris Causa pela Universidade de Harvard.

Participou de crises políticas sendo um conciliador partidário não só em Santa Catarina como no Brasil inteiro. Foi um dos fundadores do Partido Republicano Catarinense (PRC).

Em resumo, Lauro Müller foi uma figura pública marcante, com uma carreira diversificada e de grande impacto na história do Brasil. Sua trajetória é um exemplo de dedicação, compromisso e paixão pela política e pelo desenvolvimento do país.

Como embaixador desempenhou um papel fundamental na aproximação do Brasil com as nações da América, especialmente através da Missão Campos Sales.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 30 de julho de 1926. Encontra-se sepultado no Cemitério de São João Batista, em Botafogo, zona sul da capital Fluminense

Homenagens e condecorações:

- Título de Doutor Honoris Causa da Universidade Harvard, dos Estados Unidos.
- Município de Lauro Müller, no Sul de Santa Catarina, localizado na região carbonífera do estado. Esse nome foi dado em homenagem a Lauro Severiano Müller, por ter sido uma figura política e militar de Santa Catarina, reconhecido por suas ações e contribuições à região e ao estado. A escolha do nome simboliza o reconhecimento de Müller por sua influência e trabalho em prol do desenvolvimento local e estadual.
- Escola Lauro Müller nos municípios catarinenses de Florianópolis e Antologia Literária. VOL. II

Blumenau.

• Diversos logradouros (ruas, avenidas, etc.) e praças recebem seu nome em vários municípios pelo Brasil.

Entre 1917 e 1926, exerceu mandato de Senador, eleito pelo PRC, nos seguintes períodos:

30^a Legislatura (1915-1917);
31^a Legislatura (1918-1920);
32^a Legislatura (1921-1923);
33^a Legislatura (1924-1926).

Lauro Severiano Müller foi um líder que marcou época na história de Santa Catarina e do Brasil. Sua administração como governador refletiu uma visão de modernização, inclusão social e fortalecimento institucional, contribuindo para o avanço do estado e para a consolidação de uma identidade regional forte. Sua vida e obra continuam inspirando novas gerações a perseverar no caminho do desenvolvimento e da cidadania.



Discurso de agradecimento

Por Ilda Helena Cezar

Em cerimônia do seu jubileu, em 2023

Excelentíssima presidente da Academia Itapemense de Letras,
Estela Parisotto;
Excelentíssimas autoridades presentes;
Caríssimos confrades e confreiras;
Minhas senhoras e meus senhores;
Familiares.

Sou muito grata pela homenagem que recebi hoje! Comovida e honrada cito aqui um ensinamento bíblico: “Batei e abrir-se-vos-à”. Nesta porta eu não precisei bater, pois, ela já estava aberta graças à generosidade dos que na época conduziam esta egrégia casa e acolheram a todos que se dedicavam a divulgar a cultura, as letras ou prestavam serviços relevantes. No meu caso, dedicação à educação de Itapema.

Senhora Presidente, permita-me que eu traga para a mente, a minha trajetória nesta egrégia casa:

No ano de 2000, recebi o convite da equipe que pesquisou e se propôs a fundar uma Academia de Letras em Itapema. Não me achava digna de tanta honradez e nem competente para fazer parte de um grupo tão seletivo e merecedor por terem escritores, poetas, alguns já renomados, com muitos prêmios recebidos. Pensei em recusar o convite, mas, o confrade André Gobbo que estava junto desta equipe, insistiu e não me deixou desistir e é por isso, graças a ele que estou aqui.

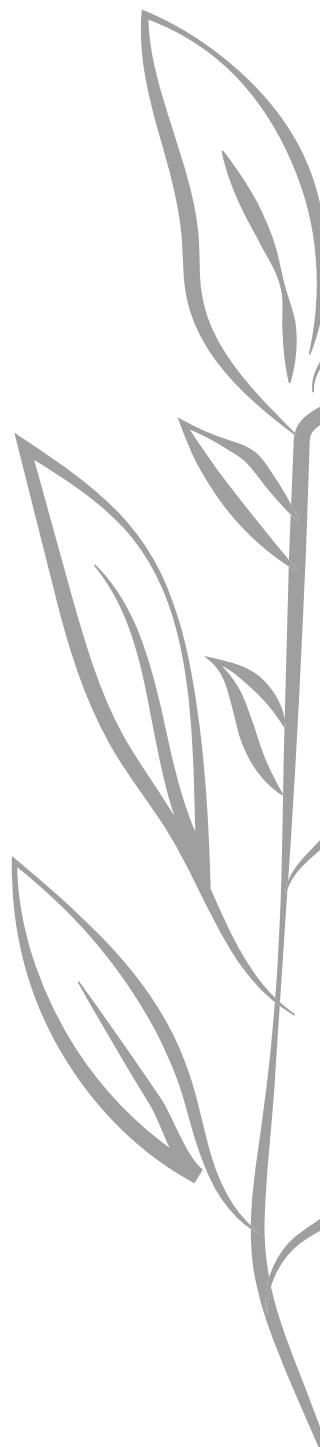
Honra maior ainda me foi concedida hoje. Agradeço as belas palavras de saudação a mim dirigidas há pouco, proferidas pelo Confrade André que é o dono de uma oratória impecável, o Doutor das letras, das palavras lindas que tocam a fundo nossos corações quando se pronuncia.

Por esse motivo, é com enorme alegria que agradeço em nome dos que hoje são responsáveis por levar adiante a existência e o dinamismo da ALL pelo reconhecimento à cultura da cidade e região.

Muitos foram os ensinamentos que recebi de todos, nessa trajetória para debutar nas letras e escrever um livro e me tornar, despretensiosamente uma “escritora”.

Reverencio a memória da confrere Maria de Lordes Cardoso Mallmann e Pedro de Quadro Du Bois, *“in memoriam”*, grandes incentivadores da literatura que me inspiraram e me tornaram melhor nos poemas e nas letras. Aos confrades homenageados Haroldo, Magnus e Juely parabéns e que tenhamos uma longa caminhada juntos a essa agremiação da qual tenho orgulho de fazer parte.

A noite hoje é excepcional na minha vida e na longa vida desta agremiação. Tantos aqui acorreram para celebrar comigo as dulcíssimas alegrias do meu septuagésimo quinto aniversário e aos 23 anos da Academia Itapemirense de Letras.



Sensibilizada e honrada, com tudo que vivi hoje, cito alguns versos da minha poesia ‘Desabafo’:

*Não sou poetisa
Mas gosto de versos
Não escrevo sempre
Mas me dedico
E acredito no desenvolvimento das letras e da arte
Através do nosso compromisso.*

Recebam todos o meu abraço carinhoso.



SOBRE A ACADÊMICA

Ilda Helena Cezar, nasceu em Descanso (SC). Graduou-se em Pedagogia com Habilitação em Supervisão Escolar pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas (PR) e atuou como Professora Estadual de Anos Iniciais, por 28 anos. Especializou-se em Fundamentos da Educação pela UNOESC, campus de São Miguel do Oeste. Também é especialista na modalidade “Mercado de Trabalho”, em Administração escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional, pela Universidade do Vale do Itajaí.

Em 1998 ingressou como supervisora Escolar na rede municipal de ensino de Itapema, através de concurso público, permanecendo até setembro de 2023.

Em 1999 atuou na Secretaria Municipal de Educação no cargo de Diretora de Ensino por dois anos.

Foi Diretora da Escola Municipal Bento Elói Garcia nos anos 2010 e 2011.

É autora do livro “Passaporte para a história, Itapema e sua alma feminina” lançado em 2009. Tem algumas poesias já publicadas e um conto.

Presidiu a Academia Itapemense de Letras de 2006 a 2008 e atualmente, aposentada, está no cargo de vice-presidente da AOL.

SIGA A AUTORA



ildacezar



CADEIRA N° 30



Samara Miranda

Homenagem ao Patrono

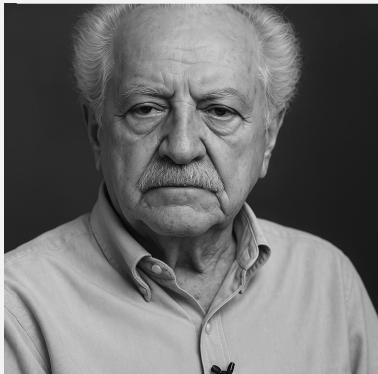


Imagen gerada pela IA

Nascido no Líbano, em 30 de janeiro de 1924, **Salim Miguel** veio para o Brasil com seus pais, duas irmãs mais novas e um tio, aos três anos de idade. Morou por um certo período em Magé (RJ). Depois, viveu dos cinco aos dezenove anos em Biguaçu, vilazinha perto de Florianópolis que usou de cenário para alguns de seus livros.

Este escritor considera-se um líbano-biguaçuense e fixou residência com sua família em 1943 na capital catarinense, onde o escritor, já um dos líderes do Grupo Sul, movimento artístico-cultural que agitou Santa Catarina nas décadas de 40 e 50 – estreou na literatura em 1951, com velhice e outros contos.

Jornalista, escritor e crítico literário, Salim estava em sua sala de trabalho na agência nacional de Florianópolis, em abril de 1964, quando foi detido “para averiguações”. Passou 48 dias preso e 30 anos mais tarde transformou essa experiência no

livro ‘Primeiro de Abril: narrativas da cadeia’.

Viveu quinze anos no Rio de Janeiro, fazendo livros e escrevendo em jornais. Foi um dos editores da revista literária carioca ficção, que marcou época, divulgando a melhor literatura e lançando novos talentos.

O cinema também teve sua marca: ele e a esposa, Eglê Malheiros, escreveram o argumento e o roteiro do primeiro longa metragem realizado em Santa Catarina – O preço da ilusão – e no período que morou no Rio, com Eglê e Marcos Farias, a adaptação e o roteiro cinematográfico do conto “A cartomante” de Machado de Assis e do romance “Fogo morto”, de José Lins do Rego. Dirigiu a editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Fundação de Cultura de Florianópolis.

Entre os vários livros que publicou, pode-se destacar “Nur na escuridão”, um romance autobiográfico que mostra toda sua genialidade com uma literatura rica, que prende, que é emocional e leva o leitor a fazer parte da história.

Salim Miguel é patrono da cadeira 30 da Academia Itapemorense de Letras; cadeira que eu tive a oportunidade de escolher para orgulhosamente defender. Eu me sinto honrada em poder homenagear este escritor fantástico não só pela genialidade de sua obra, mas também pela generosidade dele.

Eu lembro que há alguns anos, o dever de Salim era dar uma palestra e vender seus livros para os acadêmicos de licenciaturas da FURB, no entanto, para ele e sua esposa – Eglê Malheiros, isso não foi o suficiente, eles tiveram a simplicidade e generosidade de tomar um café e conversar informalmente com alguns estudantes de letras – entre eles, esta que vos escreve e teve o prazer de descobrir que Salim, além de um escritor admirável, é um divertido e

perspicaz contador de histórias. Tenho certeza de que este gesto, que pode parecer tão simples, trouxe ainda mais motivação para esta acadêmica formada em letras.

Salim Miguel pode receber ainda em vida vários prêmios de reconhecimento por seu talento e contribuição à literatura. Faleceu em 22 de abril de 2016, aos noventa e dois anos, mas certamente permanecerá vivo a partir de toda a sua herança literária, bem como na memória de todos que tiveram a oportunidade e o prazer de conhecê-lo além das páginas de um livro.



Minha história na AIL

Minha história na Academia Itapemense de Letras começou com o convite da confreira Maira Kelling, na época, presidente da AIL. Ela conheceu o meu trabalho como escritora e contadora de história, então, fez o convite. O sentimento foi de gratidão e lisonjeio, afinal, fazer parte de um grupo tão seletos era realmente motivo de orgulho.

A literatura sempre esteve presente em minha vida: nos livros infantis que lia quando criança, na adolescência, amadurecendo a minha leitura e me identificando com os autores e seus estilos, até não controlar mais a vontade de me aventurar escrevendo versos e prosas. O meu primeiro livro publicado foi aos dezoito anos “Dos sonhos à razão” – um livro de poemas. Este livro me permitiu, desde muito jovem, participar de encontros e grupos com pessoas que faziam literatura há bem mais tempo que eu e me inspiraram a nunca parar.

Quando recebi o convite da AIL e soube que poderia escolher um dos patronos que estavam disponíveis, não precisei pensar duas vezes, afinal, Salim Miguel foi um dos escritores que fez parte da minha trajetória como acadêmica de letras e como inspiração literária. Conhecê-lo, pessoalmente, ter a oportunidade de conversar com ele além da palestra e ver a sua vivacidade a partir das histórias, alimentou ainda mais o meu amor pelas letras.

Vestir a pelerine e discursar, homenageando Salim Miguel, enquanto me tornava membro vitalício da Academia Itapemense de Letras, foi um momento memorável que está guardado com muito carinho em meu coração e em minha mente.

Ao assumir uma cadeira nesta ilustre instituição e conviver com pessoas tão seletas, perpetuei o meu compromisso de salvaguardar e honrar a literatura. Este compromisso foi assumido com extrema dedicação: continuei escrevendo, publicando, produzindo e ensinando a partir das letras. Foram livros infantis, participações em coletâneas, contações de história, documentário de memórias, e-book, áudio e-book com intérprete de libras e livros em braile, assegurando a acessibilidade, entre vários outros trabalhos.

Com a Academia Itapemense de Letras, pude ser produtora cultural dos concursos literários “O pensador VII” e “O pensador VIII” que resultaram em livros impressos em formato padrão e em braile. Pude participar da organização de eventos, viver memórias literárias com pessoas comprometidas em enaltecer as letras, criando também memórias afetivas.

Cada confrade e confreira que tem papel ativo nesta ilustre agremiação tem lugar cativo na minha história profissional e pessoal. Gratidão pela honra de ser membro vitalício e parte da história dos 25 anos da Academia Itapemense de Letras.



Página em branco

Por Samara Miranda

Ao dormir, deixamos ao lado da cabeceira uma página. Nesta página está escrita a nossa história, aquela que escrevemos durante todo o dia. Algumas vezes, dormimos sem percebê-la, outras vezes, percebemos sua presença, mas ainda sim, somos indiferentes a ela. Entretanto, muitas vezes, só de percebê-la, já nos incomodamos: porque não era a história que queríamos escrever, ou algumas partes sim, mas as outras, nem em pensamento.

Neste momento, devemos lembrar que ao amanhecer, sempre recebemos outra página, desta vez, em branco. Cabe a nós, escolhermos o que escrever nela. Olhar para as páginas anteriores e pensar quais palavras ou frases queremos utilizar novamente, quais queremos deixar no passado e quais novas palavras ou frases queremos para a nossa folha em branco.

Precisamos olhar esta página como uma oportunidade de recomeçar, de fazer melhor a cada dia. Uma oportunidade de escrever uma nova e melhorada história. Se na história de ontem fizemos alguém chorar, façamos hoje alguém sorrir. Se ontem tornamos algo mais pesado, tornaremos hoje mais leve. Se ontem não vimos o quanto somos capazes, veremos hoje o quão incrível podemos ser.

Não podemos permitir que a cegueira nos faça esquecer que o hoje é sempre uma folha em branco, uma oportunidade para sermos melhores.

Que possamos ter a coragem necessária para escrevermos uma linda e melhorada história!

Escrever é um ato de liberdade! Pratique e liberte-se!



S O B R E A A C A D É M I C A

Samara Miranda, nascida em Blumenau em 23 de outubro de 1982, sempre teve uma paixão pelas artes. Desde a infância, envolveu-se em dança, coral e teatro. Formou-se em Letras pela FURB e especializou-se em pedagogia gestora. Publicou seu primeiro livro, “Dos sonhos à razão”, aos dezoito anos, e desde então escreveu artigos científicos, contos, poemas e livros infantis para incentivar a leitura nas escolas. Também é contadora de histórias e produziu livros e documentários sobre memórias. Defensora do acesso à literatura, criou versões de seus livros em braile, e-books e áudio e-book. Trabalha como professora de língua portuguesa, focando na escrita funcional e criativa.

S I G A A A U T O R A



@samaramirandaramos





CADEIRA N° 33



Estella Parisotto Lucas

Homenagem ao Patrono. Um caminhar!

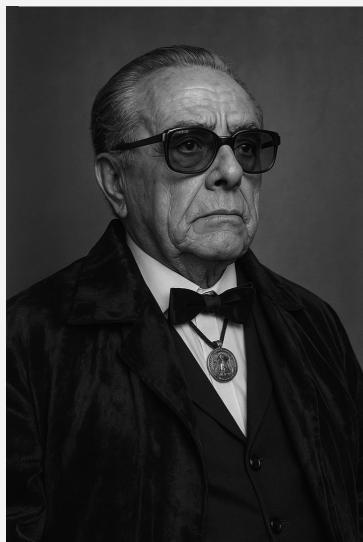


Imagen gerada pela IA

Sempre houve em mim certa afinidade com a Academia Itapemense de Letras e confesso que demorei para perceber. Foi algo tão natural, construído por objetivos em comum que compartilharam o mesmo espaço mesmo que por um curto período de tempo. Foi no ano de 2000, quando eu cursava Letras e me lembro com uma nitidez impressionante o movimento da professora lara e de algumas alunas que realizaram o trabalho de extensão que deu origem à casa literária em Itapema.

E o caminho em paralelo poderia ter sido interrompido quando me formei, afinal, naquela época eu era muito mais conectada à Linguística, dava aulas de idiomas e estava empreendendo, mas já havia em mim uma semente que floria.

Despertada durante uma aula de Língua Portuguesa, a escrita tomou outra forma e tocou minha alma com uma profundidade que só muito tempo depois fui dizer sim.

Até então escrever era algo que eu praticava despretensiosamente, colocando no papel um pouco dos meus anseios, das minhas emoções e fantasias.

Em 2007 tomei fôlego e com coragem me candidatei à uma vaga para a Academia Itapemense de Letras. Após todas as etapas, fui classificada e em setembro daquele ano iniciei o meu caminhar ainda mais próximo das letras. Escolhi deixar registrado aqui o meu discurso de posse, que compartilho abaixo:

À ilustre Presidente da Academia Itapemense de Letras, confreira Ilda Helena Cesar.

Ao Excelentíssimo Prefeito de Itapema, senhor Sabino Bussanello.

Autoridades presentes.

Demais confreiras e confrades, cujas janelas d'Alma abrem as portas desta Academia de Letras para me receberem.

Amigos, parceiros indispensáveis em minha vida e que dividem comigo este momento único.

Minha família, insana de amor, que através de seus surtos de doces risadas, me ensinou, com seus intertextos, a grandiosidade de viver.

À minha mãe e ao meu pai, os culpados, que me presentearam com as primeiras aventuras literárias, contadas, fantasiadas e vividas antes de dormir, ou em viagens, rompendo barreiras de estados e países e porque não dizer cósmicas e é claro, a vocês duas Dani e Bella, minhas irmãs e eternas companheiras nas desassombrosas peripécias.

Senhoras e senhores presentes, boa noite!

Uma pergunta: Lenda ou realidade?

Como nos tornamos imortais? Pretensão? Presente Divino?

Difícil a resposta. Certo é que a realidade é parceira muito próxima da lenda, às vezes até se confundem.

Entretanto, não precisamos ser grandes conhecedores sobre o assunto para, ao observarmos nosso dia-a-dia nos depararmos com a tênue linha existente entre o real e o imaginário.

E é nesse contexto, um tanto surreal, que tenho a imensa honra de apresentar a vocês, o meu Patrono.

Uma pausa... retiro uma cartola da caixa e a coloco sobre a minha cabeça e sigo como se fosse o próprio Oswaldo falando sobre a sua vida e obra.

Senhoras e senhores, boa noite!

É grandioso estar presente neste momento tão rico e ilustre. Momento em que em poucas palavras transportarei a todos, e por favor, peço que me acompanhem, nesta viagem no tempo, ao início do século passado.

Meu nome é Oswaldo Rodrigues Cabral. Nasci catarinense em 11 de outubro de 1903. Meu berço foi Laguna, cidade mais ao sul do estado.

Vi o mar, contemplei as estrelas. Escutei histórias, causos, contos. É que pescador sempre tem uma história para contar. Quem nunca se flagrou viajando pelos rios e mares infestados de peixes gigantes? Com eles, os pescadores, aprendi, também, a sonhar.

Busquei a Terra da Liberdade e ela se tornou objeto, que segurei em minhas mãos lá pelos meus trinta e poucos anos.

Trinta e poucos? Me perdoem se eu não conseguir ser tão fiel às datas ou não seguir cronologicamente os acontecimentos da minha vida. Quero deixar aqui para vocês um pouco da minha memória.

Mas, voltando aos contos e aos “causos” que eu estava falando, me lembro que a Medicina me levou à Teologia e às benzeduras. Mergulhei nas questões culturais e sociais. Fui um pesquisador muito dedicado.

Não estou muito certo, mas foram cerca de duas décadas dedicadas às pesquisas arqueológicas e etnológicas. Hoje tenho um museu com o meu nome.

Deixei lá, junto com todos aqueles objetos, o ar que eu respirava nos suspiros mais profundos de cada descoberta.

E foram tantas... e foram saborosas! Saborosas, sim!

Me perdi nos encantos do folclore, naveguei nas tradições e nas crenças do meu povo. Povo misturado. Povo rico. Povo gigante.

Quis fazer mais, sempre quis fazer mais. Diziam até e ainda dizem por aí que eu também fui grandioso. Eu, na verdade, fiz tudo por amor. Amor às letras, às palavras, às vírgulas, aos travessões e às exclamações!

Também não fui lá muito convencional, ao esperado na época, fiz uso, na minha escrita, mas não somente, de expressões quase espantosas.

Aprendi a exercitar a perseverança, caminho para atingir meus múltiplos objetivos. Imortalizei minha obra, resultado dos esforços de uma vida.

Num breve discorrer dos meus dias fui Doutor em Medicina, fui Historiador, fui Político, Deputado Estadual em Santa Catarina, fui Professor, fui membro de Academias de Letras, na Catarinense ingressei em 1938 e por esta, a Academia Itapemirense de Letras,

fui homenageado, sendo patrono da Cadeira de número 33. Sou, também, mas jamais menos importante, folclorista.

Em 1978, morando em Florianópolis, me deixei recomeçar nas cores, nos sons, nos brilhos e nos encantos do meu folclore. Meu coração parou de bater e eu, bom, eu voltei para casa!

Hoje, Estella, agradeço o seu convite de poder estar aqui e já não preciso dizer mais nada, ou me tornarei repetitivo. Passo, apenas, um lápis e um pedacinho de papel para você. Agora é a sua vez, construa Maria Sgobero.

(Cartola na caixinha).

Obrigada, Egas Godinho.

Egas Godinho era um dos pseudônimos de Oswaldo Rodrigues Cabral e Maria Sgobero o meu.

Com este discurso, pedi permissão para adentrar verdadeiramente ao mundo das letras e das palavras. Me autorizei a usá-las como companheiras que seguiram ao meu lado, mesmo quando fui morar do outro lado do continente.

Muitos foram os textos, os contos, a mudança de vida e de estilo literário. No início escrevia contos, depois passei a contar sobre a vida e me atrevi ao mundo das poesias.

De volta à Itapema disse sim a um grande desafio, presidir a agremiação. Foram anos de muitas produções e realizações pessoais e em grupo. Projetos foram desengavetados, outros surgiram e trouxeram ao pulsar ideias adormecidas. Contribuí em dois mandatos consecutivos e cresci.

Posso dizer, sem dúvida alguma, que ser membro vitalício da Academia Itapema de Letras aquece meu coração. É muito mais do que a simples vaidade de dizer que faço parte. Essa eu nem tenho, afinal eu sou parte!

Que venham outros 25 anos!



Sou das Linguagens

Por *Estella Parisotto Lucas*

Sim, sou das Linguagens
Da Arte das Palavras
Palavras bem ditas...
Benditas

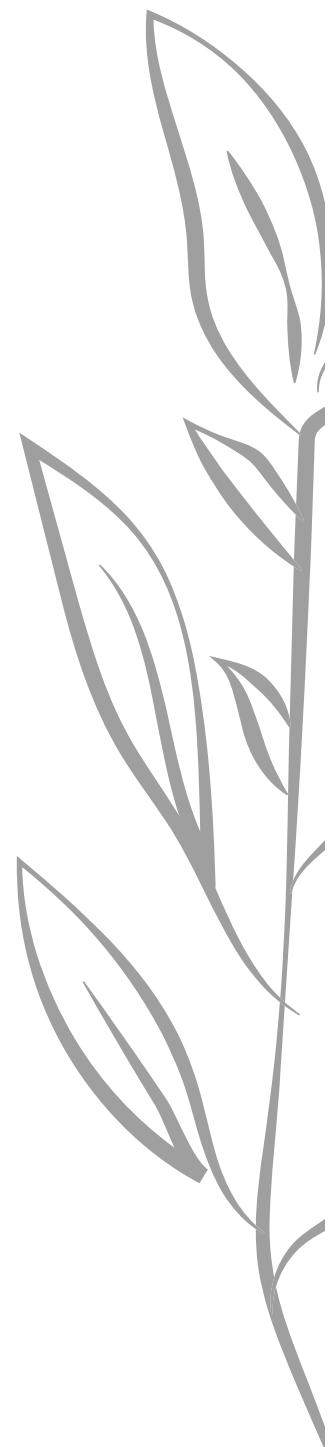
Sou das Linguagens
Dos textos escritos
Poemas narrados
Versos falados

Sou das Linguagens
Dos sentimentos elaborados
Das histórias contadas
Pacificadas

Sou das Linguagens
De memórias despertas
Dos sonhos e conquistas
Da ação do coração

No meu mosaico?
Arte das Palavras...
Cultura... Educação
Gestão

Expressões de VIDA!



De onde vem a VIDA?

Por Estella Parisotto Lucas

Uma reflexão ampliada...

De onde vem a Vida? Você já se questionou?

Vem do momento da nossa concepção? Da centelha de vida acesa na fusão dos gametas dos nossos pais?

Será?

Mas o óvulo da nossa mãe e o espermatozoide do nosso pai não precisaram estar vivos para que a fecundação acontecesse?

Posso, então, me atrever a dizer que a vida vem de antes e chega em nós através dos nossos pais, que também receberam a vida de seus pais; uma história que percorre anos, séculos...

Geneticamente e vou me ater a esta parte do nosso SER, temos muito latente em nós toda uma herança, uma “carga” de informações vindas das nossas últimas gerações, dos nossos pais até a quinta geração. No entanto, nossos trisavós também receberam suas “cargas”, ou seja, também possuíam suas próprias heranças vindas de gerações anteriores a deles.

Ou seja, a vida que chegou em nós através de todos os nossos ancestrais encontrou caminhos para de uma forma ou outra seguir e perpetuar-se. Somos a continuidade de histórias iniciadas há muito tempo. Se formos calcular, podemos facilmente contar 250 anos, isso sem entrarmos nas gerações que vieram antes e que também fazem parte do nosso Sistema Familiar.

Durante esse período dos 250 anos que a Vida viajou até chegar em nós, posso mais uma vez me atrever a dizer que muitos, mas muitos acontecimentos marcantes aconteceram.

Assim como eu, muitos de nós brasileiros são descendentes de imigrantes de vários lugares do mundo. Alguns dos nossos bisavós e trisavós deixaram suas raízes e partiram em busca de melhores oportunidades de vida. Buscavam prosperidade, felicidade e uma nova morada. Permitiram-se e partiram esperançosos rumo ao desconhecido.

Fizeram seus próprios movimentos, viveram suas escolhas e de certa forma assumiram as possíveis consequências do ir sem ter a certeza de que um dia poderiam voltar para suas origens, rever os familiares e amigos que lá ficaram.

Determinados, festejaram suas conquistas e tocaram a nova fase da vida com otimismo. Sabemos que, mesmo com toda a vontade eles não foram imunes à tristeza, à dor, à escassez e de todas as dificuldades que viveram nos meses que atravessaram o atlântico em navios, por exemplo.

Após a chegada, passaram por todo o período de adaptação da nova morada: o clima, a comida, a língua, a condição social, o trabalho e mesmo assim, continuaram. Tiveram seus filhos, que mais adaptados tiveram os seus, que também fizeram suas escolhas e com coragem também viveram suas partes na história, até que ela pudesse ser entregue a nós.

Sem romantizar, ou idealizar, viveram a vida real, que foi perfeita da maneira que foi. Com todas as suas alegrias e tristezas. Suas cicatrizes deram base para novas fases, para novas descobertas.

Alguns enriqueceram e viveram saudáveis até falecerem bem velhinhos, outros trabalharam arduamente até serem surpreendidos

por doenças graves e incuráveis, que os levaram de maneira inesperada.

Muitos amaram perdidamente, fugiram e viveram grandes amores ou não. Outros foram abandonados, sofreram e nunca mais se recuperaram. Alguns outros se reconciliaram e deram outra chance à família que haviam constituído. E alguns ainda mataram, outros morreram em defesa da “honra”.

Filhos ainda muito jovens cresceram como provedores e responsáveis por todos da sua família, inclusive seus pais e irmãos. Ocuparam lugares que não eram os seus o que de certa forma causaram vários conflitos e muita desordem. Alguns seguiram padrões ou iniciaram novos que foram repetidos nas gerações que vieram.

E assim podem ter sido os períodos vividos pelos nossos antepassados. Não saberemos, com muita clareza como tudo foi vivido, a não ser se tivermos tido a sorte de ter relatos guardados sobre suas histórias mais íntimas e sobre as percepções do que viveram, o que não era muito comum ser dito e feito na época. As relações eram mais reservadas.

Fato é que frente a eles e como filhos seremos sempre pequenos. Somos menores que nossos pais, menores ainda que nossos avós e assim por diante. Somos frutos, que deram ou darão frutos em algum momento no futuro. Enquanto filhos e netos, somos pequenos.

Bem, assim, quando olhamos para trás e vemos amorosamente nossa origem, vemos o quanto há, o quanto fortes e determinados nossos antepassados foram. Eram outros tempos e a vida era bem diferente da que temos hoje.

Foram eles que abriram estradas, carpiram mato, construíram suas próprias casas, plantaram seu alimento e abriram seus pequenos negócios. Demoravam horas para ir do local onde viviam até a cidade mais próxima, em pequenas charretes ou a pé já que o primeiro carro a rodar no Brasil foi em 1891.

Luz elétrica em casa? Nem todos tinham, a maioria iluminava suas casas com velas, candeeiros ou lampiões. Banho quente? Só se a água fosse primeiramente aquecida no fogão à lenha e depois colocada nos chuveiros feitos com uma lata suspensa, que pendia e soltava água quando puxado por uma corda. Banheiro? Era geralmente fora da casa, quando não era uma latrina no fundo do quintal. Telefone? Televisão? Muitos dos nossos avós e até pais são mais velhos do que esses meios de comunicação, que eram artigos de luxo. Apenas as famílias mais abastadas tinham em casa.

Maternidade? Muitos nasciam em casa, com a ajuda de Parteiras, quando elas chegavam a tempo. Minha avó deu à luz ao meu pai, seu primeiro filho, com a ajuda de uma parteira, em uma das cidades que prosperavam no Norte do Paraná em 1946. Nada de parto humanizado. Era quase uma roleta russa e muitos não conseguiam vencer seu primeiro grande desafio, nascer. Minha mãe, alguns anos depois, já nasceu no pequeno Hospital da cidade.

Hoje podemos viajar e rapidamente percorrer 10.000 km em aviões ou andar em carros confortáveis por estradas asfaltadas. Podemos desfrutar das modernidades provenientes da Revolução Tecnológica. Temos Internet, celulares, conversamos com quem está do outro lado do mundo através de vídeo chamada. Acessamos informações sobre o que está acontecendo em tempo real. Até as crianças da Era Digital já sabem que é preciso deslizar o dedo nas telas sensíveis ao toque.

Isso tudo faz parte da nossa evolução, da nossa herança, da nossa Vida! Tudo isso está em nós, registrado no nosso Campo Morfogenético, uma grande memória coletiva, que leva informações ao longo do tempo. Está nos nossos sentimentos, nas nossas emoções e no nosso comportamento enquanto sociedade.

Tudo está registrado, desde o momento da concepção da Vida, há milênios no Big Bang ou nas Partículas de Bóson surgidas logo após essa grande explosão. Tudo está relacionado à Vida, que navegou por todo esse tempo até chegar a que temos hoje.

Cada Vida, uma Vida! Cada Vida com sua importância única. Ninguém viverá a vida por nós, assim como nós não viveremos a vida de ninguém. Precisamos ir para a Vida! Há momentos em que nos damos conta que fazemos parte de algo bem maior. São pequenos capítulos de um grande enredo. Cada capítulo vivido com suas particularidades, frutos de ramos de um tronco, de um continente, de um país, de um povo, ou da mistura de vários povos, todos com seu valor e todos, parte da grande árvore chamada Vida.

Dos meus ramos, trago em mim muito do sangue italiano da minha herança materna e um sobrenome que mantém viva a descendência. Na aparência, com meus cabelos negros e cacheados, mantendo viva a minha descendência espanhola, vinda da herança do meu pai. Então, quando olho para o meu reflexo, no espelho vejo com muita gratidão tudo o que chegou a mim e me sinto, assim, livre para dar a continuidade. Com o tempo percebi, que o amor com que meus pais e avós sempre me trataram ia muito além dos cuidados que tinham comigo. Sempre houve muito amor e isso passou entre as gerações da minha família, tanto do lado materno, quanto paterno. É visível!

Honro, verdadeiramente, meus Pais. Deles eu recebi o suficiente! Recebi o amor incondicional de pais que sempre torceram para que suas filhas, eu e minhas duas irmãs mais novas, fossemos prósperas e felizes.

Hoje estou longe fisicamente deles dois. Meu Pai está na Grande Morada, ainda me emociona quando falo nele, um pai amoroso, dedicado, que me deixou pronta antes de partir há menos de um ano. Tenho dele a força e o ímpeto da Vida, sou destemida, como ele mesmo me descrevia. O mundo não tem fronteiras, nem a Vida. Há Infinitude e um dia, na hora certa, nos reencontraremos. Da minha mãe tenho a doçura, que combati por tanto tempo. Tivemos nossas diferenças, eu primogênita e com laços muito estreitos com meu pai não dava muita chance para a nossa relação e ela sempre paciente aguardou o meu movimento de ida e de volta. Ela é suave e forte ao mesmo tempo. Uma mulher decidida, empreendedora e de espírito livre que segue seus projetos, sempre ativa e criando algo, não só na cidade onde mora.

Minhas irmãs são minhas lindas amigas. Companheiras desde sempre. Trocamos ideias, torcemos umas pelas outras, choramos e rimos juntas! A distância física nunca foi problema para nós. Nos falamos várias vezes por dia, temos aquele aplicativo instalado no celular. Nossa mãe está sempre envolvida!

No Mosaico da minha Vida percebi que quanto mais integrava a minha mãe, mais suave eu ficava, mais feminina e mais mulher eu me tornava, ao mesmo tempo mantinha a força e a energia masculina do meu pai. Tenho integradas em mim as minhas duas metades essenciais.

Como sou grata a eles dois, aos meus Pais! Como sou grata aos pais deles que lhes deram à vida, meus queridos avós. Conheci os quatro e convivi boa parte da minha vida com eles. Cada um do seu jeitinho e de cada um, muitas lembranças gostosas. Minha avó materna ainda nos brinda com a sua presença, jovialidade e saúde. Aos 86 anos de idade, Vive!

Falei um pouco de mim, para dividir minhas histórias, contar um

pouco da minha vida, uma vida nem mais nem menos do que a de ninguém, apenas a minha. Eu também já passei por momentos de dores e de muitas alegrias. Já questionei muito, pois questionar faz parte da minha natureza e me faz sair da zona de conforto. Me faz movimentar.

E foi nesse meu caminhar, na busca pelas minhas respostas que entrei no mundo do desenvolvimento pessoal. Abri-me para o novo e me permiti ver a vida e as situações por outro ângulo. Compreendi muitas sensações e emoções que vivi. Percebi minhas responsabilidades e concebi as relações de outra maneira. Assumi nova postura aprendida com as Constelações Familiares e as Ordens do Amor. Onde há Pertencimento, Hierarquia e Equilíbrio, há harmonia e leveza!

Desde então, pratico diariamente o não julgar, o não culpar, o ver além do que está tão óbvio. Um exercício constante. Ainda tenho embates, mas o Pensamento Sistêmico Complexo e as Constelações Sistêmicas me brindaram com mais serenidade para lidar com conflitos, quem sabe a maturidade, também!

Hoje, aos meus quase 45 anos, estou casada com o meu segundo marido, meu grande amor, um encontro feliz. Fizemos a opção de caminhar lado a lado e temos muito para viver e contribuir. Temos muito para retornar, pois reconhecemos com carinho o que recebemos.

Nossos Filhos? Não vieram. Imersa no mundo das Constelações, principalmente nas Familiares já refleti bastante sobre os motivos pelos quais eles não nasceram. No momento comprehendo com o coração aquecido. Está tudo bem!

Tudo é perfeito como é!

Daremos continuidade ao que recebemos de outras maneiras, afinal, nem todo mundo vive a mesma história, nem mesmo as que seguem padrões e repetições por lealdade. Vivemos nossas partes únicas da história dentro da nossa história familiar e da História das histórias.

Sou grata à VIDA, vinda de tão longe e mesmo sem poder afirmar qual foi a sua origem, tomo-a e em seu lindo bailar coloco-me a serviço!

Sigo meu caminhar reverberando Amor, pois acredito no seu poder de transformação. Há Amor disponível em todas as partes e quando olhei, generosamente, despertei para uma consciência maior.

Em seu ciclo virtuoso a vida flui abundante!



S O B R E A A C A D É M I C A

Com formação multidisciplinar, **Estella Parisotto Lucas** é escritora de contos, romances e poesias. É membro da Academia Itapemirense de Letras, desde 2007, associação que presidiu na gestão de 2020 a 2022 e foi reeleita para a gestão 2022 a 2024. É autora de "Oblívio - um romance de vida" e coautora dos livros "Constelações Sistêmicas – Perceba o Imperceptível", "Envelhescência Ativa e Feliz", "A Expressão da Arte em 22!", "Antologia AIL 23", "Índelével ao Coração!", "Nem te Conto!" e acabou de publicar seu primeiro livro infantil "Nem te Conto - Descobrindo a Pesca!". Psicanalista, Neuropsicopedagoga, pós-graduada em Gestão de Pessoas, com MBA em Consultoria e Liderança Organizacional é graduada em Letras.

S I G A A A U T O R A



estellalucas





CADEIRA N° 35



Magnus Guimarães

Homenagem ao Patrono



Imagem gerada pela IA

Raulino Reitz nasceu na cidade de Antônio Carlos (SC), no dia 19 de setembro de 1919 e faleceu em Itajaí (SC) a 20 de novembro de 1990. Formou-se Padre, foi botânico e historiador. É fundador do Herbário Barbosa Rodrigues, em 1942, que contém um formidável catálogo de plantas catarinenses, hoje com sede na cidade de Itajaí, no litoral norte catarinense. Foi Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1971 a 1975 e Diretor da Fundação do Meio Ambiente (FATMA) de Santa Catarina, de 1976 a 1983. É membro da Academia Catarinense de Letras, patrono da cadeira nº 4 da Academia Itajaiense de Letras e da cadeira nº 35 da Academia Itapemorense de Letras.

Considerado como o patrono dos ecologistas de Santa Catarina, possui uma notável obra:

- Paróquia de Sombrio, 1948;
- Frutos da Imigração: História e genealogia da família; lista de imigrantes, viagens, 1963;
- Flora Ilustrada Catarinense, 1965;

- Humiriáceas (co-autoria com R.M. Klein) 1972;
- Trigoniáceas (co-autoria com R.M. Klein) 1973;
- Nictagineáceas (co-autoria com A. Bresolin e R.M Klein) 1973
- Madeiras do Brasil (co-autoria com A. Reis e R.M. Klein) 1979;
- Restauração da fauna desaparecida na baixada Maciambu, Editora FATMA, 1982; Alto Biguaçu: Narrativa cultural tetraracial, Florianópolis: Lunardelli e Editora da UFSC, 1988;
- Santa Bárbara - Primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina. Florianópolis, Editora UFSC, 1991.

Sem dúvida alguma o Padre Raulino Reitz foi uma das maiores figuras botânicas do Brasil e do mundo. Escritor e religioso foi incansável no campo das pesquisas de plantas do Estado de Santa Catarina, destacando-se nas ciências pelo seu vontade inquebrantável em reunir em compêndios a história da botânica catarinense, como organizar e administrar o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e a Fundação do Meio Ambiente FATMA de Santa Catarina.

Sua capacidade de trabalho e competência sem igual no tratado com as coisas relacionadas à botânica, foi de tal ordem que seu amigo, também botânico e de renome mundial Lyman Bradford Smith, afirmou que o Padre Raulino Reitz foi o maior botânico no século XX.

Devemos dar crédito, quando se trata de escrever sobre o Padre Raulino Reitz, ao escritor e pesquisador Aloisius Carlos Lauth, que se dedica a lembrar a memória e o legado de Raulino Reitz.

Raulino Reitz nasceu em 19 de setembro de 1919, em Alto Biguaçu, hoje o município de Antônio Carlos, na Grande Florianópolis. Seus pais eram Nicolau Adão e Ana Vilvert Reitz e que viviam da agricultura e pecuária. Casal que teve 9 (nove) filhos, dos quais três se formaram no sacerdócio: João, Afonso e Raulino. Filho de imigrantes alemães.

Nos idos de 1932 quando Raulino tinha 13 anos, seu irmão mais velho o influenciou a ingressar no Seminário Azambuja na cidade de Brusque (SC). Em 1936, segundo dados colhidos junto ao site O Município, a Reitoria do Seminário Azambuja tentou transformar o sexto ano ginásial em um novo curso de Filosofia, com a presença de João Reitz, que acabara de se formar na Universidade Gregoriana de Roma, na Itália.

Como a Igreja Católica não reconheceu o curso, o mesmo foi encerrado, sendo que os seminaristas, entre eles Raulino Reitz, foram transferidos para o Seminário Central de São Leopoldo (RS).

Naquela época o Seminário Central de São Leopoldo já era conhecido pela sua disciplina, rigor e moralidade. Exatamente por esta formação o Padre Raulino Reitz tornou a sua personalidade como um botânico “sistemático e muito organizado”. E é exatamente o que se percebe na constância e métodos rigorosos nas pesquisas realizadas e na organização de um dos mais fantásticos trabalhos de catalogar espécies de plantas nativas.

Uma outra fase de sua vida convém destacar: como soldado Reitz.

Em 1939, quando iniciou a II Grande Guerra Mundial, o então Presidente da República, Getúlio Vargas, determinou a mobilização das tropas nacionais. O Seminário Central de São Leopoldo, a exemplo de outras instituições, foi transformado em Escola Militar, como contribuição do esforço de guerra.

Raulino Reitz foi alistado no posto de soldado raso. O seminarista Raulino passou a integrar as forças do Exército brasileiro, recebeu treinamento militar e armamento.

Todavia, Raulino Reitz não foi selecionado para ir lutar nos campos de batalha na Europa, especificamente na Itália.

Em 1940, ingressou no curso de Teologia, já demonstrando inicialmente seu interesse em coletar plantas para chás e remédios que eram entregues no Presídio de Porto Alegre.

Desenhava-se ali, a sua vocação para o trato com plantas, além das práticas religiosas.

Em 1943, a 5 de setembro, foi ordenado padre. Ressalte-se que, ainda como seminarista, tinha fundado um pequeno herbário particular.

Logo após a ordenação passou a trabalhar no sul do Estado de Santa Catarina. A Arquidiocese designou o Padre Raulino Reitz para em algumas Paróquias, até que em 1947, foi enviado para o Seminário Azambuja, na qualidade de professor.

Ao que parece, o mundo em que vivia passou a ser pequeno para o espírito criativo e empreendedor do Padre Raulino Reitz. O interesse pela Ecologia era deveras acentuado em sua vida profissional. Os estudiosos atribuem essa condição a uma “carga genética”, pois o avô do Padre Raulino, de nome Johann Adam Reitz foi o responsável anos antes por introduzir a técnica do reflorestamento com ingazeiros em áreas degradadas no município de Biguaçu, e, ainda, nas colônias agrícolas de Luiz Alves, Vidal Ramos e Ituporanga.

Assim que, em 1955, demandou para a cidade de Ames, Estado de Iowa (EUA), para estudar na Universidade Estadual de Iowa, com o objetivo de se especializar em botânica. O Padre Raulino Reitz, nessa Universidade, estudou tecnologia de madeira e microtécnica botânica. O financiamento para esses estudos correram à conta da Fundação Memorial John Simon Guggenheim.

Nessa época, em solo norte americano, o Padre Raulino Reitz fez estágio no US National Herbarium e no Smithsonian Institution.

E nesse local, exatamente ali, conheceu Lyman Bradford Smith, o que veio a impulsionar ainda mais sua vocação para a botânica.

Aloisius Carlos Lauth, apontado com o principal pesquisador e entusiasta quanto ao legado do Padre Raulino Reitz, afirma que os estudos praticados pelo padre nos Estados Unidos, proporcionou ao mesmo, uma nova visão e muitas ideias para o desenvolvimento da botânica catarinense e brasileira, até pelas técnicas que veio a aprender.

A contribuição do Padre Raulino Reitz para a ciência da botânica de Santa Catarina e do Brasil é inestimável, extraordinária. Os estudiosos e pesquisadores apontam que as décadas de 1950 e 1980 foram fecundas e criativas. O Padre Raulino, incansável como sempre, organizou centenas de expedições pelo Estado, catalogando, reunindo, desenhando plantas. Sobre o assunto, publicou excelentes artigos, auxiliando não apenas na consecução de uma extraordinária obra, mas incentivando a que outros participem e se interessem pelos estudos. Esse formidável acervo é fonte de referência nacional e internacional.

Como prova de abnegação e generosidade, o Padre Raulino Reitz investiu de seu próprio salário de professor na causa que sempre acreditou.

Em 1961, o Padre Raulino Reitz adquiriu da família Buettner, de Brusque, as terras de Ilhota. Buscou empréstimo junto ao Banco Inco. Relatos indicam que ficou sem dinheiro por dois anos e meio. Na propriedade instalou o Parque Botânico Morro do Baú, contribuindo com significativa parcela de preservação da Mata Atlântica.

Assim era o Padre Raulino Reitz.

Em 1976, procurando seguir na ordem cronológica, o Padre Raulino Reitz fundou o Instituto do Meio Ambiente, o FATMA, a pedido do então Governador Antonio Carlos Konder Reis. Esse fato demonstra o prestígio do Padre Raulino Reitz, e sua renomada competência.

E seguindo nessa senda virtuosa de feitos administrativos, o Padre Raulino Reitz promoveu a implantação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro – a maior unidade de conservação brasileira de proteção integral à natureza, e que abrange os municípios de Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí e Paulo Lopes; Baixada do Maciambu – reserva de recursos naturais, localizada ao sul do município de Palhoça (SC); Parque Estadual da Serra Furada, localizada nos municípios de Orleans e Grão-Pará; Reserva Biológica Estadual Canela Preta, localizada nos municípios de Botuverá e Nova Trento, bacias hidrográficas dos rios Itajaí-açu e Tijucas; Reserva Biológica Estadual do Aguaí – nos contrafortes da Serra Geral, de 200 m à 1470 m que abrange os municípios de Morro Grande, Nova Veneza, Siderópolis e Treviso, região de cânions, criada em 1º de julho de 1983, pelo Decreto nº 19.635, área de 7.672 há; Estação Ecológica de Carijós, em Florianópolis, criada pelo Decreto n. 94.656, de 20 de julho de 1987, área de 619 há; Corredor Ecológico Timbó, no município de Timbó Grande e mais os municípios de Bela Vista do Toldo, Caçador, Calmon, Canoinhas, Irineópolis, Lebon Régis, Major Vieira, Matos Costa, Porto União, Santa Cecília, criado pelo Decreto Estadual n. 2.956/2010, Planalto Norte, com 4.900 km²; e da Baía da Babitonga, que abrange os municípios de Itapoá, Garuva, Joinville, Araquari, Balneário Barra do Sul e São Francisco do Sul.

Tendo conhecido o modelo americano de terras protegidas, o Padre Raulino Reitz redigiu um capítulo sobre as áreas de proteção especial e das zonas de reserva ambiental no Decreto Estadual nº 14.250, a primeira Normativa de controle sobre o meio ambiente no



estado de Santa Catarina.

Como se o tempo fosse largo, ainda sobrava tempo para o Padre Raulino Reitz estudar o universo, percorrendo estrelas, estudando as fases da Lua e as andanças dos cometas, como o Halley. Determinado. Infatigável.

Em 1990, o Padre Raulino Reitz, juntamente com seu amigo e sócio Roberto Miguel Klein, foi homenageado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), na cidade do México, no mês de junho.

Em 19 de novembro de 1990, o Padre Raulino Reitz foi homenageado na Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí (SC). Dia de muito calor, pouco vento, nada de brisa oceânica. Auditório da Câmara de Vereadores completamente lotado.

Pelo relato do pesquisador e escritor Lauth, vários Vereadores usaram da palavra. O Padre Raulino Reitz, visivelmente debilitado, pediu para falar sentado, a fim de agradecer as homenagens. Ao retornar ao seu lugar à mesa, caiu no colo do Presidente dos trabalhos, que ainda tentou erguê-lo, porém, sem sucesso. O silêncio se fez no plenário. Relatos de que o Padre esboçou um sorriso. De fato, acreditamos que tenha sido um sorriso não apenas pela satisfação de receber homenagens, mas pela sensação do dever e da missão devidamente cumpridos. Os médicos Mauro Machado e Volnei Morastoni tentaram socorrê-lo.

Antes disso, em 1985, Padre Raulino Reitz havia passado por uma cirurgia de coração, com implante de safena e duas mamárias, no Instituto do Coração de São Paulo. Em 1989, sofreu um pré-infarto.

Após o episódio na Câmara de Vereadores de Itajaí, o Padre Raulino Reitz foi levado para o Hospital Marieta Konder Bornhausen e internado na UTI, onde foi entubado. Relatos dão ciência de que o Padre já havia falecido no próprio recinto da Câmara Municipal de Vereadores. Porém, diante da importância de pessoas tão ilustres é necessário intentar uma derradeira possibilidade de reanimar quem já se supunha inanimado.

As homenagens prestadas ao Padre Raulino Reitz na Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí significou sua última apresentação em público, tendo ali mesmo, dado seu último suspiro.

O Padre Francisco DCE Assis Wloch, que foi reitor do Seminário de Azambuja, foi ao Hospital dar a Unção dos Enfermos ao Padre Raulino Raitz. Ele mesmo contou que ministrou o Sacramento dos Doentes, mas testemunhou que seu colega não tinha mais qualquer reação.

Esse mesmo Padre Francisco foi aluno do Padre Raulino Reitz e conta que era um homem simples e humilde, mas de profunda sabedoria. Nunca se auto promoveu. Encerro esse texto, com as palavras transcritas do Padre Francisco de Assis Wloch, com as minhas homenagens a tão extraordinária figura humana, excepcional cientista nas artes botânicas, no acendrado amor à natureza, pela disciplina e vontade férreas e pela imensa capacidade administrativa e, ainda, senso apurado de organização. Sua obra dizia tudo:

“Evangelizar não é só levar a pessoa a rezar, a oração tem que me conduzir a vida, ação e transformação.

Por isso digo que o Padre Raulino foi, nessa ótica, um padre no verdadeiro sentido da palavra, porque a ação dele foi em benefício da sociedade, da transformação, da conservação, da preservação da natureza e da memória histórica”.

O Padre Raulino Raitz morreu, oficialmente, na manhã do dia 20 de novembro de 1990.



Fontes de consulta: Wikipédia, O Município

Educação e a nova ordem mundial

Por Magnus Francisco Antunes Guimarães

Não se deve combater o ignorante e sim a ignorância.

Isso se faz com educação sólida abrindo espaço para os jovens perguntarem.

Educação é a busca do conhecimento e da transformação da realidade, pela vontade do homem.

A educação deve fazer com que o homem oprimido reflita sobre sua relação com o opressor.

Educação é o instrumento de mudança e justiça social.

O combate hoje pela educação é muito mais difícil do que antigamente, e me refiro apenas ao século XX. O advento da tecnologia de informação, ao acelerar a notícia e a compreensão dos fatos sociais, torna a Educação irreconhecível.

Ora, os dados cadastrais, além de serem condensados em poder de poderosas empresas, estão sendo haqueados, ou a serviço de interesses não bem definidos e identificados, o que atentam contra os direitos fundamentais do cidadão, corroendo tratados e normas internacionais. Não sabemos a quem prestam serviço determinados governos, diante do assombroso envolvimento das máquinas no nosso comportamental, pela tecnologia científica e conhecimento tecnológico.

Nota-se, visivelmente, significativo assédio à Educação de interesses privados, os quais passaram a ser constantes nas escolas e nas salas de aula.

Que tipo de geração de crianças e jovens se está formando? Estamos efetivamente fazendo desenvolver entre os saberes, o senso crítico, as reflexões, sobre o ser e o ter? As perguntas para onde vamos ou para onde devemos ir como seres humanos, ao que parece, foram substituídas por: para onde querem que vamos?

Quando a Educação ensina abordagem de submissão às máquinas, seguramente nossas crianças e jovens perderão o livre arbítrio, essência da humanidade junto com a curiosidade. Quando impossibilitarmos às gerações jovens de perguntar, como estímulo à curiosidade que moveu os traços mais longínquos da nossa ancestralidade, acaso não nos é imposta a dependência deletéria do espírito humano, diante a máquina?

Os conceitos erigidos pela globalização aumentaram o dano, pelo que não mais podemos negar que não sentiremos esse efeito.

Se os tempos atuais são difíceis para a Educação, o que é inquestionável, como será o gravame maior com o advento da mecânica quântica quando a informação correrá pelo espaço na velocidade da luz? Mais ainda, se tivermos, além de um mesmo modelo econômico, tivermos uma única governança no mundo conhecido?

Então, e somente lá adiante, é que compreenderemos o estrago feito na década de 2020 a 2030, quando gerações inteiras perderam a capacidade de raciocinar, de refletir, de escolher.

Nossa herança cultural, política e econômica é o colonialismo.

Nos anos de Império as elites estudavam nas universidades europeias em Portugal e na França. Hoje, estudam em Universidades Públicas, ou mestrados e pós graduações em Universidades norte americanas. O pobre se quiser, que estude nas Universidades Privadas, cujos governos os alimentam com bolsas, ou cotas, como símbolo de servilismo e chantagem, além da comprovação cabal de discriminação racial.

Nos tempos atuais, e como sempre, os Impérios crescem, se desenvolvem, para depois entrar em declínio. Porém, os EEUU não se conformam com o crescimento de outras nações como a China, a Indonésia, a própria Rússia, o Brasil, a Índia, a África do Sul. Não quer repartir o domínio do mundo. E vai lutar até o fim. Uma nova ordem econômica já está vigorando no planeta. Várias nações cresceram em prestígio, em governança, em poder econômico, com uma educação compatível com a evolução da tecnologia de ponta e do conhecimento humano. Portanto, querem seus espaços para desenvolver seus negócios e mostrar ao mundo um conhecimento diferente do cultuado no Ocidente, posto que com a experiência milenar de civilizações antigas.

Países considerados desenvolvidos, cresceram com base numa indústria forte e sólida educação, alimentando padrões de conhecimento muito mais voltados para o ser do que para o ter, este último, um símbolo de submissão ao consumismo desenfreado e ilógico. Devemos crer que no planeta com 8 bilhões de humanos, haja espaço para todos comerciar seus produtos, sem necessidade de guerras. O crescimento econômico até agora não se justificou diante do crescimento da pobreza e da miséria. O regime vigente gerou tão somente isso: pobreza e desigualdade.

Lamentavelmente, onde mais se deveria haver investimento, os povos da Região Sul do Planeta ficam desprovidos da maior ferramenta de que deveria dispor a humanidade: a educação, nos

conceitos da Ética e da Filosofia.

As sanções impostas pelos EEUU às demais nações, tomando-lhes suas reservas, sua moeda, e o direito de comerciarem livremente, nada mais representa do que os estertores de uma hegemonia em queda livre., frutos de uma educação desvirtuada em favor de conceitos hegemônicos, autoritários e colonialistas.

Enfim, e ao que parece, os povos latino americanos, e os povos africanos poderão ser livres desses dantescos estigmas de fome e doenças, de vassalagem e escravidão, e falta de educação a que fomos submetidos por décadas. Desde, é claro, que assumam a nova ordem mundial esteiada no multilateralismo, pelo que todas as nações serão iguais e poderão além de trocar informações sobre os melhores métodos educacionais para os seus nacionais, poderão negociar seus produtos nas suas próprias moedas.

Basta de termos uma educação medíocre e servil que embota o espírito e a alma da juventude nacional.



S O B R E O A C A D É M I C O

Magnus Francisco Antunes Guimarães é um advogado com mais de 250 defesas em Tribunais do Júri no RS, MS, RO, SC e no Distrito Federal. Político e escritor; estudou na E M Ruy Barbosa, em Ijuí (RS), E M Visconde de Cairú, Santa Rosa (RS), Ginásio Estadual Pio XII (Cardeal Pacelli) Três de Maio (RS), Colégio Evangélico Augusto Pestana, em Ijuí (RS); Faculdade de Direito de Passo Fundo (RS); Professor no Ginásio Estadual Cardeal Pacelli e no CNEG; Deputado Federal (RS), com dois mandatos (1974/78 e 1978/82), Prefeito Municipal Itapema (SC), de 1997 a 2000; Vereador de Itapema (SC), entre 2012 e 2016 e também em 2018; Assessor Legislativo na Assembleia Legislativa, Porto Velho (RO); Presidente da Estatal Cia de Mineração de Rondônia, Porto Velho (RO); Secretário de Planejamento, Três de Maio (RS); Assessor Jurídico Prefeituras Municipais de Santa Rosa, Três de Maio, Independência e Horizontina, todas no Rio Grande do Sul; Assessor Jurídico e Diretor de Planejamento, Secretaria Municipal de Educação Prefeitura Itapema (SC).

S I G A O A U T O R



[magnus_guimaraes](https://www.instagram.com/magnus_guimaraes)





CADEIRA N° 38



Eduardo Barbosa

Homenagem ao Patrono



Imagen gerada pela IA

A vida é como um labirinto de incontáveis túneis que nos levam ao desconhecido. Para percorrer os corredores deste labirinto em busca de seu sonho, é preciso ser detentor de verdadeira força de vontade e ter coragem suficiente para chegar vencedor ao final deste rebuscado emaranhado de caminhos que é a vida. É preciso também derrotar um Minotauro por dia, e mesmo assim seguir sempre em frente.

Victor Meirelles, patrono da cadeira número 38 da **Academia Itapemense de Letras**, cruzou o labirinto da vida de forma prodigiosa. Fez absolutamente tudo o que estava ao seu alcance para se tornar um dos maiores pintores do mundo. Teve dificuldades financeiras, mas não desistiu. Teve força, persistência e galgou o patamar da imortalidade na belíssima história da arte humana.

Victor Meirelles de Lima nasceu em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, em 18 de agosto de

1832, filho do imigrante português Antônio Meirelles de Lima e da brasileira Maria da Conceição.

Desde muito jovem, Meirelles demonstrou notável habilidade para o desenho. Tal talento chamou a atenção do conselheiro do Império Jerônimo Francisco Coelho que, em 1847, o levou para o Rio de Janeiro onde o matriculou na Academia Imperial de Belas Artes.

Poucos anos depois, em 1852, Meirelles pintou o magnífico quadro “São João Batista no Cárcere”, que lhe rendeu como prêmio uma bolsa de estudos na Europa, onde teve a oportunidade de estudar pintura na École Supérieure des Beaux-Arts.

Para aprimorar sua arte ele passou por Roma, Florença, Paris e outras tantas cidades do velho continente, trocando de mestre por diversas vezes e estudando muito por conta própria.

Sua obra está profundamente ligada ao projeto de construção da identidade nacional durante o Império, especialmente sob o reinado de Dom Pedro II (1840 a 1889). Sua obra de maior destaque: “A Primeira Missa do Brasil”, figura em quase todos os livros de história brasileiros. Sendo uma das obras mais emblemáticas da pintura brasileira.

“A Primeira Missa do Brasil” representa o primeiro contato entre colonizadores portugueses e povos indígenas. A obra busca uma representação idealizada e harmoniosa desse encontro, o que revela sua adesão à visão romântica da história nacional. A cena retratada por Meirelles é absolutamente monumental, simétrica e cuidadosamente composta, com forte apelo didático e simbólico.

Pintou também o heroísmo brasileiro nas obras “Combate Naval de Riachuelo” e na “Batalha de Guararapes”. Essas pinturas são marcadas por composição grandiosa, com vários personagens em

movimentação dramática. A cena passa, com notável sucesso, a sensação de estarmos contemplando heróis épicos, com a finalidade de reforçar o prestígio do papel das forças armadas na formação da nação.

Meirelles também retratou, com suavidade e precisão, temas religiosos e notáveis paisagens do Brasil. Seu estilo é característico da pintura acadêmica, com domínio técnico rigoroso, composição equilibrada, iluminação clássica e a idealização minuciosa das figuras. As influências neoclássicas e românticas são visíveis, especialmente nas expressões das personagens e no uso simbólico da paisagem.

Victor Meirelles teve papel fundamental não apenas como artista, mas também como professor da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), no Rio de Janeiro. Após seu retorno da Europa em 1861, já consagrado pela aclamação de sua obra “A Primeira Missa no Brasil”, Meirelles foi nomeado para o cargo de professor de pintura histórica da AIBA, uma das mais prestigiadas cadeiras da instituição. Posto que era altamente simbólico, pois a pintura histórica era considerada o ápice das artes visuais acadêmicas — destinada a representar episódios grandiosos e nobres da história nacional ou mitológica.

Como professor, Meirelles seguia os preceitos da tradição acadêmica europeia, que valorizava o desenho como base da arte, o estudo da anatomia humana e da perspectiva, a inspiração em modelos de arte clássica e a pintura com composição narrativa e rigor técnico. Seus alunos eram preparados para participar dos Salões de Belas Artes e para seguir a trajetória que ele próprio trilhara, valorizando a excelência técnica e a fidelidade à tradição histórica e artística ocidental.

Sua atuação como professor ajudou a consolidar um modelo de

ensino artístico estatal e estruturado no Brasil, criando uma linhagem de artistas academicistas que dominaram o cenário artístico nacional até o início do século XX. Ele foi também um exemplo de dedicação à arte como ofício e missão pública, valorizando o papel do artista como educador, historiador visual e cidadão.

Com a Proclamação da República, em 1889, Meirelles foi demitido do cargo de professor e foi estigmatizado pela alcunha de “Pintor da Monarquia”. O prestígio que ele havia conquistado foi consumido pelo novo “sentimento republicano” que se apossou da sociedade brasileira. Sua obra foi duramente criticada até o século XX, especialmente com a Semana de Arte Moderna (1922), quando sua arte foi rejeitada por seu caráter acadêmico e conservador.

No final de sua vida, marginalizado e sem trabalho, Meirelles passou por duras dificuldades financeiras. O artista faleceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1903. Deixando um extraordinário acervo de minuciosos esboços, estudos em papel e óleos sobre tela.

Nas últimas décadas do século XX, houve uma reavaliação da importância de Victor Meirelles como criador de um imaginário visual da nação, e como artista tecnicamente sofisticado, cujo trabalho reflete as visões políticas e culturais do século XIX.

Suas pinturas estão tão implícitas na história do país que chegamos a confundi-las com fotos reais tiradas daqueles momentos gloriosos. Sua obra é revivida todos os dias, sempre que um estudante abre um livro de história do Brasil, pois é absolutamente impossível visualizarmos algumas das mais importantes cenas da história do país, de um jeito diferente do que Meirelles imaginou.



Reflexões sobre a Academia Itapemense de Letras

Por Eduardo Barbosa

Eu era apenas um rapaz de 20 e poucos anos quando, em 2006, tive a grata surpresa de ser convidado a fazer parte do seletí grupo de escritores da Academia Itapemense de Letras (AIL). “Quem sou eu para receber esse convite?”, era a dúvida que eu tinha. Ao que Maria de Lourdes Cardoso Mallmann, a Dona Mariazinha, me respondeu: “Você é mais do que digno de estar entre nós”. Na época eu já havia participado de algumas coletâneas de contos, publicava algumas charges “malcriadas” e de “humor duvidoso” em alguns jornais, assim como as tiras do “Seu Felício”, que era um estereótipo da profissão de corretor de imóveis em Itapema. Contudo, meu foco principal era a música.

Sim... A música alimentava meus sonhos de grandeza e me fazia viajar pela fantasia de que: “Um dia minhas composições serão reconhecidas e alcançarei fama e fortuna”. Certamente eu estava errado, pois efetivamente eu não tinha a mesma capacidade genial de composição musical de “MC Pipokinha” ou de “Manoel Carlos da Caneta Azul”, entre tantos exemplos de grandes mestres da música contemporânea brasileira. Contudo, em 2006 eu sofria de tal ilusão e achava que teria uma chance nesse universo de mentes brilhantes. Ironias à parte, continuo meu relato.

Em 2003 eu havia gravado com a banda Aishajambo o CD “Fruto da vida”, que fez relativo sucesso e rendeu efêmera fama estadual, que reverberou até 2008 quando a banda se desfez.

Desta forma, pelas mãos de Dona Mariazinha, entreguei minha

inscrição para a Academia. Agremiação de pessoas notáveis no município de Itapema. Pode-se imaginar como me sentia mais do que honrado com a chance de conviver com essas pessoas. De poder conversar com elas e aprender, e evoluir, e melhorar.

Alguns membros da AIL já me eram familiares, como o então prefeito de Itapema Sabino Bussanello e o ex-prefeito Magnus Guimarães – mestre da retórica, que eu havia tido o prazer de entrevistar anos antes para um trabalho acadêmico. Também o notável jornalista André Gobbo, meu ex-chefe no “Jornal Independente”, que sempre me surpreendeu com seus textos eloquentes e corajosos. Havia também a empresária e colunista Marilê Dinon, com seu slogan “Leia mais, leia”. O imponente Deolir Machado, dono do Jornal Atlântico, que era o principal jornal da cidade. Além, é claro, da fabulosa escritora Maria de Lourdes Mallmann, com quem eu tinha contato quase que diário, e que me fez o convite para integrar a Academia.

O dia de minha posse foi fabuloso. O sentimento de euforia corria em minhas veias e me fazia corar ao contemplar as pessoas da plateia. Algo difícil de acontecer para alguém acostumado a fazer shows em casas noturnas lotadas. Mas lá estava eu, trêmulo, nervoso e enrubesido. Estava me tornando membro da Academia Itapemense de Letras, ocupando a cadeira número 38, do patrono Victor Meirelles.

Hoje percebo como a escolha de meu patrono foi precisa: Victor Meirelles, o grande pintor da arte clássica brasileira. Como eu disse anteriormente, naqueles anos o sonho da carreira musical me embalava, mas o meu amor pela arte clássica foi mais forte e prevaleceu na escolha do patrono. Posso concluir que fui certeiro, já que me identifico com Meirelles em diversos sentidos e devo à arte clássica tudo o que conquistei nos últimos anos.

Por volta de 2010, a “tendência” de edifícios com arquitetura
Antologia Literária. VOL. II

inspirada no estilo neoclássico tomou conta da região, em especial da cidade de Itapema. Os escritórios de engenharia e arquitetura se viram em apuros, pois não havia desenhistas que criassem os designs para as fachadas de seus projetos. Projetar linhas, ângulos e estruturas é diferente de desenhar linhas harmônicas das formas clássicas.

Certa vez, estava eu em um escritório de arquitetura para apresentar um logotipo para um edifício, quando ouvi os arquitetos e engenheiros comentando da dificuldade na aprovação de uma fachada para um grande cliente, cujo nível de exigência era altíssimo. Aproximei-me e sobre a mesa havia um esboço de projeto. Observei por alguns instantes e comentei despretensiosamente: “as colunas são de Ordem Dórica e as molduras são de Ordem Jônica, elas não combinam”. Fez-se silêncio. O responsável pelo projeto, um tanto desconfiado, disse: “Tem alguma sugestão para resolver o problema da fachada?”, ao que respondi: “Sim”. Apanhando a lapiseira pentel, que estava sobre a mesa, eu desenhei o esboço da fachada seguindo as normas da Ordem Dórica. O cliente aprovou. Desde então vivo dos desenhos de fachada e minha empresa atende empreendimentos de todo o Brasil. Meu patrono Victor Meirelles era profundo conhecedor da arte clássica e defendia o rigor técnico com que se deve tratá-la. Aprendi com ele a lição.

Ainda em 2006, após ingressar na Academia Itapemirense de Letras, tive o prazer de conhecer outro profundo admirador das artes: Pedro de Quadros Du Bois, com quem tive uma afinidade imediata, amizade que se estendeu para sua esposa Tânia Du Bois, pessoa extremamente letrada, magnificamente simpática, escritora talentosa e inteligentemente crítica.

O apartamento de Pedro Du Bois era repleto de quadros. Em qualquer espaço disponível havia uma obra de arte e livros, muitos livros. Era simplesmente fascinante. O casal Du Bois sempre recebia

minha esposa, minha filha e eu de braços abertos.

Pedro Du Bois foi efetivamente meu professor, tanto nas artes – ensinando sobre como avaliar as técnicas de grandes artistas – como na escrita. Du Bois era efetivamente uma máquina de criatividade, esbanjando técnica e esmero em tudo o que escrevia. Ensinou-me seu estilo de poesia versátil e vivo, que fazia com que seus textos pudessem ser lidos e compreendidos de formas ambíguas; que mudavam de acordo com o estado de espírito do leitor e que davam margem para interpretações equivalentes ao nível intelectual de cada indivíduo. Os versos de Pedro para alguns não diziam nada, para outros diziam tudo e para ele... Bem... A interpretação original do sentido de seus versos permanece um mistério.

Tive a honra de ilustrar o livro de poesias “Via Rápida” de Pedro Du Bois (que merece uma reedição) e também prefaciei outros de seus livros.

Pedro e Tânia Du Bois partiram juntos durante a pandemia de COVID, deixando centenas de livros escritos (sim, centenas), além de textos esparsos, artigos, crônicas, contos e muitas saudades.

A Academia Itapemirense de Letras completa 25 anos e já fazem 19 anos desde que fui recebido por esta agremiação fabulosa, podendo afirmar que aprendi muito com diversas pessoas especiais, como Ofélia Terezinha Baldan, a afetuosa acadêmica de quem tive o prazer de ser editor no jornal “Correio do Município”.

Ela me brindava semanalmente com sua coluna de “Dicas da Vovó Ofélia”, repleta de sabedoria e bons conselhos. Também devo mencionar meu parceiro de curso de “Revisão Textual” na FURB, a quem posso chamar carinhosamente de irmão Ivo Gomes, que me ensinou a ver a vida com mais leveza e humor, com seus versos repletos de sentimentos de pureza, mas com significados elevados de consciência.

Gostaria de mencionar neste texto outros nomes, mas fica difícil prestar homenagem a todos os confrades que compõe esta augusta academia. Só resta afirmar que estou em débito com esta “pós-graduação intelectual” que tive acesso ao ingressar na AIL. Hoje aos 45 anos, como homem maduro, só posso agradecer a cada acadêmico pelo suporte e bagagem que foram compartilhados comigo. Sinto-me feliz por ocupar a cadeira de número 38 e só posso encerrar este texto com um sincero: “Muito Obrigado!”



PASSION NOIR

Por Eduardo Barbosa

a noite toca-me lentamente
com dedos úmbrios

quero
enfim descansar inocente
nos lençóis do devanear

abraça-me noite
não te irrites em pesadelo
embala-me em marfim de mamute
e acompanha-me deitada no pêlo farto
não há lugar melhor
para contemplar as estrelas
e chamar de Maria

cada luz do cinto do herói
as horas passam em Chopin
em tique-taques
cromatismos
e sentimentos

é Selene cantábile
traduzida aos ouvidos
da língua silêncio
sinfonia finita no cintilar da Vênus

assim teu seio desvanece
e ficas clara
muda teu nome de Layla para Aurora
(continuas bela)
e serás menina, moça e mulher
até o crepúsculo



S O B R E O A C A D É M I C O

Eduardo Barbosa é um apaixonado pela arte em todas as suas expressões. Foi vocalista da banda Aishajambo, trabalhou como editor jornalístico, cartunista e desenhista, designer de interiores e projetista.

Hoje é diretor do Blue King Studio, onde é responsável pelo design de fachadas de centenas de edifícios em Itapema e em diversas cidades do Brasil.

Eduardo tem 45 anos, é casado com Fabiana, pai de Layla Vitória e Luna Chiara.

É membro da Academia Itapemense de Letras desde 2006, ocupando a cadeira de número 38, que homenageia o pintor Victor Meirelles.

S I G A O A U T O R



@eduardobarbossa





HOMENAGENS PÓSTUMAS

Sessões da Saudade

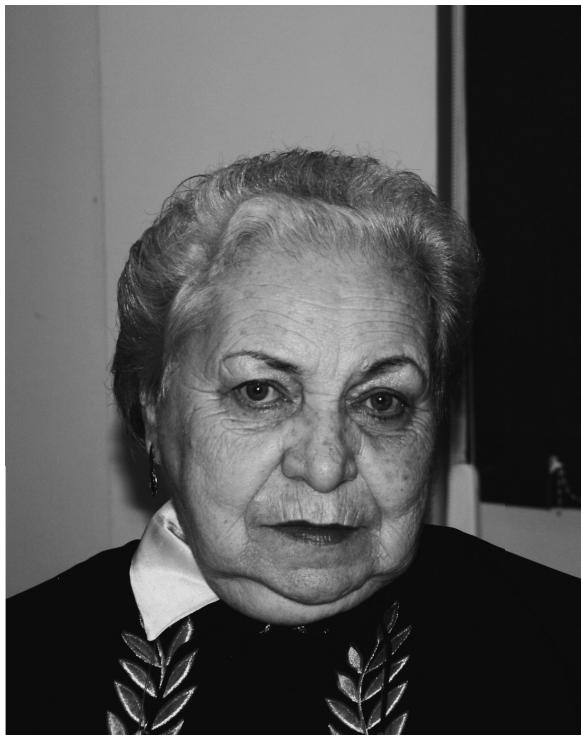
2023 - 2025

Celebramos não apenas a criação artística dos membros que hoje emprestam seu talento a esta obra, mas também honramos a memória daqueles que, já não estando entre nós, deixaram um legado indelével na história da literatura itapemense. Seus escritos continuam a inspirar e a iluminar o caminho daqueles que se dedicam às letras.





CADEIRA N° 05



Ofélia Terezinha Baldan

* 15/01/1934

+ 08/05/2023

CERIMONIAL DA SESSÃO DA SAUDADE

Itapema (SC), 18 de março de 2025

Presidente da Mesa: André Gobbo

I. ABERTURA OFICIAL

Senhoras e senhores, boa noite,

É com um misto de emoção e reverência que damos início à Sessão da Saudade, uma cerimônia carregada de significado e de profunda importância para a Academia Itapemense de Letras. Como presidente dessa venerável instituição, é meu dever e minha honra abrir esta sessão em homenagem à nossa querida membro fundadora, Ofélia Terezinha Baldan, cuja memória nos enche de orgulho e nostalgia.

Ofélia Baldan foi mais do que uma acadêmica; ela foi uma guardiã das palavras, uma entusiasta da cultura e uma inspiração para todos nós. Sua dedicação à literatura e às artes deixou um legado indelével, e hoje, reunimos-nos para celebrar sua vida e sua contribuição inestimável à nossa academia, cujo patrono, Carlos Gomes, certamente a acolheu com melodias celestiais em seu eterno concerto.

Esta sessão é um momento de reflexão e de celebração da imortalidade que as letras proporcionam. É bom lembrar que os acadêmicos que nos deixaram, entre eles nossa estimada Ofélia, não se foram verdadeiramente; eles vivem através de suas obras, de seus ensinamentos e do impacto que tiveram em cada um de nós e na comunidade itapemense como um todo.

A Sessão da Saudade é, portanto, uma celebração da continuidade do espírito literário e cultural que esses acadêmicos ajudaram a construir. É um ato de lembrança, mas também de renovação do nosso compromisso de manter vivas as chamas do conhecimento e da criatividade que eles tanto honraram.

Convido a todos a se unirem neste momento de homenagem, para que possamos, juntos, relembrar os passos e os feitos de Ofélia Terezinha Baldan e de todos os nossos colegas que agora fazem parte do panteão de estrelas que iluminam nossa trajetória. Que suas histórias nos guie e fortaleça na missão de perpetuar a cultura e a literatura de nossa Itapema e região.

Desde já, agradeço a presença de todos e convido para que, em silêncio respeitoso ou em palavras carinhosas, celebremos a vida e a obra de Ofélia Baldan.

Que a saudade seja nossa ponte para o eterno, e que as letras sejam nosso refúgio e nossa voz.

Declaro, então, aberta a Sessão da Saudade.

II. LEITURA DA BIOGRAFIA

Convido a honorável acadêmica **Marileide Lonzetti** para apresentar a biografia da acadêmica Ofélia Terezinha Baldan, destacando suas contribuições literárias e culturais.

Boa noite! Convidados, confreiras, confrades, presidente. Falar da nossa querida Ofélia é mais que um privilégio, é uma alegria. Ofélia Teresinha Baldan, membro Fundador da Academia Itapemense de Letras, ocupou a cadeira número 05, tendo como patrono Carlos Gomes.

Nossa poetisa, que encantava a todos com suas belas poesias, nasceu no dia 15 de janeiro de 1934. Morou em Itapema e foi casada com seu Zé, que sempre a acompanhava nos eventos da Academia. O que mais impressionava em Ofélia, era sua memória, chegava a dar inveja de tanto talento pois com brilhantismo, declamava poemas que deixavam todos maravilhados.

Ofélia, sempre risonha, era muito querida e com sua generosidade, acolhia a todos. Muitos cafés foram tomados no seu aconchegante apartamento, decorado por ela com muito capricho e amor.

Gostava de receber os amigos e desfrutar de boa conversa, sempre mesclada de muitas poesias. Nesses encontros, apresentava sua coleção de Sapatinhos, e fazia questão de expor na sua linda cristaleira, exibia com orgulho cada sapato, que vinha acompanhado de uma história; história de afeto, de lembrança, de amizade.

Ofélia, dedicada em tudo o que fazia, transmitia amor e leveza, tornando os momentos agradáveis e únicos.

Ela era muito vaidosa, gostava de se arrumar, de colocar suas joias e ajeitava com orgulho seu cabelo matizado em tons cinza, que insistia em aparecer com o passar do tempo.

Além da paixão pela escrita, Ofélia amava declamar suas poesias nas escolas. As crianças e os adolescentes ficavam radiantes com sua atuação. Muitas entidades foram privilegiadas com seu talento, com aquilo que mais gostava de fazer.

Assim, Ofélia ia espalhando poesias para a vida. Nos inúmeros eventos, estava ela lá, abrillantando com sua voz impecável, cheia de emoções e reflexões. Ela também fez parte da Oficial Academia Tijuquense de Letras destacando-se por sua dedicação e responsabilidade com a entidade e participando dos eventos culturais do município.

Nem tudo é só alegria, veio também a tristeza, após seu companheiro Zé, como era carinhosamente chamado, ter partido. Ficaram muitos anos casados, foram muitos anos de cumplicidade. As lembranças de seu companheiro estavam sempre presentes. Ofélia começou a se sentir sozinha, pois não tinha mais a pessoa que estava sempre ao seu lado, lhe apoiando e ajudando em tudo que precisava.

O tempo passava e com ele a saudade e a solidão só aumentavam. Logo veio a decisão de mudar de cidade, de morar junto à sua família, em Londrina. E foi o que aconteceu. Nossa confreira estava saindo de Itapema para um recomeço de vida. Estava feliz pois ficaria perto de seus familiares. Precisava do aconchego de todos.

Mas, mesmo distante, não deixava de participar da Academia, enviava poesias e participava das reuniões on-line, quando era possível. Com o passar do tempo, sua saúde ficou fragilizada e ela acabou se afastando dos compromissos da AIL. Mantinha alguns contatos pelas redes sociais e sempre que podia, ligava para nos contar as novidades. Nesse período de fragilidade, Ofélia foi para o Centro de Apoio Geriátrico, em Londrina, onde se sentia querida e acolhida por todos que ali frequentavam.

Lá, o início de um sonho estava prestes a acontecer. Editar um livro com seus poemas e contos. Com muita determinação, seu sonho já não estava tão distante. Batalhou até conseguir torná-lo realidade. Em 2022, "Longe demais" foi seu primeiro livro de contos e poemas.

Quanta alegria, quanta emoção. Nós, da Academia, não conseguimos estar presentes no lançamento de seu livro, mas com certeza, em breve teremos um exemplar que deixará todos muito orgulhosos dessa mulher guerreira, determinada, que não media esforços para colocar em prática o que almejava.

Meses depois, com sua saúde bem debilitada e com muita tristeza, no dia 08 de maio de 2023, veio a falecer. Só ficamos sabendo de sua partida, no ano seguinte, na data de seu aniversário, em janeiro. A notícia abalou todos os membros da Academia. Nossa querida Ofélia havia partido.

Mas seu legado ficou e ela sempre será lembrada por todos como a Ofélia que declamava poesias maravilhosamente. Ofélia, obrigada por tudo. Obrigada pela sua amizade, pela sua dedicação, pelo seu envolvimento como escritora. Obrigada por enriquecer nossa cultura.

Encerro essa homenagem com belas palavras ditas por ela: "Na caminhada da vida, sempre vamos precisar de apoio para realizar nossos sonhos. E não há idade certa para fazer novas amizades, para experimentar novas sensações, para se emocionar com a arte." Saudades eterna, querida confreira. Muito obrigada.



III. HOMENAGENS ESPECIAIS

Neste momento abrimos espaço para que outros colegas, amigos ou familiares apresentem discursos ou depoimentos em memória da homenageada.

- Convido para fazer a sua homenagem, o honorável, presidente da Academia Tijuanense de Letras, **Tonni Lima**.

Boa noite.

Cumprimento o Presidente da Academia Itapemense de Letras, e demais membros e agradeço o convite para participar da Sessão de saudades, da escritora Ofélia Terezinha Baldan.

Ofélia que por alguns anos participou da Academia de Letras de Tijucas, vindo pedir seu desligamento do quadro de acadêmicos, por motivos de saúde, passando a fazer parte como patronesse da instituição.

Ofélia, era dotada de muita criatividade e originalidade em tudo que participava, onde chamava a atenção de todos, sempre em nossos momentos literários, fossem na sede da academia, ou em reuniões itinerantes, declamando seus versos, ou mesmo recitando oras de outros autores que faziam parte de seu repertório.

Mesmo morando em Itapema, sempre dava um jeitinho de participar dos eventos da academia de letras de Tijucas. Companheira, amiga e incentivadora de jovens admiradores das letras, e fazia questão de ajudá-los, aconselhando, mostrando o lado importante da literatura aos novatos.

Ofélia deixa grande saudades, e nós, agradecidos por termos feito parte de sua amizade e companhia. Muito obrigado.

- Convidado para fazer a sua homenagem, **Yasmim Skovronski**, amiga da Dona Ofélia.

Querida Dona Ofélia,

Hoje homenageamos a senhora.

Amiga e companheira de todas as pessoas que a cercavam, com aquele jeito doce e meigo de uma avó que quer acolher e ajudar.

Amava escrever e declamar suas poesias. E como fazia isso com maestria.

Aliás, amava não só a poesia, mas também o artesanato!

Mantinha uma linda coleção de sapatinhos de cerâmica. Adorava mostrá-los e explicar de onde tinham vindo.

Sempre foi muito ativa e cheia de vida. Participava das atividades dos escritores com muita disposição e afeto.

Hoje celebramos, com ternura, o seu legado. Ao mesmo tempo, sentimos imensas saudades da senhora.

Nos conforta saber que o céu está em festa por ter te recebido, uma pessoa cheia de amor e alegria.

É com carinho que presto essa homenagem à senhora.

A senhora que me chamava de “Minha menina”.

Sempre viverá em nossos corações! Continue nos iluminando e nos protegendo!

Com imenso carinho,

Yasmin.

IV. APRESENTAÇÕES CULTURAIS

Neste momento a Academia Itapemense de Letras presta uma homenagem à honorável acadêmica Ofélia, apresentando um vídeo que diz um pouco quem era essa mulher que nos deixa com saudade.

*Assista a homenagem escaneando
o QR Code ou acesse o nosso
Canal no Youtube*



O acadêmico **Haroldo Augusto Moreira** pediu a palavra para registrar que tinha atrasado com a reunião, mas o Pai Celestial quis que ele participasse do evento para conhecer a história de uma grande mulher nas palavras dos que lhe antecederam, desejando que Deus proteja e ilumine Ofélia no pleno espiritual.

V. ENCERRAMENTO:

Senhoras e senhores, honoráveis membros da Academia Itapemense de Letras,

Chegamos ao término desta Sessão da Saudade, um momento de profunda emoção e conexão com a essência de nossa academia. Agradeço imensamente à acadêmica Marileide Lonzetti pela leitura sensível e tocante da biografia de nossa inesquecível Ofélia Terezinha Baldan, bem como ao honorável Tonni Lima e à Yasmin, pelas homenagens. Suas palavras trouxeram à vida as muitas facetas de Ofélia, relembrando-nos de seu legado duradouro.

Hoje, reafirmamos nosso compromisso de preservar a memória de todos os nossos membros, cujas contribuições literárias e culturais ajudaram a moldar a identidade de nossa AIL. Conforme testemunhamos, a literatura é a eternização da alma humana, e nós, como guardiões dessa alma, nos comprometemos a manter vivas as obras e os valores que Ofélia e outros acadêmicos falecidos tanto honraram.

Com o coração repleto de gratidão e respeito, declaro agora vaga a cadeira número cinco da AIL, que foi honrosamente ocupada por Ofélia Terezinha Baldan. Este ato simboliza a continuidade de nossa jornada e o convite a um novo espírito que, em breve, integrará nossa casa, trazendo novas ideias e contribuições, enquanto cuidamos de manter a chama do passado acesa.

Na condição de presidente, encerro esta sessão com a certeza de que a saudade é um elo que nos une ao passado, mas também uma força que nos impulsiona a seguir adiante, inspirados pelos que nos deixaram um caminho pavimentado de cultura e sabedoria.

A todos que compartilharam conosco esta noite de lembranças, o nosso sincero obrigado. Que a memória de Ofélia e de todos os nossos queridos acadêmicos falecidos continue a nos guiar e fortalecer.

Declaro encerrada essa Sessão da Saudade.

Muito obrigado e boa noite.



AMOR POR ITAPEMA

Por Ofélia Terezinha Baldan, 2006

Eu amo esta terra,
a terra que eu vivo
onde estou já há quase
bons vinte anos!
Aqui amo, sonho,
e tenho meus ganhos.

Amo este chão de areias claras,
este lindo mar de azul profundo,
seus montes, suas matas,
amo este recanto lindo do mundo.

*Tenho amor pela terra onde vivo
e por toda sua gente,
por suas belezas raras,
pelos verões tão quentes!*

*Amo até o seu inverno
que todos os anos se repete,
amo o outono de frutos tantos
e a primavera cheia de encantos!*

*Amo a você Itapema,
e este amor se completa
em teu céu azul anil,
Itapema está em Santa Catarina
no sul de nosso Brasil.*







CADEIRA N° 09



Luiza Machado dos Santos

* 21/06/1927

+ 29/10/2024

CERIMONIAL DA SESSÃO DA SAUDADE

Itapema (SC), 01 de julho de 2025

Presidente da Mesa: André Gobbo

I Abertura Oficial

Senhoras e senhores, membros da Academia Itapemense de Letras, familiares e amigos de Luiza Machado dos Santos aqui presentes, é com um misto de emoção e gratidão que me dirijo a vocês nesta noite.

Hoje, ao realizarmos a "Sessão da Saudade", somos convidados a um mergulho profundo no tempo e na memória, para relembrar e celebrar a vida de uma mulher extraordinária, cujo espírito indomável e cuja paixão pela literatura e pela cultura deixaram marcas indeléveis em nossos corações e na história desta Academia. Luiza Machado dos Santos não foi apenas uma ocupante de uma cadeira nesta casa de letras; ela foi a voz que ecoou a sabedoria, a mão que escreveu com fervor e a alma que pulsou com a generosidade de quem compartilha conhecimento sem reservas.

A importância desta cerimônia transcende a mera observância de um protocolo. Ela é o reconhecimento solene de que, embora a presença física de Luiza não mais caminhe entre nós, seu legado é

Antologia Literária. VOL. II

eterno e sua influência, inextinguível. A "Sessão da Saudade" é mais do que um adeus; é uma afirmação de continuidade, um tributo vibrante que reafirma os valores que ela tanto prezava e defendia.

Celebrar Luiza é honrar a essência desta Academia: o amor pela língua, a dedicação à arte da escrita e o compromisso inabalável com a cultura de nossa cidade. É também um momento de reflexão, onde cada um de nós é chamado a internalizar o exemplo de vida que ela nos deixou e a nos comprometermos a seguir seus passos na jornada de enriquecer o mundo com nossas palavras e ações.

Portanto, nesta sessão, convido todos a se unirem em um ato de respeito e veneração. Que possamos sentir a presença espiritual de Luiza Machado dos Santos enquanto compartilhamos suas memórias, suas obras e o amor que ela tinha pela vida. Que este encontro sirva para fortalecer os laços que nos unem como uma fraternidade de letras e para inspirar nossa futura caminhada, agora com uma cadeira vazia, mas plena de seu espírito imortal.

Vamos prosseguir com a cerimônia, lembrando que cada palavra dita, cada poema recitado e cada nota musical tocada aqui hoje é um fio tecendo a eternidade de Luiza na tapeçaria de nossa Academia.

II Leitura da Biografia

- Neste momento, convido a acadêmica **Estella Parisotto Lucas** para fazer a leitura da biografia da acadêmica homenageada.

LUIZA MACHADO DOS SANTOS, Uma biografia contada!

Por Estella Parisotto Lucas

Seus cabelos brancos me remetiam a um lugar de aconchego, um acalento em meu coração. Era uma doçura que havia em seu olhar, com uma sapequice no sorriso que ao mesmo tempo que me convidava para brincar, me ninava.

Assim era, para mim, a doce Luiza: uma linda força em alegria! Uma mistura de afetos. Uma confreira nas letras, uma amiga na hora de contar suas histórias, uma vovó, uma mulher lúcida e produtiva no auge dos seus 90 anos. Um exemplo, daqueles espelhos que encontramos ao longo do nosso caminhar.

Tivemos sorte! Eu tive e, dela, tenho indeléveis recordações!

Compartilho com vocês uma colcha de retalhos, daquelas alinhavadas com muito carinho e entregues para serem apreciadas. Afinal, esta história merece ser contada muitas e muitas vezes.

Luiza nasceu em 21 de junho de 1927 em Tijuquinhas, Biguaçu, um dos municípios mais antigos de Santa Catarina e parte atual da Grande Florianópolis. Mudou-se para Porto Belo ainda na década de 1930 e no final dos anos de 1940 para Itapema, cidade onde casou, constituiu sua família e viveu até a sua partida em 29 de outubro de 2024. Uma escritora que escolheu o Dia Nacional do Livro para a sua volta à Grande Morada.

Ainda sobre livros, lembro que Luiza publicou o seu primeiro livro, solo, de poesias em 2018. “Entre Versos e Rimas, Luíza”.

Rima era uma das grandes paixões da nossa Cora Coralina e Luiza fazia questão de ler as poesias que escrevia em rimas, com sua voz forte, uma de suas características mais marcantes.

Em 2022 Samara e eu fomos recebidas por ela para ouvi-la contar sobre suas memórias de como era Itapema antigamente. Seu relato pode ser visto no documentário “Nem te Conto”, disponibilizado gratuitamente nas redes sociais do projeto.

Peço licença e abro aspas para contar aqui um pouquinho do que ela nos contou:

“Há setenta anos passados eu vim para Itapema. Eu vim em 1949, vim removida de Bombas para cá. Mas é porque eu arrumei um namorado aqui. Eu sou natural de Florianópolis, mas vim para Porto Belo com seis anos de idade. Eu e a minha família.

As raízes da minha família são de lá. Meu avô paterno veio de Portugal por causa da guerra e a minha avó veio da Polônia. Eles vieram para Santo Antônio de Florianópolis.

O meu avô ajudou a acender os lampiões da cidade, que não tinha luz elétrica. Ele dizia que aquela praça da figueira ficava tão linda, tão linda com aqueles lampiões acesos!

O meu tio era coletor em Porto Belo. Um emprego estadual. Era ele quem pagava os professores. O meu tio um dia disse que a filha dele (a Áurea, que tinha se formado em Florianópolis) viria para cá dar aula no Araçá e precisava de uma pessoa para dar aula com ela. Meu tio disse para eu ir. Eu fiquei assustada: “Ai, tio, eu não vou não” e ele disse que eu ia sim. “Vai lá na escola, fala com a dona Maria

Brando, que eu já falei com ela. Você vai passar uns tempos ali com ela, dando aula junto para aprender e depois você vai dar aula sozinha.”

E aos 17 anos Luiza começou a lecionar, profissão que a acompanhou até a sua aposentadoria como, então, professora no Colégio Estadual Olegário Bernardes, de Itapema.

Como era de costume, Luiza leu uma de suas poesias antes de irmos embora e aqui, novamente, abro aspas.

“Não desanime,

*Procure não colocar limites em sua vida,
Procure sim, ouvir as notas harmoniosas
Do belo e do sublime canto.
Envolva-se com a natureza
Porque é só beleza.*

*Viva contente e alegre
Para espantar as preocupações,
Para aliviar as lutas.
E todas perturbações.*

*Mergulhe sua alma
Na alma da natureza.
Observe a luz do sol.
Goze com a suavidade da lua.
Contemple o esplendor das estrelas...*

*A vida é bela
Apesar das dores e contratemplos
Vamos aproveitar o que é bom,
O resto, voa com o vento...*



III Homenagens Especiais

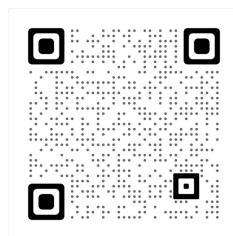
Neste momento, abrimos espaço para homenagens íntimas e pessoais, onde a voz de nossos acadêmicos e familiares se unem em tributo à nossa querida Luiza Machado dos Santos.

Obs. As homenagens são publicadas nas páginas que seguem.

IV Apresentações Culturais

Neste instante solene, a Academia Itapemense de Letras tem a honra de prestar uma homenagem coletiva à nossa inesquecível Dona Luiza. Para tal, apresentaremos um vídeo que evidencia a essência de sua trajetória.

*Assista a homenagem
escaneando o QR
Code ou acesse o
nossa Canal no
Youtube*



A VIDA NOS RESGATA CADA SURPRESA

Por Luiza Machado dos Santos, 2018

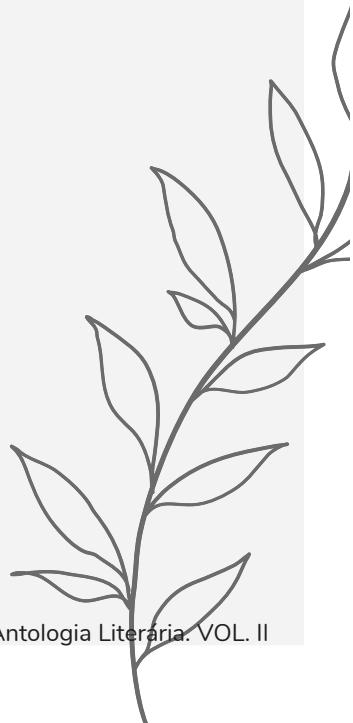
E dessa eu não esperava
Uma surpresa cultural
A qual, guardava na lembrança

As convivências, as saudades
De quantos momentos felizes junto dos
saudosos amigos
Companheiros e acadêmicos

Quando nos reuníamos
Não esperava um dia voltar
Mas as surpresas sempre aparecem
Para nos surpreender, sem a gente
esperar

E que surpresa!
Estava no meu cantinho
Triste... meio esquecida
Pensando, muitas vezes, em tudo e em
todos
Sentindo falta e saudades.
Doente, acreditava que a maioria de
minhas doenças é a falta dos amigos
culturais, que a gente não se viu jamais,
falta um bom papo amigo, falta de amor
no ramo cultural.

Falta daqueles encontros tão legais!



HOMENAGEM À LUIZA

Por Yasmin Skovrosnki, 2025

Querida Dona Luiza,

Hoje homenageamos a senhora.

Extremamente meiga e querida que encantava a todos com sua doçura e carisma.

Tenho certeza que todos que a cercavam a consideravam uma avó querida, daquelas que acolhem e tornam a vida mais leve.

Amava escrever suas poesias. E como escrevia com maestria.

Participava dos eventos dos escritores sempre com muita disposição e atenção.

Um dos exemplos mais bonitos que deixou foi a mensagem de nunca desistirmos dos nossos sonhos.

E a prova disso foi que realizou o sonho de publicar o seu livro aos 91 anos de idade.

No dia do lançamento de seu livro estava ainda mais radiante.

Ficamos muito felizes por participarmos desse momento especial.

Hoje celebramos, com ternura, o seu legado. Ao mesmo tempo, sentimos imensas saudades da senhora.

Nos conforta saber que o céu está em festa por ter te recebido, uma pessoa cheia de amor e alegria.

É com carinho que presto essa homenagem à senhora.

Sempre viverá em nossos corações! Continue nos iluminando e nos protegendo!

Com imenso carinho,

O SEU JEITO DE SER

Por Haroldo Augusto Moreira, 2025



Quanta delicadeza em seu caminhar
com passos sutis tateando a fragilidade
do caminho diante da sua grandeza de ser.
Somos acariciados por tão sábia longevidade.
Essa existência de exemplos fartos e ímpares
nos deixam esperançosos de também obter
o privilégio de chegarmos ao topo de onde está.

Seus feitos nos motivam pela magnitude extrema,
embora a simplicidade de seus atos seja amena.
Diante de tão pequena e angelical a sua estatura,
a aura sobrepuja os limites dos contextos literários.
A voz nítida e harmônica que soa com desenvoltura,
toca a sensibilidade e o bom gosto do ouvinte.
São versos autênticos que apraz os sentimentos,
ao ouvir como som de lira em acalantos de requinte.

Quem a conhece se conforta da sua gentil generosidade.
Orgulha-se por estar próximo da sapiência em pessoa,
tal é o deleite de se enriquecer da paz que tanto entrega.
Aos que desconhecem tem em mãos um livro aberto
com rico teor humanitário que no saber de todos ressoa.
Fácil de entender e com o talento da magistral poetisa.
Ao saborear cada página dessa obra o conhecimento
vem.
Sei dizer o seu nome, os poéticos a conhecem por Luiza.

Homenagem à Professora que plantou saberes no tempo

Por Ilda Helena Cezar

Nos tempos em que o giz era o único recurso, e os livros eram raros, havia uma mulher à frente de seu tempo. Com apenas 17 anos começou a lecionar, profissão esta que a levou até a sua aposentadoria. Nossa querida professora Luiza Machado dos Santos, cuja memória atravessa as décadas como um farol aceso na história da educação.

Com mãos firmes e coração generoso, ela ensinou muito além das letras e números. Ensinou, valores que não se encontram nos livros, mas na alma. Em um século em transformação, ela foi inspiração para muitos e coragem principalmente para as mulheres.

Em depoimentos informais, ela nos relatava o quanto primava pelas descobertas em sua sala de aula. Considerava seus alunos sementes que ela cultivou com paciência, ternura e disciplina. Hoje, com certeza, quem por ela passou carrega um pouco de sua sabedoria, humildade e alegria que era o que ela representava. Um legado invisível, porém imortal.

Neste tributo, celebramos não apenas o que ela ensinou, mas quem ela foi: uma mulher firme, apaixonada pelo saber e pelas letras, uma poetisa profundamente humana. Que seu nome continue sendo lembrado, não apenas nas páginas da história, mas nos gestos daqueles que, graças a ela, aprenderam a sonhar.

Dona Luiza, assim carinhosamente chamada, a senhora que desbravou a educação em Itapema com sua simplicidade e sabedoria leve consigo o título de Imortal que nós da Academia Itapemense de Letras e todos os seus, lhe consagramos.

Obrigada por tudo dona Luiza, sentiremos muito a sua falta!
Saudades e lembranças eternas!
Um grande abraço a todos os familiares e amigos.



Homenagem da família

Por Larissa Malu dos Santos

Olá, boa noite a todos presentes!

Meu nome é Larissa e a mim foi dada a bela – e também difícil – tarefa de discorrer brevemente sobre nossa avó, Dona Luiza.

Falar sobre a Luiza é falar, sempre, sobre vontade de viver. Nossa avó, nascida em 1927, em toda sua vida precisou lutar muito. Lutou contra o câncer do seu marido, Romeu, que faleceu ainda jovem; lutou para cuidar, viúva, dos cinco filhos – Carlos, Carmelita, Carmem, Carlete e Clóvis; viveu o luto do falecimento de suas duas filhas, Carmelita e Carlete; lutou, enfim, contra as adversidades que a vida foi colocando. E, apesar de tais adversidades, sempre soube que precisava superar os “poréns” da vida porque a ela cabia sua própria história. Fazia coisas por si. Escrevia, lia, produzia artesanatos, se inteirava das notícias do Brasil, conversava com todos que tinha oportunidade, gostava de sair, de estar junto da família. Estava sempre aprendendo. Era uma mulher que não se permitia ficar parada no tempo: queria sempre mais. Tinha fome de vida. Era curiosa por saber coisas novas e, da mesma forma, tinha uma vontade tremenda de ensinar para os outros o que sabia.

Antologia Literária. VOL. II

Quem nunca ouviu Dona Luiza explicando detalhadamente como havia preparado um prato de comida ou então um novo artesanato que havia “tirado da cabeça”, como ela dizia?! De certa forma, sabemos que esse seu desejo por continuar aprendendo e ensinando, por continuar viva, a manteve bem, ativa, forte por tanto tempo.

As estatísticas apontam: chegar aos 97 anos da forma como nossa avó chegou não é algo habitual, corriqueiro. Luiza passou da média, e muito. Ainda assim, para nós, sempre vai parecer que foi pouco. Sempre ficaremos com essa sensação de que poderia ter sido um pouco mais, de que ela poderia ter ficado mais conosco. Sua falta será sentida a cada aniversário, a cada data comemorativa, a cada conquista pessoal que nossa família estiver vivendo. Isso porque Dona Luiza sempre fez muita questão de se fazer presente. Gostava de saber o que estávamos fazendo, se estávamos bem. Gostava sobretudo de cuidar da gente. Nem sempre podia, evidentemente, mas, nos seus limites, tentava. Ela sabia muito bem demonstrar o amor e o cuidado que tinha por todos que passavam por ela: fosse cozinhando algo, escrevendo uma poesia temática para nós, telefonando no meio da semana, comprando uma lembrancinha... Ah, quem não irá sentir falta dos presentes engraçados que só Dona Luiza nos dava? E aí está também outro ingrediente fundamental na vida dessa mulher: seu humor, seu deboche cheio de carinho, certamente ajudaram nessa conta que a fez chegar tão longe. Ainda que houvesse momentos de tristeza, nossa avó sabia brincar, sorrir, alegrar como ninguém. Sua presença, mesmo nas ocasiões mais caóticas, dava jeito, ao fim, de nos tirar algumas risadas.

Se hoje estamos aqui homenageando Dona Luiza é porque ela foi uma mulher de fato inesquecível. Sua força, sua criatividade, sua alegria, seu amor pela vida são só alguns dos pontos que fizeram dela um ser humano incrível, incrível por sua humanidade.

Professora, enfermeira, poeta, artesã são algumas das formas como ela se apresentou ao longo de sua vida. Entre ser mãe, avó, tia, irmã encontrava tempo para exercer aquilo que de que gostava. Gostava de arte. Fosse pelas palavras, fosse por produções manuais. Acredito que vocês concordam conosco que poderíamos assim adjetivar Dona Luiza: arteira. Em todos os sentidos da palavra. No dicionário, assim aparece a definição dessa palavra: arteira, o mesmo que: viva, esperta, manhosa, astuta. Alguém que faz muitas travessuras. Uma menina, enfim, de 70, 80, 90, 97 anos que sempre adorou brincar. Brincar com a linguagem por meio de seus poemas; brincar com bucha, ao fazer seus artesanatos dos mais variados tipos; brincar com calha, com papelão, com tudo aquilo que ela julgasse poder tirar algum proveito. Brincar com a gente. Ser travessa, moleca, pregar mentiras só para nos ver perder o prumo e rir da gente, com a gente. Sabemos que muitas situações da vida não permitiram que esse lado travesso pudesse aparecer. Que ela teve de passar por muitas situações difíceis e que o dia a dia poderia, por vezes, ser um tanto pesado para ela. Porém, em nossas lembranças, é dessa vó que iremos lembrar porque sabemos que essa criança moleca sempre foi a essência da Dona Luiza.

Por fim, foi sua brincadeira, seu jeito leve de viver a vida quando assim as circunstâncias permitiam, sua curiosidade sobre o mundo que a tornaram essa pessoa tão amada por todos nós. Seu brilho no olhar, sua forma de nos fazer ficar perplexos pensando o quanto ela era inteligente, o quanto ela tinha sacadas surpreendentes para uma mulher da idade dela, sua capacidade de nos fazer olhar para a vida de outra forma e de também nos impulsionar a viver é o que, no fundo, nos traz aqui. Não temos dúvidas de que todos nessa sala, de um jeito ou de outro, admiraram muito a mulher que nossa avó foi, por qualquer que seja a razão. Ela foi e sempre será para nós um exemplo de força, de alegria, de inspiração. E, assim sendo, não temos dúvidas de que a melhor forma de honrar o que nossa avó nos ensinou durante toda vida é fazer o que ela faria em nosso lugar:

viver. Fazer aquilo que nos faz bem, estar perto de quem amamos, cuidar e zelar de quem gosta de nós. Aproveitar, da melhor forma possível, a vida que ainda possuímos. Foi isso que ela, ao longo de seus 97 anos, fez.

Finalizamos nossa fala agradecendo a todos que sempre trataram nossa avó com tanto carinho e respeito, que sempre valorizaram a pessoa que ela foi e que nos trouxeram hoje até aqui. Agradecemos a Academia Itapemense de Letras pela realização do evento e todos que estiveram envolvidos nessa organização.

Obrigada!



Tributo à Luiza: A poesia da sua vida continua em nós.

Por André Gobbo

Meus cumprimentos aos filhos e às filhas,
Netos e bisnetos.

Familiares e amigos da Dona Luzia.

Meus queridos confrades e confreiras da Academia Itapemense de Letras.

Minhas senhoras e meus senhores,

Hoje, reunimo-nos para celebrar a vida e honrar a memória de uma mulher extraordinária que nos deixou uma marca indelével. Dona Luiza não morreu, ela serenou! A mulher pequenina mas forte, alegre, guerreira, cuja força inspirava e nos fazia querer envelhecer com a mesma graça e vitalidade que ela, finalmente foi vencida pela única certeza que temos na vida. Mas pelo que foi em vida, pelo tudo o que viveu e sobreviveu, pelas crianças que educou, pelos enfermos que atendeu, pelas mortes que chorou, pelas poesias que escreveu, pelas amizades que cultivou, Dona Luiza certamente permanecerá viva entre nós.

Aos 97 anos, nossa decana, deixou vaga a cadeira n. 09 da Academia Itapemense de Letras, local que lhe enchia de orgulho estar. Era sempre uma das mais animadas, sempre disposta a declamar suas poesias! Entre nós, seus confrades e confreiras, Dona Luiza sempre foi aquele tipo de mulher radiante, que até mesmo frente às dores e dificuldades pessoais, transbordava o mais puro e verdadeiro amor. O amor pela vida e pela poesia!

Confesso que para mim, em particular, mesmo que distante, Dona Luiza era muito mais do que uma amiga ou colega de academia. Na dedicatória do seu livro que tem lugar sagrado entre meus, dentre outras coisas que ela me escrevera, consta: "Ofereço ao meu querido e amado amigo-neto, com muitas saudades. Este [livro] pertence a nós dois, mais do que a ninguém. Leia com muito orgulho! [...] Onde a amizade funciona mais alto, nunca, nunca, nunca, será esquecido!"

Hoje, com a realização desta Sessão da Saudade, Luiza sai de cena para desfrutar da imortalidade. A cadeira que ela honrosa e orgulhosamente ocupou nestes últimos 24 anos de sua vida, fica vazia, mas quem a suceder certamente sentirá sempre o peso de honrar e imortalizar essa grande e inigualável mulher que ela foi não apenas para nós, mas também para essa terra e essa gente de Itapema a quem ela sempre amou e se doou.

Fora dos protocolos da Academia, compete a cada um de nós manter viva toda a sua história. Seu legado serve-nos de exemplo para vivermos com a mesma paixão e entrega que ela própria escrevera no seu livro "Entre versos e rimas eu me encontrei e fiz minha arte através de poesias, de centelhas de luzes, que iluminaram a minha mente". Sejamos tão sábios como Luiza, para desfrutar e enfeitar a vida que nos resta, com arte e poesia!

Aos familiares, em nome da Academia Itapemense de Letras, nesse momento de nostalgia, agradeço pela presença e registro as minhas homenagens. Tenham a certeza de que vocês fizeram tudo o que podiam para fazê-la feliz! Dentre as centenas, senão milhares de poesias que Dona Luiza nos deixou, escolhi uma que achei oportuno compartilhar neste momento por ser uma prece que, acredito eu, calha bem nesse rito de saudade. Por favor, fechem os olhos e escutem a voz inconfundível de Luiza!

*Senhor! Quero agradecer com todo amor e carinho
pelo que já enfrentei,
Por tantas graças recebidas no decorrer de minha
vida.*

*Por ter a oportunidade de viver todos esses anos,
Por mais e mais...*

Por intermédio do conhecimento

[Quero Te] Dar graças por tantos acontecimentos.

[Quero] Dar [Te] graças por minha existência.

*Dar [Te] graças pelo ar que [respirei], pelas boas
ações [que fiz].*

*Perdão por aquelas que deixei de fazer e,
pelo [meu] receio de viver.*

[Quero] Dar graças pelas boas fases:

De criança,

Adolescente,

Mulher,

Mãe.

De educar meus filhos no Teu amor.

*De educar filhos que não foram meus, mas sim,
Como professora.*

*[Quero] Dar graças por enfrentar muitas vezes,
desilusões.*

Por entender melhor.

Por saber perdoar nas horas certas.

Por ter o dom de amar, amar, amar...

Por esta natureza infinita que nos cerca.

Por me doar sem nada em troca esperar.

Pelo dom de escrever e no papel desabafar.

Meus irmãos e minhas irmãs!

Recordo-me das palavras que ela, com sua inigualável sabedoria, me confiou: "Onde a amizade ressoa mais forte, jamais será relegada ao esquecimento." Dona Luiza, era a encarnação do amor, da bravura e da fé. Apesar da saudade que sentimos, rendemos graças pela sua vida, que em nossos corações permanecerá eternamente viva, jamais esquecida.

Agradecendo a presença de todos que se dignaram em reservar esse tempo para homenagear este baluarte itapemense que foi Luiza, declaro encerrada essa Sessão da Saudade, que se constituiu em um tributo à nossa amada Dona Luiza! À ela, somente à ela, nossos aplausos por essa vida que aqui não se encerra, pois pelas suas poesias, Luiza venceu a morte e se fez imortal. Declaro vaga a cadeira número 9 da Academia Itapemense de Letras.

Boa noite a todos, e muito obrigado!





GALERIA DOS PRESIDENTES

Diretorias

2000 - 2025

Ao longo de sua trajetória, a Academia Itapemirense de Letras foi conduzida por mulheres e homens comprometidos com a cultura, a educação e a valorização da literatura em nossa cidade. Nesta galeria, prestamos justa homenagem àqueles que, entre 2000 e 2025, integraram as diretorias e assumiram a presidência desta instituição, dedicando seu tempo, saber e sensibilidade à consolidação e ao crescimento da Academia.

Cada nome aqui registrado representa um capítulo da nossa história comum — feita de encontros, ideias e realizações. A todos e todas, nossa gratidão e reconhecimento.



GALERIA DOS PRESIDENTES



2000 - 2002

André Gobbo

Vice: Francisco Antônio dos Anjos

1 Secretária: Iara de Oliveira

2 Secretária: Maria de Lourdes
Cardoso Mallmann

Tesoureira: Ilda Helena Cezar



2002 - 2004

Maria de Lourdes Mallmann

Vice: Carlos Higbie

1 Secretária: Marileide Lonzetti

2 Secretária: Juely Anete Tortato

Tesoureira: Ilda Helena Cezar



GALERIA DOS PRESIDENTES



2004 - 2006

Marileide Lanzetti

Vice: Marilê Lourenço

1º Secretária: Ilda Helena Cezar

2º Secretário: Magnus Francisco

Antunes Guimarães

Tesoureiro: Pedro de Quadros Du Bois



2006 - 2008

Ilda Helena Cezar

Vice: Francisco Antônio dos Anjos

1º Secretária: Maria de Lourdes Cardoso
Mallmann

2º Secretário: Eduardo Francisco Barbosa

Tesoureira: Vera Regina Wolf Schüssler



GALERIA DOS PRESIDENTES



2008 - 2010

Pedro de Quadros DuBois

Vice: Ivo Gomes de Oliveira

1º Secretária: Marilê Lourenço

2º Secretária: Joely Anete Tortato

Tesoureira: Ilda Helena Cezar



2010 - 2012

Maira G. F. Kelling

Vice: Francisco Eduardo Barbosa

1º Secretário: Francisco Antônio dos Anjos

2º Secretário: Francisco Eduardo Barbosa

Tesoureiro: Magnus Francisco Antunes Guimarães



GALERIA DOS PRESIDENTES



2020 - 2024

Estella Parisotto Lucas

Vice: Magnus Francisco Antunes Guimarães

1º Secretária: Tatiana Testoni Coelho

2º Secretário: Francisco Antônio dos Anjos

Tesoureira: Ilda Helena Cezar



2025 - 2026

André Gobbo

Vice: Ilda Helena Cezar

1º Secretária: Marileide Lonzetti

2º Secretária: Maristela Oliveira Rocha

Tesoureira: Estella Parisotto Lucas





CADEIRAS, PATRONOS E MEMBROS

Galeria

2000 - 2025

A estrutura da Academia Itapemorense de Letras se fundamenta em cadeiras ocupadas por membros efetivos, cada uma delas vinculada a um patrono ou patronesse — figura de relevância histórica, literária ou cultural escolhida como inspiração e referência.

Esta configuração honra a tradição das academias de letras, preservando a memória daqueles que contribuíram para o legado cultural de nossa cidade, de nosso estado e de nosso país. Ao mesmo tempo, reconhece o trabalho dos acadêmicos e acadêmicas que, no presente, dão continuidade a esse legado com dedicação e produção intelectual.

Nesta seção, apresentamos as cadeiras, seus respectivos patronos e os nomes daqueles que as ocuparam ao longo da história da entidade.



CADEIRAS, PATRONOS E MEMBROS

As imagens dos patronos e patronesses foram reproduzidas e/ou recuperadas com o uso de Inteligência Artificial

CADEIRA 1

Patrono



Machado de Assis

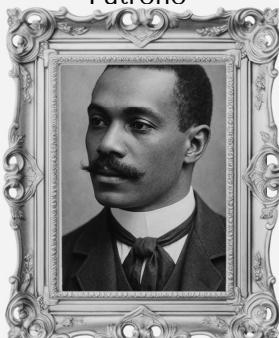
Titular



Maristela Oliveira
Rocha

CADEIRA 2

Patrono



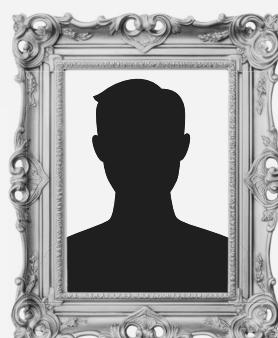
João Cruz e Souza

Fundadora



Maria de Lourdes
Cardoso Mallmann

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 3

Patronesse



Ana de Jesus Ribeiro

Fundadora



Juely Anete Tortato

CADEIRA 4

Patrono



Assis Chateaubriand

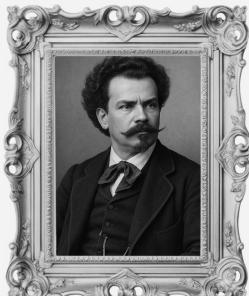
Fundador



Carlos Higbie

CADEIRA 5

Patrono



Carlos Gomes

Fundadora



Ofélia Terezinha Baldan

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 6

Patrono



Lindolf Bell

Fundadora



Marilê Lúcia Dinon

CADEIRA 7

Patrono



Paulo Fernando de
Araújo Lago

Fundador



Francisco Antônio dos
Anjos

CADEIRA 8

Patrono



Dom José Gomes

Fundador



André Gobbo

CADEIRA 9

Patrono



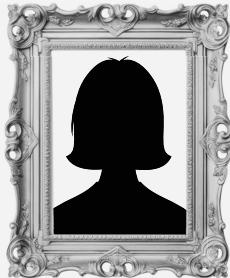
Celso Ramos

Fundadora



Luiza Machado dos Santos

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 10

Patrono



Visconde de Taunay

Fundadora



Marileide Lonzetti

CADEIRA 11

Patrono



Holdemar Menezes

Fundadora



Iara de Oliveira

CADEIRA 12

Patrono



Odilon Lunardelli

Titular



Cássia Cristina da Silva

CADEIRA 13

Patrono



Franklin Cascaes

Titular



Tatiana Testoni Coelho

CADEIRA 14

Patrono



Alcides Buss

Titular



Zeni Maria de Oliveira

CADEIRA 15

Patronesse



Delminda Silveira de Souza

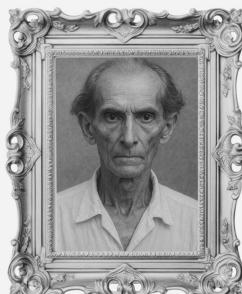
Titular



Maira Gledi Freitas Kelling

CADEIRA 16

Patrono



Ernâni Rosas

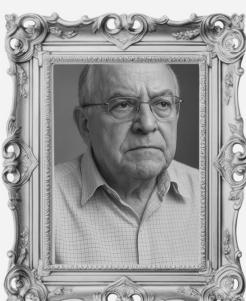
Sucessor 1



Vago

CADEIRA 17

Patrono



João Paulo Silveira de Souza

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 18

Patrono



Jerônimo Francisco
Coelho

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 19

Patronesse



Urda Alice Klueger

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 20

Patrono



Harry Laus

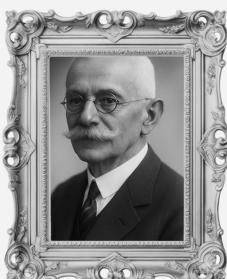
Titular



Vera Regina Wolf
Schüssler

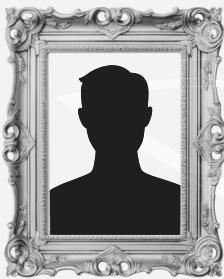
CADEIRA 21

Patrono



Henrique Boiteux

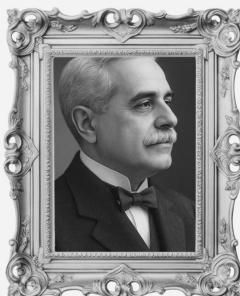
Sucessor 1



Vago

CADEIRA 22

Patrono



Hercílio Luz

Sucessor 1



Pedro de Quadros Du Bois

Titular



Haroldo Augusto Moreira

CADEIRA 23

Patrono



Hugo Mund Júnior

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 24

Patrono



Paschoal Apóstolo
Pítscica

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 25

Patrono



Fernando José Karl

Titular



Ivo Gomes de
Oliveira

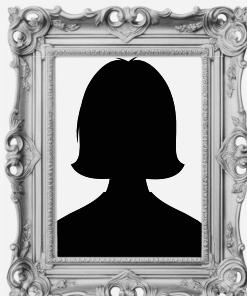
CADEIRA 26

Patronesse



Júlia da Costa

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 27

Patrono



Lauro Severiano
Müller

Fundadora



Ilda Helena Cezar

CADEIRA 28

Patrono



Luis Delfino dos
Santos

Titular



Rosana Manoel

CADEIRA 29

Patrono



Marcos Konder Reis

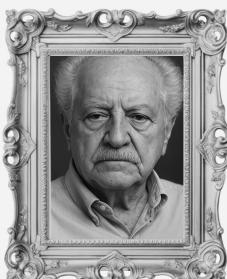
Sucessor 1



Vago

CADEIRA 30

Patrono



Salim Miguel

Titular



Samara Miranda

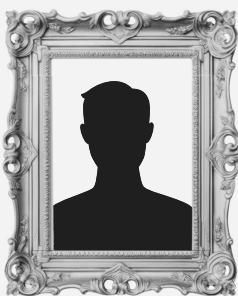
CADEIRA 31

Patrono



Álvaro Augusto de
Carvalho

Sucessor 1



Vago

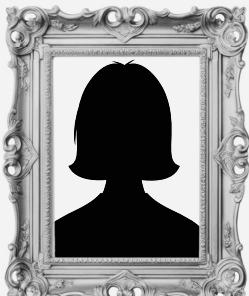
CADEIRA 32

Patronesse



Maura de Senna
Pereira

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 33

Patrono



Oswaldo Rodrigues
Cabral

Titular



Estella Parisotto Lucas

CADEIRA 34

Patrono



Paulo Markun

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 35

Patrono



Raulino Reitz

Titular



Magnus Francisco
Antunes Guimarães

CADEIRA 36

Patrono



Silvio Péllico de
Freitas Noronha

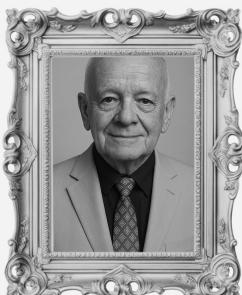
Sucessor 1



Vago

CADEIRA 37

Patrono



Donald Schüler

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 38

Patrono



Victor Meirelles de
Lima

Titular



Francisco Eduardo
Barbosa

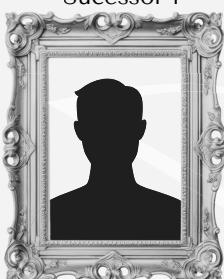
CADEIRA 39

Patronesse



Lausimar Laus

Sucessor 1



Vago

CADEIRA 40

Patronesse



Antonieta de Barros

Titular



Sabino Bussanello

MEMBRO HONORÁRIO



Paschoal Apóstolo
Pítscia (2000)



EDITORAS BECALETE
Livros e Encantos

Valorizar o autor nacional é a nossa missão!
Impresso no Brasil